



Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Ciências da Educação
na Especialidade em Domínio Cognitivo-Motor

A sobredotação como necessidade educativa especial:
conhecer, identificar e intervir no ensino regular
- perspetivas e práticas pedagógicas dos docentes do 1º ciclo
do ensino básico

Carla Patrícia Ribeiro Brandão

Lisboa, julho de 2012



Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Ciências da Educação
na Especialidade em Domínio Cognitivo-Motor

A sobredotação como necessidade educativa especial:
conhecer, identificar e intervir no ensino regular
- perspetivas e práticas pedagógicas dos docentes do 1º ciclo
do ensino básico

Carla Patrícia Ribeiro Brandão

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação João de Deus com
vista à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação na
Especialidade de Educação Especial: Domínio Cognitivo e Motor sob a
orientação da
Professora Doutora Cristina F. Saraiva Pires Gonçalves

Lisboa, julho de 2012

Resumo

A sobredotação é uma problemática ainda pouco clara para a comunidade educativa e a sociedade em geral, justificando-se uma preocupação crescente pela sua desmitificação, delimitação do conceito, diagnóstico e intervenção educativa. O atendimento educativo aos alunos sobredotados tem originado as mais diversas pesquisas e reflexões conducentes a uma maior consciencialização das especificidades destes alunos e, conseqüentemente, a uma atuação mais coerente dos professores e demais agentes educativos. No entanto, a complexidade e multidimensionalidade da sobredotação e a falta de consenso em relação à sua definição surgem como entraves à identificação e conseqüente intervenção educativa com alunos sobredotados adequada à especificidade de cada caso. É função de todos os docentes promover práticas educativas que visem a igualdade de oportunidades, recorrendo a estratégias adequadas às necessidades de todos e de cada aluno, e aplicar os normativos legais que contemplam as crianças com necessidades educativas especiais, incluindo os sobredotados.

O atendimento à criança sobredotada no contexto de escola inclusiva constitui o núcleo de estudo da presente dissertação, e, considerando o professor o agente educativo que mais diretamente influi nesse atendimento, estabelecem-se como objetivos analisar os conhecimentos, práticas e percepções dos professores do ensino regular relativamente à sobredotação, no sentido de contribuir para uma correta identificação e intervenção educativa com estes alunos. Como instrumento de investigação foi elaborado um questionário, o qual foi respondido por uma amostra composta por 178 professores do primeiro ciclo do ensino básico. Da análise dos dados obtidos conclui-se que os professores do 1º ciclo pensam não ter formação para a prática docente no âmbito da educação especial e consideram a legislação relativa à prática docente com alunos sobredotados inadequada. Apesar das dificuldades sentidas ao nível da formação e adequação das escolas no atendimento aos sobredotados, os inquiridos demonstram um elevado nível de conhecimento das características dos sobredotados e das práticas inclusivas a aplicar com estes alunos.

Palavras-chave: sobredotação, diagnóstico, identificação, intervenção educativa, práticas educativas inclusivas, inclusão.

Abstract

Giftedness is a problem still unclear for the educational community and society in general, which justifies a growing concern to explain its demystification, definition of concept, diagnosis and educational intervention. The providing education to gifted students has caused the most diverse research and reflection, leading to a greater awareness of the specificities of these students and, consequently, a more consistent performance of teachers and other educators. However, the complexity and multidimensionality of giftedness and the lack of consensus on its definition appear as obstacles to the identification and subsequent educational intervention according to the specific needs of each case. All teachers should provide education practices aimed at promoting equal opportunities, using appropriate strategies to the needs of each and every student, and apply the legal norms that include children with special educational needs, including the gifted.

The gifted child care, in the context of the inclusive school, is the core of this dissertation work, and considering the teacher as the agent of education that most directly affects the service, the objectives must be established to examine the knowledge, practices and perceptions of regular teachers in order to contribute to the correct identification and educational intervention with these students. As a research tool a questionnaire was developed, it was answered by a sample of 178 teachers in primary education. The analysis of the data obtained concluded that the primary teachers think that they don't have training for teaching in special education, and consider inadequate the legislation regarding the practice of teaching gifted students. Despite the difficulties in training and suitability of schools in serving gifted students, respondents demonstrated a high level of knowledge of the characteristics of gifted and inclusive practices to be applied to these students.

Keywords: giftedness, diagnosis, identification, educational intervention, inclusive education practices, inclusion.

“Se puderes,
Sem angústia e sem pressa.
E os passos que deres,
Nesse caminho duro
Do futuro,
Dá-os em liberdade.
Enquanto não alcançares
Não descanses
De nenhum fruto queiras só metade.”

Miguel Torga, Diário XIII

Agradecimentos

Aos meus pais e ao Rui pelo encorajamento, paciência, dedicação e compreensão.

À minha orientadora, Professora Doutora Cristina Saraiva, pela atenção, disponibilidade e encorajamento.

Ao Doutor Horácio Saraiva pelos caminhos apontados.

Aos professores que contribuíram com as suas respostas ao inquérito.

A todos os que, direta ou indiretamente, me acompanharam ao longo deste percurso e contribuíram para a concretização desta dissertação.

Siglas

ACCORD	Able Children Clwyd and Oxfordshire Research and Development
ANEIS	Associação Nacional para o Estudo e Intervenção na Sobredotação
CPCIL	Centro Português para a Criatividade, Inovação e Liderança
DEB	Departamento de Educação Básica
DREER	Direção Regional de Educação Especial e Reabilitação
GEP	Gabinete de Estudos e Planeamento
LBSE	Lei de Bases do Sistema Educativo
QI	Quociente de Inteligência
RAM	Região Autónoma da Madeira
WISC	Wechsler Intelligence Scale for Children

Índice

Introdução	- 20 -
-------------------------	---------------

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	- 23 -
--	---------------

Capítulo 1 – Abordagem concetual da sobredotação	- 24 -
---	---------------

<i>1.1 - Abordagem histórica do conceito de sobredotação</i>	<i>- 25 -</i>
--	---------------

<i>1.2 – Modelos explicativos do conceito de sobredotação.....</i>	<i>- 27 -</i>
--	---------------

1.2.1 - Teoria Triárquica da Inteligência	- 28 -
---	--------

1.2.2 - Modelo Diferenciado de Sobredotação e Talento	- 28 -
---	--------

1.2.3 - Teoria das Inteligências Múltiplas	- 28 -
--	--------

1.2.4 - Conceção de Sobredotação dos Três Anéis	- 29 -
---	--------

1.2.5 - Modelo Multifactorial da Sobredotação.....	- 29 -
--	--------

<i>1.3 – Conceito de sobredotação.....</i>	<i>- 30 -</i>
--	---------------

<i>1.4 - Mitos e realidades sobre a sobredotação</i>	<i>- 31 -</i>
--	---------------

Capítulo 2 – Caracterização e Identificação de Crianças Sobredotadas.....	- 35 -
--	---------------

<i>2.1 - Características das crianças sobredotadas</i>	<i>- 36 -</i>
--	---------------

<i>2.2 - Identificação das crianças sobredotadas</i>	<i>- 41 -</i>
--	---------------

Capítulo 3 – Organização da intervenção educativa	- 45 -
--	---------------

<i>3.1 – Enquadramento Legal.....</i>	<i>- 46 -</i>
---------------------------------------	---------------

<i>3.2- A sobredotação em Portugal</i>	<i>- 48 -</i>
--	---------------

<i>3.3 – A intervenção educativa com alunos sobredotados</i>	<i>- 48 -</i>
--	---------------

3.3.1 – Necessidades educativas dos alunos sobredotados	- 49 -
---	--------

3.3.2 – Organização geral da intervenção educativa	- 54 -
--	--------

3.3.2.1 – Aceleração	- 54 -
----------------------------	--------

3.3.2.2 – Agrupamento	- 57 -
-----------------------------	--------

3.3.2.3. – Enriquecimento.....	- 58 -
--------------------------------	--------

3.4 – <i>O papel do professor do ensino regular</i>	- 59 -
3.4.1 – A formação/perfil do professor	- 59 -
3.4.2 – Diagnóstico, identificação e sinais observáveis em contexto de sala de aula	- 60 -
3.4.3 – Intervenção através do desenho e aplicação de planos de estudo adequados	- 61 -
3.5 – <i>Inadaptação do aluno à escola Versus inadaptação da escola ao aluno:</i>	
<i>Consequências da falta de atendimento adequado</i>	- 64 -
PARTE II – ENQUADRAMENTO EMPÍRICO	- 67 -
Capítulo 1 – Metodologia de investigação	- 68 -
1.1 – <i>Introdução</i>	- 69 -
1.2 – <i>Hipóteses</i>	- 69 -
3 – <i>Objetivos</i>	- 70 -
1.4 – <i>Instrumentos de Investigação</i>	- 71 -
1.5 – <i>Amostra</i>	- 73 -
1.6 – <i>Procedimentos Estatísticos</i>	- 73 -
Capítulo 2 - Apresentação dos Resultados	- 75 -
2.1 – <i>Introdução</i>	- 76 -
2.2 - <i>Caracterização da amostra</i>	- 76 -
3– <i>Dados de opinião</i>	- 87 -
3.1 – A criança sobredotada	- 87 -
3.2 – A criança sobredotada em contexto de escola inclusiva	- 97 -
Capítulo 3 - Discussão dos Resultados	- 119 -
3.1 - <i>Introdução</i>	- 120 -
3.2 – <i>Caracterização da amostra</i>	- 120 -
3.3 – <i>Dados de opinião</i>	- 120 -
Conclusão	- 124 -

Linhas Futuras de Investigação.....	- 127 -
Referências bibliográficas	- 128 -
Referências Webgráficas	- 131 -
ANEXOS.....

Índice de quadros

Quadro 1 – Características das crianças sobredotadas.....	-39-
Quadro 2 – Processos de identificação e suas limitações	-43-
Quadro 3 - Exemplos de características potenciais do aluno sobredotado.....	-49-
Quadro 4 - Características potenciais do aluno sobredotado (Projeto ACCORD).....	-50-
Quadro 5 – Modalidades de aceleração	-54-
Quadro 6 - Vantagens e desvantagens da aceleração	-56-
Quadro 7 - Vantagens e desvantagens do agrupamento	-57-
Quadro 8 - Vantagens e desvantagens do enriquecimento	-59-
Quadro 9 – Estratégias e atividades a desenvolver com alunos sobredotados no contexto escolar	-61-

Índice de gráficos

Gráfico 1- Distribuição dos sujeitos da amostra em função do género	-76-
Gráfico 2- Distribuição dos sujeitos da amostra em função da idade	-77-
Gráfico 3- Distribuição dos sujeitos da amostra em função das habilitações académicas	-78-
Gráfico 4- Distribuição dos sujeitos da amostra em função da situação profissional	-79-
Gráfico 5- Distribuição dos sujeitos da amostra em função do tempo de serviço	-80-
Gráfico 6- Distribuição dos sujeitos da amostra em função da especialização em educação especial	-81-
Gráfico 7- Distribuição dos sujeitos da amostra em função da formação creditada na área da educação especial.....	-82-
Gráfico 8- Distribuição dos sujeitos da amostra em função da necessidade de ter formação na área da educação especial	-83-
Gráfico 9- Distribuição dos sujeitos da amostra em função da experiência de lecionação com crianças sobredotadas	-84-
Gráfico 10- Distribuição dos sujeitos da amostra em função da experiência com planos de desenvolvimento	-85-
Gráfico 11- Distribuição dos sujeitos da amostra em função do conhecimento do despacho normativo nº 50/2005	-86-

Gráfico 12 - As crianças sobredotadas possuem um potencial global que as tornam sobredotadas em todas as áreas académicas	-87-
Gráfico 13 - As crianças sobredotadas são curiosas, não aceitando respostas ou avaliações superficiais	-88-
Gráfico 14 - As crianças sobredotadas são persistentes na realização e finalização das tarefas	-89-
Gráfico 15 - As crianças sobredotadas integram-se facilmente, assumindo papéis de relevo social entre os pares e demonstrando felicidade	-90-
Gráfico 16 - As crianças sobredotadas aborrecem-se perante a realização de tarefas de rotina	-91-
Gráfico 17 - As crianças sobredotadas apresentam juízo crítico face às suas capacidades e às dos outros	-92-
Gráfico 18 - As crianças sobredotadas tornam-se, inevitavelmente, adultos bem sucedidos e criadores	-93-
Gráfico 19 - As crianças sobredotadas revelam elevado interesse e preocupação pelos problemas do mundo	-94-
Gráfico 20 - Todos os sobredotados têm características semelhantes constituindo um grupo homogéneo	-95-
Gráfico 21 - As crianças sobredotadas revelam tendência para assumir a responsabilidade perante as situações	-96-
Gráfico 22 - A legislação portuguesa é clara no que concerne ao atendimento educativo às crianças sobredotadas	-98-
Gráfico 23 - A legislação portuguesa está adequada ao atendimento das necessidades educativas especiais das crianças sobredotadas	-99-

Gráfico 24 - As escolas portuguesas estão preparadas, com materiais e técnicos especializados, para atender às necessidades educativas das crianças sobredotadas	-100-
Gráfico 25 - Os centros de formação de escolas possuem oferta formativa no âmbito da educação especial	-101-
Gráfico 26 - As crianças sobredotadas devem ser incluídas em turmas do ensino regular-	102-
Gráfico 27 - Para conseguir sucesso educativo, as crianças sobredotadas devem usufruir de um plano de desenvolvimento e de estratégias educativas diversificadas planificadas pelo professor do ensino regular	-104-
Gráfico 28 - Os professores do ensino regular possuem formação/conhecimentos para identificar crianças sobredotadas	-105-
Gráfico 29 - Os professores do ensino regular possuem formação/conhecimentos para trabalhar com crianças sobredotadas.....	-106-
Gráfico 30 - As crianças sobredotadas podem revelar dificuldades no desempenho escolar.....	-108-
Gráfico 31 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve criar situações problema que impliquem a investigação e a procura de soluções...-	109-
Gráfico 32 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve oferecer liberdade de escolha nos temas a abordar	-110-
Gráfico 33 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve ajudar a gerir o insucesso	-111-
Gráfico 34 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve evitar rotinas e repetições	-112-

Gráfico 35 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve estimular a criatividade na produção artística, facultando os meios necessários para tal -113-

Gráfico 36 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve aumentar o grau de responsabilidade face ao cumprimento de objetivos-114-

Gráfico 37 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve promover debates sobre temáticas de interesse geral-116-

Gráfico 38 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve estimular a superação de limites de uma determinada tarefa-117-

Índice de tabelas

Tabela 1- Análise estatística da amostra em função do género dos inquiridos.....	-77-
Tabela 2- Análise estatística da amostra em função da idade dos inquiridos.....	-78-
Tabela 3- Análise estatística da amostra em função das habilitações académicas dos inquiridos.....	-70-
Tabela 4- Análise estatística da amostra da amostra em função da situação profissional dos inquiridos.....	-80-
Tabela 5- Análise estatística da amostra em função do tempo de serviço dos inquiridos.....	-81-
Tabela 6- Análise estatística da amostra em função da formação especializada.....	-82-
Tabela 7- Análise estatística da amostra em função da formação creditada na área da educação especial	-83-
Tabela 8- Análise estatística da amostra em função da necessidade de formação na área da educação especial	-84-
Tabela 9- Análise estatística da amostra em função da experiência de lecionação com crianças sobredotadas	-85-
Tabela 10- Análise estatística da amostra em função da experiência com planos de desenvolvimento	-86-

Tabela 11- Análise estatística da amostra em função do conhecimento do despacho normativo nº 50/2005	-87-
Tabela 12 - As crianças sobredotadas possuem um potencial global que as tornam sobredotadas em todas as áreas académicas	-88-
Tabela 13 - As crianças sobredotadas são curiosas, não aceitando respostas ou avaliações superficiais	-89-
Tabela 14 - As crianças sobredotadas são persistentes na realização e finalização das tarefas	-90-
Tabela 15 - As crianças sobredotadas integram-se facilmente, assumindo papéis de relevo social entre os pares e demonstrando felicidade	-91-
Tabela 16 - As crianças sobredotadas aborrecem-se perante a realização de tarefas de rotina	-92-
Tabela 17 - As crianças sobredotadas apresentam juízo crítico face às suas capacidades e às dos outros.....	-93-
Tabela 18 - As crianças sobredotadas tornam-se, inevitavelmente, adultos bem sucedidos e criadores	-94-
Tabela 19 - As crianças sobredotadas revelam elevado interesse e preocupação pelos problemas do mundo	-95-
Tabela 20 - Todos os sobredotados têm características semelhantes constituindo um grupo homogéneo	-96-
Tabela 21 - As crianças sobredotadas revelam tendência para assumir a responsabilidade perante as situações	-97-
Tabela 22 - A legislação portuguesa é clara no que concerne ao atendimento educativo às crianças sobredotadas	-98-

Tabela 23 - A legislação portuguesa está adequada ao atendimento das necessidades educativas especiais das crianças sobredotadas	-99-
Tabela 24 - As escolas portuguesas estão preparadas, com materiais e técnicos especializados, para atender às necessidades educativas das crianças sobredotadas	-101-
Tabela 25 - Os centros de formação de escolas possuem oferta formativa no âmbito da educação especial	-102-
Tabela 26 - As crianças sobredotadas devem ser incluídas em turmas do ensino regular	-103-
Tabela 27 - Para conseguir sucesso educativo, as crianças sobredotadas devem usufruir de um plano de desenvolvimento e de estratégias educativas diversificadas planificadas pelo professor do ensino regular	-105-
Tabela 28 - Os professores do ensino regular possuem formação/conhecimentos para identificar crianças sobredotadas.....	-106-
Tabela 29 - Os professores do ensino regular possuem formação/conhecimentos para trabalhar com crianças sobredotadas	-107-
Tabela 30 - As crianças sobredotadas podem revelar dificuldades no desempenho escolar	-108-
Tabela 31 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve criar situações problema que impliquem a investigação e a procura de soluções ..	-109-
Tabela 32 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve oferecer liberdade de escolha nos temas a abordar	-110-
Tabela 33 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve ajudar a gerir o insucesso.....	-112-

Tabela 34 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve evitar rotinas e repetições.....-113-

Tabela 35 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve estimular a criatividade na produção artística, facultando os meios necessários para tal -114-

Tabela 36 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve aumentar o grau de responsabilidade face ao cumprimento de objetivos-115-

Tabela 37 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve promover debates sobre temáticas de interesse geral-116-

Tabela 38 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve estimular a superação de limites de uma determinada tarefa.....-117-

Índice de anexos

Anexo A – Questionário

Anexo B - Quadro 10 – Referências bibliográficas do questionário

Introdução

A problemática da sobredotação tem vindo a suscitar um interesse crescente na comunidade científica (cf. Almeida, Pereira, Miranda & Oliveira, 2003). Porém, aumenta a necessidade de conhecer mais acerca das crianças sobredotadas e dos contextos em que se desenvolvem (cf. Pereira, 2000).

A presente dissertação, no âmbito do Mestrado em Educação especial – Domínio Cognitivo e Motor da Escola Superior de Educação João de Deus, sob a orientação da Professora Doutora Cristina Saraiva, incide sobre a temática da sobredotação, nomeadamente do reconhecimento da criança sobredotada como portadora de necessidades educativas especiais, no contexto de escola inclusiva. A escolha do tema prendeu-se com a deficitária abordagem da sobredotação no âmbito das políticas educativas atuais bem como com a falta do seu conhecimento e aplicação no sistema de ensino.

Ao longo dos tempos tem-se vindo a assistir a um crescente interesse e preocupação com a problemática da sobredotação. Assiste-se, cada vez mais, à aceitação e respeito pela diversidade e a diferenciação humana, tal como pela coexistência da individualidade (cf. Winner, 1996).

Numa escola que se diz inclusiva torna-se essencial que, no âmbito de uma política socioeducativa de igualdade de oportunidades, se promova o atendimento necessário aos alunos mais capazes, no sentido de lhes permitir a excelência na aprendizagem e rendimento académico.

A problemática ganha maior visibilidade quando verificamos que, apesar das suas elevadas habilidades e desempenhos em certas áreas, muitos destes alunos passam despercebidos no sistema educativo, ou ainda aparecem identificados ao revelarem dificuldades de comportamento, desenvolvimento e de socialização.

De acordo com o Departamento de Educação Básica (DEB) (1998:7)

”Sobredotação constitui a expressão de um conjunto de fatores interactuantes que resultam na manifestação de um desempenho saliente. (...) O ambiente educativo em que se processa o desenvolvimento das crianças e, particularmente, a escola, joga um papel decisivo na sobredotação, cabendo-lhe a responsabilidade de criar oportunidade e experiências de aprendizagem favoráveis ao desenvolvimento e expressão da sobredotação.”

Assim, a sobredotação deve ser efetivamente enquadrada nas políticas de integração escolar, no âmbito das necessidades educativas especiais, dando, a estas crianças, respostas diversificadas, tais como a flexibilização e adequação curricular e métodos e estratégias de ensino adequadas.

Como referem Tourón e Reyere (2000), a educação dos sobredotados não pode ser considerada uma questão de elitismo nem de segregação, pois seria tão injusto tratar de forma diferente aqueles que são iguais como tratar de forma igual aqueles que são diferentes.

Valle (2001) defende que as crianças sobredotadas não estão a receber a devida atenção face às suas necessidades educativas, passando despercebidas quer na legislação, quer nos sistemas educativos.

Para proceder a um atendimento diferenciado a todas as crianças que a escola deve acolher, o professor deverá possuir uma formação adequada, com um grau de conhecimentos e competências que lhe permitam atender às características e necessidades de cada aluno em concreto. Desta forma, é necessário o desenvolvimento de formação contínua na área da educação especial de modo a contribuir para uma melhoria dos serviços prestados nas escolas regulares. Esta formação deve orientar-se para a organização da aprendizagem de grupos heterogéneos, com formação para atendimento, prevenção e deteção das necessidades dos alunos.

A presente dissertação tem como objetivo geral conhecer as perspetivas e práticas pedagógicas dos docentes do 1º ciclo face à problemática da sobredotação e da que forma como a criança sobredotada é atendida no contexto de escola inclusiva: (i) Estará a legislação adequada para atender a estas crianças? (ii) Estarão as escolas preparadas para responder às NEEs destas crianças? (iii) Será que os professores sabem o que é a sobredotação? (iv) Serão os professores capazes de diagnosticar e definir estratégias de intervenção com crianças sobredotadas?

Assim, definem-se como objetivos específicos: (i) compreender a temática da sobredotação; (ii) conhecer as características das crianças sobredotadas; (iii) conhecer o papel da escola no atendimento às crianças sobredotadas; (iv) conhecer o papel do professor na inclusão das crianças sobredotadas; (v) sensibilizar a comunidade educativa para a problemática da sobredotação.

Dada a vastidão da temática, muitas hipóteses poderiam ser formuladas, porém vamos cingir o nosso estudo à percepção dos docentes do 1º ciclo do ensino básico relativamente às características das crianças sobredotadas e até que ponto estão preparados para o processo de inclusão e atendimento dos alunos sobredotados no ensino regular. Assim, formularam-se as hipóteses: H1) Os professores do 1º ciclo consideram ter formação para a prática docente no âmbito da educação especial; H2) Os professores do 1º ciclo consideram a legislação relativa à prática docente com alunos sobredotados adequada; H3) A formação em educação especial dos professores do 1º ciclo influencia as suas práticas educativas inclusivas com alunos sobredotados e H4) Quanto maior for o conhecimento dos professores do 1º ciclo sobre a problemática da sobredotação melhores são as suas práticas educativas inclusivas.

Na sequência estrutural desta dissertação inclui-se uma primeira parte na qual se procede a uma revisão da literatura baseada em vários autores, sendo esta dividida em vários capítulos nos quais se aborda a temática da sobredotação sintetizando diversos conceitos sobre a temática, expondo a sua evolução histórica, explanando mitos, focando as características e necessidades educativas das crianças sobredotadas, analisando a legislação no que concerne a esta problemática, e explorando o papel da escola e do professor face a esta realidade.

Numa segunda parte procede-se ao estudo empírico definindo a metodologia de investigação, apresentando e discutindo os resultados.

Finalmente procede-se à definição das conclusões, abordando as principais linhas teóricas consideradas no trabalho, a síntese dos resultados obtidos e algumas ilações com base na sua análise, terminando com a determinação de linhas futuras de investigação.

Resumindo, a presente dissertação, além de contribuir para um conhecimento mais aprofundado da temática, pretende alertar para a reflexão sobre as práticas docentes com crianças sobredotadas.

Parte I – Enquadramento teórico

Capítulo 1 – Abordagem concetual da sobredotação

1.1 - Abordagem histórica do conceito de sobredotação

A problemática da sobredotação constitui, desde os primórdios das civilizações, um motivo de interesse e estudo, tendo o conceito de sobredotação vindo a sofrer significativa evolução ao longo dos tempos. Em todos os tempos, em todas as sociedades os povos notaram que algumas crianças aprendiam mais rapidamente, tinham melhor memória e resolviam problemas de forma mais eficiente. Atualmente essas crianças são chamadas sobredotadas (cf. Kirk e Gallanger, 1991).

Ao longo da história, cada civilização considerou o conceito de sobredotação de acordo com os seus padrões culturais. A definição adotada mostra-nos algo sobre os valores e o estilo de vida dessa cultura. Aquele que era considerado sobredotado numa sociedade primitiva é bem diferente daquele que é considerado sobredotado numa sociedade tecnológica atual. Na Grécia Antiga valorizavam o orador, enquanto que em Roma honrava-se o soldado e o engenheiro (cf. Kirk e Gallanger, 1991).

O sobrenatural foi apontado como a primeira causa explicativa para os elevados níveis de rendimento e execução deste grupo de pessoas (cf. Winner, 1996).

Confúcio foi, talvez, o primeiro filósofo a defender que deveriam ser oferecidas condições específicas às crianças com capacidades superiores com vista ao desenvolvimento adequado dessas mesmas capacidades (cf. Waddington, 1961 cit. por Bastos, 2009).

A civilização grega, já há mais de dois mil anos, salientava os indivíduos com inteligência superior (cf. Falcão, 1992). Platão, na sua obra *A República*, sugere a identificação e seleção de crianças com capacidades superiores, as chamadas *Crianças de Ouro*, para serem instruídas nas áreas das ciências, da filosofia e da matemática, no sentido de assumirem a liderança do estado grego (cf. Waddington, 1961 cit. por Bastos, 2009).

Já na antiguidade Alexandre Magno rodeava-se de jovens com competências elevadas, poupando-lhes a vida e aliciando os que pertenciam aos povos conquistados (cf. Silva, 1992).

Nos Estados Unidos da América a educação direcionada para as crianças sobredotadas iniciou-se em 1867, em escolas públicas de Nova Iorque, tendo, em 1900, sido criadas as classes de progresso rápido (cf. Colangelo e Davis, 1997 cit. por Antunes e Almeida, 2008).

No final do século XIX, o inglês Sir Francis Galton centrou as suas investigações no conceito de génio, tendo sido o primeiro a desenvolver uma definição para esta problemática, baseada em características e dados observáveis. Galton constatou, com base em biografia e observação direta de homens famosos e das suas famílias, que as capacidades e desempenhos dos seus familiares também eram bastante elevados (cf. Kirk e Gallangher, 1991). Do seu estudo resultou a obra *Hereditary Genius* na qual defende que a genialidade está determinada geneticamente e é hereditária. Apesar de estas investigações terem sido efetuadas com adultos proeminentes e importantes, constituíram um importante passo no estudo da genialidade e, conseqüentemente, da sobredotação (cf. Heward e Orlansky, 1992 cit. por Fonseca, 2010).

A palavra sobredotado foi usada pela primeira vez por Whipple para designar um indivíduo com capacidades acima da média, tornando-se popular durante a Primeira Guerra Mundial (cf. Stein, 1995 cit. por Bastos, 2009).

Lewis Terman, professor de psicologia da Universidade de Stanford, dedicou grande parte da sua vida à realização de um estudo longitudinal com 1528 crianças sobredotadas que identificou em 1920 em escolas públicas da Califórnia com dois objetivos: verificar quais as características representativas as crianças com QI elevado e analisar um padrão de desenvolvimento da sobredotação no ser humano até à idade adulta. Acompanhou o grupo durante trinta e cinco anos, até à sua morte em 1956. Do seu estudo resultou a publicação de cinco volumes da obra *Genetic Studies of Genius (1925-1959)* (cf. Kirk e Gallangher, 1991; Silva, 1992). Na identificação das crianças Terman usou a aplicação de testes de inteligência em grupo e indicações dos professores, tendo considerado para o mesmo os resultados de QI (quociente de inteligência) superiores a 140 na escala de Inteligência Stanford-Binet. As crianças da amostra pertenciam a famílias de elevados estratos socioeconómicos. Apesar da sua importância, este estudo não foi capaz de identificar as crianças sobredotadas com baixos resultados escolares ou tidas como mal comportadas pelos professores, pois baseou-se exclusivamente em níveis e estudou apenas crianças de raça branca e de estratos socioeconómicos elevados (cf. Kirk e Gallangher, 1991; Silva, 1992). Não obstante as lacunas apontadas a este estudo, Terman pode ser considerado como o precursor do estudo da sobredotação (cf. Kirk e Gallangher, 1991; Silva, 1992).

Na década de cinquenta do século XX, Bloom desenvolveu o primeiro modelo teórico aplicável à educação denominado de Taxonomia dos Objetivos da Educação, que

definia diferentes níveis e estímulos educacionais para o processo de pensamento, tais como: conhecimento, compreensão, aplicação, análise, síntese e julgamento. Na década seguinte, Guilford desenvolveu um segundo modelo teórico de processos de pensamento, denominado de estrutura do intelecto, o qual dividiu as capacidades humanas em três dimensões principais: conteúdo, produto e operação (cf. Kirk e Gallanger, 1991).

Guilford apresentou o modelo de fator analítico de inteligência, que passou a considerar o conceito de inteligências e não de inteligência e contribuindo, assim, para a evolução da definição de sobredotação. A inteligência deixou de ser considerada hereditária e estática e passou a ser vista como multifacetada e sujeita à ação do meio (cf. Silva, 1992).

Piaget introduziu a importância do papel ativo do meio envolvente e do próprio indivíduo no seu processo de desenvolvimento cognitivo, passando a considerar-se a intervenção sobre o meio como forma de melhor estimular as capacidades individuais e os processos de aprendizagem. A par desta mudança de concepção de inteligência desenvolveu-se o conceito de inteligência (cf. Silva, 1992).

O teste de inteligência elaborado por Alfred Binet e aperfeiçoado por Terman, o teste Stanford-Binet, deixou de responder à necessidade de medir as inteligências humanas, tendo, posteriormente, sido desenvolvidos milhares de testes reconhecidos como válidos (cf. Silva, 1992).

Na década de sessenta do século XX, Torrance deu um grande incremento à criatividade, abrindo caminho a estudos mais aprofundados de modo a medir a sua flexibilidade, fluência, originalidade e elaboração (cf. Silva, 1992).

Nas últimas décadas do século XX, foi-se alargando o conceito de sobredotação, incluindo-se outras dimensões de capacidade (cf. Kirk e Gallanger, 1991).

1.2 – Modelos explicativos do conceito de sobredotação

Durante o século XX foram desenvolvidos diferentes modelos explicativos deste conceito, dos quais aprofundaremos a Teoria Triárquica da inteligência (cf. Sternberg, 2000 cit. por Pocinho 2009), o Modelo Diferenciado de Sobredotação e Talento (cf. Gagné, 2000 cit. por Pocinho, 2009), o Teoria das Inteligências Múltiplas (cf. Garder, 1983 cit. por Pocinho, 2009), a Concepção de Sobredotação dos Três Anéis (cf. Renzulli, 1986

cit. por Pocinho, 2009) e o Modelo Multifactorial da Sobredotação (cf. Mönks, 1988 cit. por Pocinho, 2009).

1.2.1 - Teoria Triárquica da Inteligência

A Teoria Triárquica da inteligência (cf. Sternberg, 2000 cit. por Pocinho, 2009) reconhece múltiplas componentes da sobredotação e define diferentes domínios de sobredotação intelectual: analítica, criativa e prática. O sobredotado pode evidenciar-se em um, dois ou nos três domínios em simultâneo.

1.2.2 - Modelo Diferenciado de Sobredotação e Talento

Gagné (2000, 2004 cit. por Pocinho, 2009), no Modelo Diferenciado de Sobredotação e Talento, faz a distinção entre os conceitos de sobredotação e talento. Defende que a sobredotação provém de uma herança genética e que o talento requer um conjunto de fatores ambientais, composto por contextos físicos e sociais, como catalisadores que o potenciam. Já o desenvolvimento do talento é sobretudo influenciado pela aprendizagem e pela prática. O autor sugere que para existir talento tem que estar subjacente sobredotação, mas pode constatar-se a existência de sobredotação sem que se desenvolva talento.

O Modelo Diferenciado de Sobredotação e Talento identifica a existência de quatro domínios de aptidões (intelectual, criativo, sócio-afetivo e sensório-motor), os quais, através da aprendizagem formal e não formal e da prática, e enquadrados em contextos catalisadores ambientais e intrapessoais, permitem o desenvolvimento de competências e a consequente emersão de talentos (cf. Gagné, 2000 cit. por Oliveira, 2007).

1.2.3 - Teoria das Inteligências Múltiplas

Gardner (1983 cit. por pocinho, 2009), criador da Teoria das Inteligências Múltiplas, destacou-se pelas suas investigações efetuadas no âmbito da inteligência. Este, defendendo uma abordagem multidimensional, ampla e pragmática da inteligência, ultrapassou a abordagem psicométrica bastante centrada nas medidas de QI e defendeu que a inteligência

é composta por múltiplas habilidades independentes entre si e, conseqüentemente, que existem múltiplas inteligências independentes mas interativas entre si. Assim, pode-se falar em sobredotação em qualquer uma das formas de inteligência: linguística, lógico-matemática, musical, espacial, corporal cinestésica, interpessoal e intrapessoal (cf. Gardner, 1983 cit. por pocinho, 2009) e naturalista (cf. Gardner, 1995 cit. por Fernandes, Mamede e Sousa, 2004).

1.2.4 - Conceção de Sobredotação dos Três Anéis

Na Teoria dos Três Anéis, Renzulli (1986 cit. por Oliveira, 2007) define a sobredotação como o resultado da interação entre três fatores que se mantêm estáveis ao longo da vida: habilidade superior, envolvimento na tarefa e elevada criatividade (cf. Fernandes et al., 2004; Oliveira, 2007) As habilidades podem ser gerais (e.g. fluência verbal, raciocínio abstrato, memória, raciocínio numérico, relações espaciais) ou mais específicas (e.g. música, matemática, química, dança) (cf. Oliveira, 2007), podendo manifestar-se através de diferentes combinações (e.g. fotografia, artes plásticas, liderança). Desta forma, a par da inteligência ou habilidade superior, torna-se fundamental incluir a motivação e a criatividade, como as três grandes variáveis associada à sobredotação e nenhum destes componentes isolado será suficiente para a manifestação da sobredotação. A interação entre estes três anéis permite a realização criativa-produtiva (cf. Oliveira, 2007).

1.2.5 - Modelo Multifactorial da Sobredotação

Mönks (1988 cit. por Fernandes et al., 2004) acrescenta ao Modelo de Renzulli a necessidade de incluir na definição de sobredotação o fator ambiental, família e escola, como fatores de influência no potencial do aluno sobredotado. Assim, associado aos fatores cognitivos e da personalidade, surge o ambiente social criando, assim, o Modelo Multifactorial da Sobredotação. Com este modelo, com uma perspectiva desenvolvimental, assiste-se à inclusão progressiva das dimensões psicossociais e socioculturais na definição de sobredotação (cf. Oliveira, 2007). Os contextos sociais da família, da escola e dos pares

assumem-se como meios sociais de aprendizagem importantes para as crianças, sendo importante que sejam estimulantes (cf. Fernandes et al., 2004).

1.3 – Conceito de sobredotação

Para melhor conhecermos a sobredotação, é importante conhecer a definição utilizada, de forma a identificar e intervir com alunos com as necessidades educativas especiais a ela subjacentes (cf. Valle, 2001).

O conceito de sobredotação, não é estático, tendo vindo a sofrer, ao longo da história, diversas alterações que acompanham os progressos das investigações nas áreas da cognição, da aprendizagem e da excelência no desempenho, existindo, atualmente e como já vimos, diferentes modelos explicativos do mesmo (cf. Pocinho, 2009; Silva, 1992; Valle, 2001). Durante muitas décadas a tendência dos psicólogos foi seguir os estudos de Terman que associavam a sobredotação a Q.I.'s elevados. Porém, atualmente, embora não haja consenso, tende-se a considerar mais variáveis para além da cognição e da inteligência, apontando-se para uma definição que reconheça a convergência de diferentes dimensões humanas. Assim, interessa adotar uma definição que não se restrinja à inteligência abstrata e ao desempenho académico, considerando, igualmente, as competências sociais, a criatividade e a capacidade de liderança, dimensões estas mais relacionadas com a personalidade, a motivação e os contextos de vida (cf. Almeida, s/data; Pereira, 2003; Pereira, 2000 cit. por Pocinho, 2009).

Neste contexto, as características das definições de sobredotação englobam os seguintes âmbitos: a variedade de áreas em que a sobredotação se pode manifestar (e.g., intelectual, criativa, artística, académica e liderança); a comparação com outros grupos (e.g., pares da mesma idade, experiência ou proveniência cultural) e o uso de termos que implicam a necessidade de desenvolvimento de um talento (e.g., capacidade e potencial) (cf. Council of Curriculum Examinations and Assessment, 2006 cit. por Pocinho, 2009).

O World Council for Gifted and Talent Children (s/data cit. por Pocinho, 2009) define a pessoa sobredotada como aquela que apresenta potencialidade ou desempenho elevados, numa ou mais das seguintes áreas: capacidade intelectual geral, aptidão académica específica, pensamento criativo ou produtivo, elevada capacidade motora, talento para as artes musicais, dramáticas e visuais e capacidade de liderança.

Também autores portugueses apresentam definições idênticas, como Silva (1992:20) que refere que “...sobredotado é todo o indivíduo que apresenta capacidades acima da média em áreas diversas, que podem surgir isoladas ou em combinação, sendo essas áreas a intelectual, a criativa, a social, a de liderança ou a psicomotora”.

Segundo a Associação Nacional para o Estudo e Intervenção na Sobredotação (cf. ANEIS, s/data), estão integrados no conceito de sobredotação os seguintes domínios: (i) aptidão intelectual: refere-se à capacidade de perceção e memória, de organização e relacionamento da informação, de análise e de síntese, de raciocínio e de resolução de problemas; (ii) aptidão académica: refere-se à facilidade de aprendizagem (sobretudo de componentes curriculares), ao nível aprofundado de conhecimentos e/ou ao ritmo acelerado de apropriação dos conteúdos escolares numa ou várias áreas; (iii) aptidão artística: refere-se às habilidades superiores numa ou várias áreas de expressão como a escultura, pintura, desenho, música, teatro e literatura; (iv) aptidão social: refere-se às habilidades de comunicação e relacionamento interpessoal; (v) aptidão motora: refere-se às habilidades extraordinárias ao nível da coordenação e expressão motora; (vi) aptidão mecânica: refere-se à capacidade de compreensão e resolução de problemas técnico-práticos, que, normalmente, envolvem o uso de equipamentos informáticos, eletrónicos ou mecânicos.

Na realidade existem, atualmente, várias definições de sobredotação, as quais não geram consenso e, paralelamente a estas definições, foram-se desenvolvendo mitos em torno desta problemática, dificultando o conhecimento da mesma e constituindo um entrave à provisão de condições de atendimento adequado às necessidades educativas destes alunos.

1.4 - Mitos e realidades sobre a sobredotação

Os mitos existentes acerca de sobredotação devem-se a ideias pré-concebidas, assentes em crenças populares, difíceis de mudar ou erradicar e que levam a análises incorretas da realidade à colocação de entraves na fornecimento de condições educativas adequadas às necessidades educativas dos sobredotados (cf. Fernandes et al., 2004; Tournon e Reyero, 2000).

Winner (1996) elenca e esclarece alguns mitos, no sentido de clarificar o estudo do conceito de sobredotação:

Mito 1 – sobredotação global

Mito: As crianças sobredotadas possuem um potencial intelectual global, que as torna sobredotadas em todas as áreas académicas.

Realidade: Na verdade, a sobredotação global é muito rara. Os dons tendem a ser claramente definidos e específicos de um domínio, possuindo, com frequência dificuldades académicas noutras áreas.

Mito 2 – Talentosas, mas não sobredotadas

Mito: Sobredotadas são as crianças que possuem competências excecionais e áreas académicas. As crianças excecionais na área das artes são talentosas.

Realidade: A sobredotação não se confina às áreas académicas. A sobredotação define-se não pela área mas pela precocidade, originalidade e motivação. Mozart é um exemplo de sobredotação na área da música.

Mito 3 – QI excecional

Mito: A sobredotação depende de um QI elevado, independentemente do domínio.

Realidade: Os resultados obtidos em testes de QI nem sempre são indicadores de sobredotação, uma vez que estão direcionados para as questões linguísticas, lógico-matemáticas e espaciais, descurando a área das artes. Não existem provas de que a sobredotação requer um QI elevado.

Mito 4 e 5 – Biologia e meio

Mito popular: A sobredotação é exclusivamente inata.

Mito psicológico: A sobredotação deve-se exclusivamente a trabalho árduo.

Realidade: A sobredotação tem origem inata, mas necessita de trabalho para ser desenvolvida.

Mito 6 – Pressão parental

Mito: As crianças sobredotadas são educadas por pais agressivos e demasiado exigentes que as forçam no sentido superarem a média académica, chegando, em casos extremos, a levarem as crianças a esgotarem os seus recursos.

Realidade: Não são os pais que originam a sobredotação, porém é importante que estes se envolvam e a estimulem, sempre sem pressão demasiada sobre essa área em detrimento da vida emocional da criança, sob pena de esta desistir da sua aptidão excepcional de forma ressentida.

Mito 7 – Modelos de saúde psicológica

Mito: As crianças sobredotadas integram-se facilmente, assumindo papéis de relevo social entre os pares e demonstrando felicidade.

Realidade: As crianças sobredotadas possuem interesses diferentes dos seus pares, por outro lado sentem necessidade de solidão, pois acreditam que este propicia-lhes mais tempo de trabalho e um melhor desenvolvimento das suas capacidades. Também são vistas como diferentes pelos colegas. Estes fatores levam-nos a atitudes de isolamento e a desenvolverem baixa autoestima.

Mito.8 – Todas as crianças são sobredotadas

Mito: Todas as crianças são sobredotadas e, portanto, não se justifica uma educação enriquecida ou acelerada para determinado grupo.

Realidade: É certo que todas as crianças têm áreas de competência fortes e outras fracas, porém algumas são extraordinariamente dotadas em uma ou mais áreas. A sobredotação extrema cria uma necessidade educativa especial, como acontece com as dificuldades de aprendizagem e o atraso mental.

Mito 9 – As crianças sobredotadas tornam-se adultos proeminentes

Mito: As crianças sobredotadas tornam-se adultos bem sucedidos e criadores.

Realidade: Muitas destas crianças, mediante a multiplicidade de fatores com que se deparam ao longo da vida, deixam de se denotar, não se tornando adultos excepcionais. Nem todas as crianças sobredotadas chegam, sequer, a tirar cursos superiores.

O Gabinete de Estudos e Planeamento (GEP) do Ministério da Educação (1990) descreve ainda outros mitos:

Mito: As crianças sobredotadas têm sempre bons resultados nos testes de inteligência

Realidade: A criatividade e originalidade na forma de pensar destas crianças leva-as, muitas vezes, a dar respostas desajustadas nestes tipos de testes estandardizados.

Mito: As crianças sobredotadas são excepcionais e rápidas em todas as tarefas.

Realidade: Como já vimos, a excecionalidade dos sobredotados, por norma, restringe-se a uma ou várias áreas, além de que podem ter mesmo dificuldade na execução de certas tarefas.

Mito: Os sobredotados terão sucesso sozinhos independentemente do meio que os rodeia.

Realidade: Como também já vimos, o desenvolvimento destas crianças depende muito das condições que lhes são proporcionadas, acontecendo, nomeadamente, que abandonem a escola por falta de resposta adequada aos seus interesses e necessidades.

Mito: Os sobredotados são uma minoria privilegiada.

Realidade: A sua diferença leva-as, muitas vezes, a serem discriminadas e a serem crianças isoladas e sem amigos.

Mito: Todos os sobredotados têm características semelhantes, constituindo um grupo homogéneo.

Realidade: Assim como todas as pessoas, também os sobredotados possuem características individuais ao nível da personalidade, interesses e motivações.

Mito: Trabalhar de forma diferente com as crianças sobredotadas promove a criação de uma elite, não sendo democrático.

Realidade: A democracia implica o respeito pelas diferenças individuais, adaptando a oferta educativa a essas mesmas diferenças.

Capítulo 2 – Caracterização e Identificação de Crianças Sobredotadas

2.1 - Características das crianças sobredotadas

“A criança sobredotada é de tal modo multifacetada que se torna difícil indicar meia dúzia de características que sirvam para elaborar um estereótipo.” (Silva, 1992: 31)

É vulgar associar a sobredotação à ideia de inteligência extremamente elevada, porém outros aspetos desenvolvimentais devem ser tidos em conta na criança sobredotada: os aspetos físicos, educativos, sociais, da personalidade e da criatividade (cf. Freeman, 1985; Valle, 2001)

De acordo com Fernandes et. Al. (2004: 52)

“...é impossível apresentar uma listagem de características que abarque todas as possíveis e existentes, visto que as áreas de sobredotação são muito diversificadas e dentro de cada uma dessas áreas nem todas as crianças apresentam as mesmas características”.

A esta condicionante há a acrescentar o facto de algumas crianças esconderem as suas características, sobretudo as que são censuradas pelo meio social envolvente.

Nem todos os sobredotados apresentam as mesmas características, no entanto, podemos definir um conjunto de características que se evidenciam.

Segundo Winner (1996) essas características são: desenvolvimento físico precoce, preferência por novos arranjos visuais, precocidade na aquisição da linguagem, curiosidade intelectual acompanhada de perguntas de complexidade elevada e aprendizagem rápida.

De acordo com Tuttle e Becker (1983 cit. por Falcão 1992) a criança sobredotada é curiosa, não aceitando respostas ou avaliações superficiais, persistente, crítica de si e dos outros, com elevado sentido de humor, tem facilidade em propor ideias perante um estímulo específico, apresenta capacidade de liderança e é sensível às injustiças pessoais e sociais.

Paasche, Gorrill e Strom (2010) definem as seguintes características físicas e comportamentais da criança sobredotada: (i) entende novas ideias rapidamente e demonstra ávido interesse geral por diversas áreas; (ii) vive em busca de novos conhecimentos, fazendo perguntas inteligentes, explorando, fazendo experiências, efetivamente demonstra curiosidade; (iii) possui memória retentiva; (iv) assume posição de líder entre colegas ou demonstra problemas de socialização, muitas vezes pela descontinuidade de interesse e impaciência quando os outros não compreendem as coisas de maneira diferente ou

demoram mais tempo; (v) apresenta um desenvolvimento precoce e da linguagem e possui vocabulário rico, continuando a apreendê-lo com rapidez; (vi) demonstra desenvolvimento sofisticado da linguagem; (vii) inventa histórias e canções que apresenta aos outros; (viii) possui capacidade de conversação acima da média e precoce sentido de humor; (ix) retém facilmente a informação; (x) apresenta capacidade de raciocínio acima da média, assim como capacidades verbais e de resolução de problemas; (xi) possui capacidade acima da média na área da matemática; (xii) atinge objetivos desenvolvimentais mais cedo do que as outras crianças; (xiii) apresenta capacidades de motricidade global acima da média; (xiv) possui capacidades de aprendizagem acima da média; (xv) anseia, assume e aceita responsabilidades; age independentemente e deixa-se absorver por tarefas e experiências desafiadoras; (xvi) demonstra disponibilidade imediata para ajudar colegas que necessitam de apoio; (xvii) aprende a ler e a escrever sozinha e muito cedo; (xviii) apresenta níveis de atenção elevados; (xix) é bastante observadora; (xx) concretiza rapidamente as tarefas, aborrecendo-se facilmente com tarefas rotineiras; (xxi) motiva-se a si própria, criando jogos, atividades e experiências; (xxii) aprende uma segunda língua mais depressa do que qualquer outra criança; (xxiii) poderá ser excelente numa determinada área, como por exemplo na psicomotricidade, arte ou pensamento abstrato.

Segundo o GEP (1990) as capacidades especiais destas crianças podem ser perfeccionadas através de sinais como desenvolvimento precoce, perfeccionismo excepcional e criatividade invulgar, apresentando uma listagem pormenorizada das características das crianças sobredotadas similar a Paasche, Gorrill e Strom (2010): (i) acuidade na observação, facilidade em discriminar particularidades, curiosidade em relação ao insólito, recetividade ingénua em relação ao que lhes é comunicado; (ii) sensibilidade e abertura aos problemas, mesmo aqueles que não lhes é pedido para resolver e os quais os outros não acham importantes, não lhes interessando unicamente a sua resolução mas também o desafio; (iii) curiosidade intelectual, espírito inquiridor, motivação intrínseca; (iv) não aceitação de limites impostos e autoritarismo, mostrando interesse em observar e investigar tudo; (v) capacidade de liderança da turma ou equipa quando aceites pelo grupo; (vi) possibilidade de apresentarem talentos especiais no domínio das artes ou das atividades físicas; (vii) possibilidade de demonstrarem uma dotação especial para um determinado domínio académico em detrimento de outros nos quais poderão apresentar baixos resultados escolares; (viii) interesse precoce em aprender a ler, o que muitas vezes

aprendem sozinhos, e uso de vocabulário complexo e de uma linguagem elaborada; (ix) elevados níveis de energias a qual é aplicada em períodos de esforço intenso na invenção, e inatividade e frustração perante a ausência de projetos; (x) elevada capacidade de concentração que os leva a abstraírem-se do que se passa ao seu redor e a reagir mal perante interrupções; (xi) preferência pela complexidade em detrimento da simplicidade, apresentando uma visão interdisciplinar e versátil; (xii) prazer em brincar com as ideias e não apenas com os brinquedos, sobretudo aquelas que lhes permitem a descoberta; (xiii) criatividade e espírito inventivo; (xiv) hipersensibilidade às críticas; (xv) independência no pensar e persistência na demonstração e imposição de ideias que sabem estar corretas.

Landau (1990) apresenta uma visão muito sucinta das características destas crianças: ambição, sensibilidade, curiosidade, teimosia, independência, pensamento crítico, fiável e organizada.

Juntune (cf. Falcão, 1992) apresenta uma caracterização da criança sobredotada por tipos: (i) o tipo intelectual, que passa pela flexibilidade, fluência de pensamento, elevada compreensão e memória, capacidade de pensamento abstrato, produção de ideias e rapidez de pensamento, capacidade de lidar e resolver problemas; (ii) o tipo académico, que evidencia aptidões académicas específicas, capacidade de avaliar, sintetizar e organizar o conhecimento, motivação pelas disciplinas escolares do seu interesse e capacidade de produção académica; (iii) o tipo criativo, que demonstra criatividade, originalidade, capacidade de resolução de problemas de uma forma inventiva, sensibilidade e reações extravagantes, flexibilidade e fluência, facilidade de autoexpressão; (iv) o tipo social, que revela capacidades de liderança, autoconfiança e sucesso com os pares, fácil adaptação a situações novas, preocupação com os problemas sociais, alto poder de persuasão e de influência; (v) o tipo talento especial, que se destaca na área das artes ou técnicas; (vi) o tipo psicomotor, que se caracteriza por manifestar habilidades e interesse no domínio das atividades psicomotoras.

Torrance (1975 cit. por Rodrigues, 2010) apresenta como características das crianças sobredotadas altamente criativas: (i) reação positiva a elementos novos, estranhos ao seu ambiente; (ii) persistência em explorar novos estímulos; (iii) curiosidade; prazer em investigar; questionamento constante; (iv) resolução de problemas de uma forma original e imaginativa; (v) individualidade e independência; (vi) imaginação fértil, preferência por

ideias complexas, (vii) inconformismo e ocupação do tempo de forma produtiva e autónoma.

Renzulli (1998 cit. por Rodrigues, 2010) destaca algumas características afetivas e emocionais das crianças sobredotadas. Segundo o autor, os sobredotados manifestam preocupação moral em idades precoces, questionam frequentemente regras, demonstram autoconsciência, sensibilidade, empatia e capacidade de reflexão, tal como um elevado sentido de justiça e uma imaginação muito fértil.

Segundo Renzulli (s/data cit. por DEB, 1998), as características que distinguem os sobredotados são: (i) capacidade intelectual superior à média, nomeadamente na facilidade com que obtém êxito em determinadas tarefas e que revelam na aquisição de determinados conhecimentos e competências em áreas específicas; (ii) elevada capacidade de trabalho, demonstrando perseverança na resolução de problemas concretos ou de uma atividade específica; (iii) níveis superiores de criatividade, revelada na frequência e no tipo de questões que fazem e nos jogos e associações de conceitos que elaboram.

O seguinte quadro sistematiza as características deste grupo de crianças sob o ponto de vista de Renzulli (1984 cit. por Serra, s/data, Freeman e Guenther, 2000, DEB, 1998).

Quadro 1 – Características das crianças sobredotadas

Domínios	Características Gerais de Comportamento das Crianças Sobredotadas
Aprendizagens	a) Vocabulário proeminente para a idade e para o nível escolar; b) Hábitos de leitura independente (por iniciativa própria); c) Domínio rápido da informação e facilidade na evocação de factos; d) Fácil compreensão de princípios subjacentes; e) Capacidade para generalizar conhecimentos, ideias e soluções; f) Resultados e/ou conhecimentos excecionais numa ou mais áreas de atividade ou de conhecimento.
Motivacional	a) Tendência para iniciar as suas próprias atividades;

	<ul style="list-style-type: none"> b) Persistência na realização e finalização das tarefas; c) Busca da perfeição; d) Aborrecimento face a tarefas de rotina.
--	--

Criatividade	<ul style="list-style-type: none"> a) Curiosidade elevada perante um grande número de coisas; b) Originalidade na resolução de problemas e relacionamento de ideias; c) Pouco interesse pelas situações de conformismo.
---------------------	--

Liderança	<ul style="list-style-type: none"> a) Autoconfiança e sucesso com os pares; b) Tendência a assumir a responsabilidade nas situações; c) Fácil adaptação às situações novas e às mudanças de rotina.
------------------	--

Social e de	a) Interesse e preocupação pelos problemas do mundo;
Juízo Moral	<ul style="list-style-type: none"> b) Ideias e ambições muito elevadas; c) Juízo crítico face às suas capacidades e às dos outros; d) Interesse marcado para se relacionarem com indivíduos mais velhos e/ou adultos.

Através da análise das linhas orientadoras dos investigadores referidos, é possível compreender que a sobredotação, devido à sua natureza multidimensional, abarca uma multiplicidade de características.

Mais uma vez se reforça a ideia de que as características acima enumeradas são apenas indicativas, pois nem todos os sobredotados apresentam as mesmas características de desenvolvimento e comportamento.

2.2 - Identificação das crianças sobredotadas

A identificação dos alunos sobredotados, sobretudo na entrada para a escola, tem sido defendida por diversas razões, sobretudo para que possam ser atendidas as suas necessidades educativas especiais (cf. Oliveira, 2007). Porém, este processo é bastante complexo. Na verdade, segundo Renzulli (1975 cit. por Oliveira, 2007) a sobredotação acontece em determinadas pessoas, em determinados momentos e em certas circunstâncias. Quando a identificação não é feita com a entrada na escola, é frequente ter como consequências problemas de comportamento, dificuldades de integração e consequente desajuste psicossocial (cf. Oliveira, 2007).

Na verdade, a idade adequada para o diagnóstico também não reúne consenso pois, apesar de ser importante uma identificação precoce, também é verdade que quanto mais cedo esta é realizada mais sujeita a imprecisão se encontra. São apontadas várias razões que justificam esta questão: a primeira diz respeito ao facto de antes dos doze ou treze anos ser difícil obter um diagnóstico preciso, devido ao facto das medidas de avaliação terem baixa previsibilidade nos primeiros anos de vida, além de que alguns autores defendem que só por volta dos doze anos se consolida a maturação neurológica e a pontuação dos testes estabiliza (cf. Castelló, 2005 cit. por Pocinho, 2009); a segunda deve-se ao facto de, em idades precoces, ser difícil distinguir sobredotação de desenvolvimento e aprendizagem precoce ou talento específico (cf. Castelló, 1988 cit. por Pocinho, 2009).

Segundo Almeida e Oliveira (2000 cit. por ANEIS, s/data) a sinalização de crianças sobredotadas deve basear-se numa avaliação com as seguintes características: multi-dimensional (áreas, dimensões); multi-referencial (pais, professores, psicólogos e outros agentes); multi-método (meios, processos, instrumentos); multi-temporal (momentos, estádios de desenvolvimento); multi-contextual (tarefas na escola, em casa, outros contextos) e multi-etápica (fases ou módulos de apoio).

De acordo com Oliveira (2007), o processo de identificação deve obedecer a várias etapas: (i) despiste que consiste basicamente na aplicação de testes coletivos gerais (cf. Acerda e Satre, 1998, Ford, 1998, Pereira, Seabra-Santos e Simões, 2003, citados por Pocinho, 2009); (ii) diagnóstico mais aprofundado (fase de identificação, confirmação e explicitação) que consiste na aplicação de testes individuais estandardizados, tentando-se reduzir o efeito de teto verificado em alguns testes coletivos (cf. Almeida e Pereira, 2003,

Ford, 1998 citados por Pocinho, 2009), nomeadamente de inteligência, escalas de desenvolvimento, provas académicas e pareceres de especialistas em talentos específicos; (iii) avaliação por provisão que consiste na avaliação contínua das crianças sobredotadas admitidas no programa de intervenção. Esta fase exige um conhecimento aprofundado dos alunos, das suas competências e características pessoais, nomeadamente os seus interesses, estilos de aprendizagem e áreas fortes e fracas (cf. Hany, 2000 cit. por Pocinho, 2009).

Segundo Oliveira (2007), no que concerne à tipologia de instrumentos utilizados na avaliação, atualmente existe uma grande variedade de instrumentos, alguns com um carácter mais objetivo e outros com um carácter mais subjetivo. Nos instrumentos mais subjetivos pode-se incluir os questionários, inventários e as informações fornecidas pelos pais, encarregados de educação e professores, a nomeação pelos pares, as autoavaliações e os inventários biográficos. Nas medidas mais objetivas e formais podem-se incluir testes psicométricos de aptidões e inteligência, testes de criatividade, classificações escolares e testes de rendimento. Os métodos mistos incluem observação direta dos comportamentos e atitudes, análise de textos e outros produtos, registo do discurso interno e a classificação em concursos científicos e artísticos (cf. Oliveira, 2007 cit. por Pocinho, 2009).

Os testes mais utilizados são as escalas de Wechsler, nomeadamente a Wechsler Intelligence Scale for Children (WISC) e a WPPSI, seguidas pela Stanford-Binet Intelligence Scale (cf. Clark, 1992; Simpson et al., 2002 citados por Pocinho, 2009). Também se pode justificar o uso das Matrizes Progressivas de Raven e Torrance Tests of Creative Thinking (TPCT), estas mais libertas da influência ambiental (cf. Hewston et al., 2005; Kim, 2006; Pereira, Seabra-Santos e Simões, 2003 citados por Pocinho, 2009). Uma das baterias mais usadas pelos professores na sinalização dos alunos sobredotados é a Scales for Rating the Behavioral Characteristics of Superior Students (cf. Cao, Vasquez e Díaz, 2002 cit. por Oliveira, 2007)

Existem diversos programas e métodos de identificação de crianças sobredotadas, porém qualquer um deles acarreta limitações a considerar (cf. Falcão, 1992). O seguinte quadro apresenta algumas dessas limitações:

Quadro 2 – Processos de identificação e suas limitações

Processos	Limitações
Observações do professor	Não conseguem detetar problemas motivacionais, de privação cultural ou emocionais de alunos com dificuldades de rendimento escolar, com atitudes agressivas e apáticas no que diz respeito aos programas escolares, havendo necessidade de serem suplementados por testes padronizados e de aproveitamento escolar.
Testes individuais de inteligência	O melhor método, mas mais dispendioso, em função dos serviços e do tempo dos profissionais. Não é prático como recurso de avaliação nas escolas que não dispõem de serviços de psicologia.
Testes coletivos de inteligência e baterias de aptidões diferenciadas	Geralmente válidos para selecionar alunos sobredotados, porém podem não identificar os que têm dificuldades de leitura, problemas emocionais e motivacionais.
Testes de rendimento e desempenho escolar	Não identificam crianças sobredotadas com rendimento inferior e apresentam limitações, dada a natureza do seu conteúdo.
Testes de criatividade	Recentes e de validade não comprovada, demonstram possibilidade de identificarem o pensamento divergente, que pode não ter sido

	diagnosticado nos testes de Q. I. São, contudo, limitados quanto aos objetivos propostos, quando não suplementados por outras medidas de avaliação.
Testes de pensamento divergente	São limitados ao dar apenas pistas para traços e interesses nessa área; não levam em consideração as diferenças entre a imaginação científica e a artística.
Informações dos pais	Podem ser passíveis de influência pelo envolvimento afetivo

Correia (2007) apresenta um conjunto de problemas verificáveis na identificação das crianças sobredotadas: (i) falta de unanimidade em relação ao conceito e às dimensões; (ii) ênfase na identificação precoce, mais problemática e contestada; (iii) procedimentos de identificação pouco eficazes; (iv) falta de (in)formação dos técnicos sobre o tema; (v) Tabus socioculturais associados; (vi) pouco investimento na identificação e na capacidade de atendimento; (vii) variabilidade das dimensões intra e inter-individual; (viii) enviesamento a favor de certos grupos sociais, género, etc; (ix) fraca sistematização dos programas disponíveis.

Capítulo 3 – Organização da intervenção educativa

3.1 – Enquadramento Legal

A educação é reconhecida como um direito fundamental para todos os indivíduos, sendo o Sistema Educativo Português, à semelhança de outros sistemas educativos dos países europeus, regido pelo princípio democrático da igualdade de oportunidades. Os sistemas educativos de cada país, apesar de estarem organizados de forma a atenderem às características e necessidades das crianças no geral, devem, também, prever o atendimento a crianças com necessidades educativas especiais, entre as quais as crianças sobredotadas. O Governo Português subscreveu a Declaração de Salamanca (1994) em prol da “escola inclusiva” e a recomendação nº 1248 do Conselho da Europa (1994 cit. por Antunes, 2008) em prol do atendimento aos alunos sobredotados, porém, no que concerne à legislação portuguesa, há ainda muita imprecisão relativa à intervenção com alunos sobredotados (cf. Miranda, Almeida e Almeida, 2010; Pereira, 2004).

De acordo com a Declaração de Salamanca (1994), as escolas deveriam garantir o atendimento a todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras e incluir tanto crianças deficientes como crianças sobredotadas, sendo necessário que, para tal, as escolas organizem as suas estruturas e práticas pedagógicas nas necessidades específicas de cada criança no sentido de promover o melhor atendimento para todas as crianças (cf. Miranda et al, 2010).

A Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), Lei nº 46/86, de 14 de Agosto, consagra o direito à diferença e a igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares a todos os alunos (cf. Miranda e Almeida, 2002), porém apenas referencia a recuperação e integração socioeducativas das crianças com necessidades educativas específicas devidas a deficiências físicas e mentais.

A Reforma do Sistema Educativo levou à extinção das classes especiais do Ministério da Educação e todos os seus alunos foram integrados nas classes regulares (cf. Despacho 36/88 de 17 de Agosto).

O Decreto-lei nº 319/91, de 23 de Agosto, que regulamentou a educação especial no sistema educativo português, apresenta uma perspetiva mais abrangente prevendo não só os casos de deficiências como os casos de dificuldades de aprendizagem e de excecionalidade no que concerne a capacidades superiores. O Despacho 173/91, de 23 de Outubro, que regulamentava as medidas do Decreto-lei 319/91, de 23 de Agosto, nos

termos do nº 3 do artº 6º e do artº 23 do Decreto-lei 319/91 definia as medidas a aplicar nos casos de precocidade excecional no desenvolvimento global.

Já o Despacho Normativo nº 50/2005, de 20 de Outubro, é a única legislação atual que contempla os alunos sobredotados, prevendo que os alunos que revelem capacidades excecionais de aprendizagem possam beneficiar de um plano de desenvolvimento no âmbito curricular e de enriquecimento curricular. Este plano de desenvolvimento poderá integrar, entre outras as modalidades: a) Pedagogia diferenciada em contexto de sala de aula; b) Programas de tutoria para apoio a estratégias de estudo, orientação e aconselhamento; c) atividades de enriquecimento.

Porém, a legislação portuguesa continua a não ser explícita no que concerne ao atendimento aos alunos sobredotados, não os incluindo no regime de educação especial redefinido pelo Decreto-lei nº 3/2008, de 7 de Janeiro. Este decreto-lei restringe a população alvo da educação especial aos “alunos com limitações significativas ao nível da atividade e da participação, num ou vários domínios de vida, decorrentes de alterações funcionais e estruturais, de carácter permanente...” (p.155).

Assim, as poucas referências aos alunos sobredotados na legislação atual designam-nos como alunos que manifestem capacidades excecionais de aprendizagem (cf. Despacho Normativo 1/2005, de 5 de Janeiro e 50/2005, de 20 de Outubro) sendo esta referência pouco concreta. Atualmente, para estes alunos está prevista como medida a aceleração (cf. Despacho - Normativo 1/2005, de 5 de Janeiro), mas aplicável apenas em duas situações: (i) concluir o 1º ciclo com 9 anos de idade, concluídos até 31 de dezembro do ano civil em causa; (ii) transitar de ano de escolaridade antes do final do ano letivo, uma única vez, ao longo dos 2º e 3º ciclos do ensino básico.

A Região Autónoma da Madeira (RAM) destaca-se do panorama nacional pelos esforços desenvolvidos no âmbito da sinalização e atendimento aos alunos sobredotados (cf. Antunes e Almeida, 2008). Criando o Decreto Regulamentar Regional nº 13-A/97/M, de 15 de Julho e o Decreto Regulamentar Regional nº 16/2005/M, de 17 de Dezembro foi possível desencadear diversas ações com vista ao atendimento dos alunos sobredotados através de unidades próprias dependentes da Direção Regional de Educação Especial e Reabilitação (DREER) (cf. Antunes e Almeida, 2008).

Analisando o panorama nacional e as diretrizes definidas na legislação portuguesa, verifica-se que as políticas educativas não oferecem um atendimento satisfatório aos

alunos sobredotados, deixando esse cuidado ao critério e sensibilidade das escolas e dos professores e à reclamação dos pais (cf. Miranda e Almeida, 2002, 2005; Miranda, 2003).

3.2- A sobredotação em Portugal

A atenção dada à sobredotação foi quase inexistente até à década de 1980, altura em que algumas associações de pais e professores alertaram a sociedade para esta problemática (cf. DaSilva, 1997 cit. por Antunes e Almeida, 2008). Desde essa data tem-se assistido a um interesse crescente pela sobredotação, que desencadeou a realização de encontros científicos e a criação de diversas associações (cf. Miranda e Almeida, 2002). Em 1996, o Departamento de Educação Básica (DEB), em parceria com o Centro Português para a Criatividade, Inovação e Liderança (CPCIL), lançou, em escolas piloto do ensino básico, o Projeto de Apoio ao Desenvolvimento precoce, com o objetivo de promover o desenvolvimento de alunos intelectualmente precoces (cf. Martins, 1997 cit. por Antunes e Almeida, 2008). Em 1998, o DEB organizou um programa de Verão, para crianças com elevadas capacidades que frequentavam o terceiro e quarto ano de escolaridade (cf. Persson, et. al, 2000 cit. por Antunes e Almeida, 2008) Ainda em 1998, o Ministério da Educação publicou o documento “Crianças e jovens sobredotados: Intervenção educativa” do qual constam a caracterização e intervenção com estes alunos (cf. DEB, 1998). Também nesse ano foi criada a ANEIS, a qual tem delegações em vários locais do país.

3.3 – A intervenção educativa com alunos sobredotados

A escola tem um importante papel na educação e formação dos cidadãos, sendo, para tal, necessário conhecer os seus alunos e oferecendo-lhes um atendimento diferenciado de acordo com as suas características individuais (cf. Bastos, 2009).

Em geral, os alunos sobredotados chegam à escola ávidos de novos conhecimentos, experiências e desafios, dispostos a progredir rapidamente na aquisição de novas competências, sendo necessário proporcionar-lhes oportunidades de desempenho adequadas (cf. DEB, 2008). Porém, quando tal não acontece os alunos sobredotados podem

desinteressar-se pelas atividades e, perante a falta de motivação, revelarem dificuldades no desempenho escolar (cf. DEB, 2008).

Assim, urge conhecer as necessidades educativas destes alunos e desenvolver estratégias de identificação em contexto de sala de aula, de forma a sinalizar e encaminhá-los para as respostas educativas adequadas a cada aluno.

3.3.1 – Necessidades educativas dos alunos sobredotados

Como tem sido referido, no atendimento às crianças sobredotadas é necessário ter em conta as suas necessidades educativas especiais. Um atendimento adequado deverá potenciar a expressão das características típicas destas crianças, como a criatividade, os elevados níveis cognitivos e a capacidade de concentração e de trabalho. Porém se esse atendimento não for ao encontro das suas necessidades educativas estas poderão demonstrar resistência e aversão à escola (cf. DEB, 2008).

Assim, Martinson (1981, cit. por DEB, 2008) determinou um conjunto de características potenciais do aluno sobredotado:

Quadro 3 - Exemplos de características potenciais do aluno sobredotado

Características potenciais facilitadoras	Características potenciais inibidoras
Aprecia os conceitos abstratos, resolve os seus próprios problemas e tem uma forma de pensar muito diferente.	Mostra grande resistência às instruções dos outros. Pode ser bastante desobediente.
Revela muito interesse nas relações entre conceitos.	Dificuldade em aceitar o que não é lógico aos seus olhos.
É muito crítico consigo mesmo e com os outros.	Exige demasiado de si e dos outros. Pode estar sempre insatisfeito.
Gosta de criar e inventar novas formas	Absorve-se a criar e a descobrir coisas por

para realizar alguma coisa.	si mesmo, recusando os procedimentos habitualmente aceites.
Tem uma grande capacidade de concentração, alheando-se dos outros quando está ocupado nas suas tarefas.	Resiste fortemente a ser interrompido.
É persistente na prossecução dos seus objetivos.	Pode ser muito rígido e inflexível.
É enérgico e ativo.	Sente-se frustrado com a inatividade e a falta de progressos.

A Able Children Clwyld and Oxfordshire Research and Development (ACCORD) (1991 cit. por DEB, 1998) acrescenta algumas características ao quadro realizado por Martinson (1981 cit. por DEB, 1998) que permitem identificar as dificuldades que estas crianças sentem no contexto escolar, e que condicionam os seus desempenhos académicos, criativos e interpessoais.

Quadro 4 - Características potenciais do aluno sobredotado (Projeto ACCORD)

Positivas	<p>Pode mostrar capacidades artísticas ou intelectuais superiores.</p> <p>Pode mostrar um elevado nível de curiosidade.</p> <p>Pode preferir trabalhar autonomamente.</p> <p>É capaz de se concentrar por longos períodos de tempo.</p> <p>É capaz de trabalhar sobre problemas até à sua resolução.</p> <p>É criativo ou inventivo.</p> <p>É capaz de generalizar ideias através de um conjunto de circunstâncias.</p> <p>Aprecia jogos de palavras e “puzzles”.</p>
------------------	---

Pode mostrar qualidades de chefia.

Negativas

Pode mostra-se intolerante, para com os outros.

Pode mostrar um comportamento irregular.

Pode manifestar dificuldades em integrar-se com os outros.

Pode manifestar desinteresse na realização de tarefas escritas.

Pode parecer aborrecido.

Pode exigir muito tempo de atenção do professor.

Pode revelar-se dominador na relação com os colegas.

Feita esta análise das características potenciais, é possível definir as necessidades educativas das crianças sobredotadas, atendendo sempre ao facto de que a intensidade destas necessidades varia de criança para criança e de acordo com a faixa etária (cf. Martins, 2010). Segundo o DEB (1998), as necessidades educativas dos alunos sobredotados podem ser agrupadas em:

a) Necessidades psicológicas

i) Sentimento geral de sucesso num ambiente intelectualmente estimulante

Todos os alunos necessitam de um ambiente educativo estimulante, onde haja valorização de sucessos e reforço positivos das pequenas e grandes conquistas e aprendizagens.

Os alunos sobredotados não são exceção. Pelo contrário, se atendermos ao facto de que estes apresentam um elevado nível de autoexigência e uma atitude crítica de si mesmos e que as pequenas conquistas podem ser-lhes irrelevantes quando eles não percecionam ganhos reais, a valorização das suas aprendizagens por parte do professor é essencial para evitar a desmotivação.

Para estas crianças, atividades repetitivas como a leitura podem se desmotivantes e até penosas, pois estas não a vêem como forma de aperfeiçoamento técnico mas como forma de descodificação da informação escrita e consequente atribuição de significado.

ii)Flexibilidade nos tempos atribuídos para a realização das tarefas

O aluno sobredotado, quando implicado numa tarefa, apresenta muita dificuldade em interrompê-la, podendo esta interrupção ser entendida como uma incapacidade e frustração por uma atividade inacabada, a qual poderá até afetar a sua autoestima e originar desmotivação em atividades posteriores. Assim, apesar da dificuldade em flexibilizar os tempos definidos para a realização de tarefas em contexto de sala de aula, o professor deve tentar usar esta estratégia de modo a que este aluno se sinta satisfeito e realizado por ter terminado a mesma.

iii)Clima de participação e partilha de responsabilidades

A partilha de responsabilidades, a planificação e a avaliação de atividades com os alunos são estratégias promotoras da implicação do aluno sobredotado e inibidoras da sua desmotivação.

iv)Suporte emocional para o fracasso

Estes alunos infligem a si próprios uma grande tensão para atingirem o sucesso, assim, cabe ao professor, tentar diminuir a pressão externa sobre o seu rendimento escolar, evitando pressiona-los. Para estes alunos um resultado académico menos bom pode significar perda de confiança e do afeto dos outros. O professor não pode esperar do aluno sobredotado um desempenho bom e constante em todas as atividades, devendo evitar frases que causem uma ansiedade excessiva no aluno perante a possibilidade de fracasso e pressões emocionalmente perturbadoras. O professor deverá ter uma atitude positiva perante o insucesso, conversando com o aluno e com vista a identificar fatores externos que o motivaram e tentando encontrar formas de solucionar o problema.

Apesar de apresentarem competências acima da sua faixa etária, estes alunos não deixam de ser crianças e de necessitarem de apoio emocional adequado à sua idade e às suas características.

b) Necessidades sociais

Como já foi referido, estas crianças tendem a preferir o trabalho individual, preferindo o isolamento e desenvolvendo relações desestruturadas com os pares, assumindo, por vezes, atitudes de intolerância e domínio. Assim, cabe ao professor promover a integração social destas crianças através da estimulação da participação em atividades de grupo, da discussão de regras e definição de sanções perante o seu incumprimento, estimulação da prática da autocrítica e de dinâmicas de grupo, discussão dos efeitos sociais de determinadas atitudes e comportamentos, dinamizar jogos dramáticos no sentido de perceber o papel social do aluno na turma e desenvolver soluções educativas de integração.

Partindo de estas e outras estratégias, cabe ao professor contribuir para que estas crianças se sintam aceites e integradas na escola e na comunidade em geral.

c) Necessidades cognitivas

Intelectualmente estas crianças necessitam de: (i) um ensino individualizado nas áreas em que são excelentes, usando, para tal a flexibilidade dos programas de acordo com o seu ritmo de aprendizagem, para incluir disciplinas especiais ou opções alternativas; (ii) acesso a recursos adicionais de informação, nomeadamente nas suas áreas de excelência, através de trabalhos de projeto, de forma a motivar o aluno; (iii) oportunidades de partilhar os seus conhecimentos, potenciando a interação e evitando comportamentos de isolamento; (iv) estímulos para a expressão livre de ideias e projetos, nomeadamente através da planificação conjunta de atividades e projetos acerca dos temas de aprendizagem, tendo o professor o papel de mediador entre a expressão criativa dos alunos e a exequibilidade das ideias e projetos; (v) experiências práticas que lhes permitam fazer investigações e aplicar as suas competências na resolução de problemas.

Como complemento destas necessidades, Van Tassel (1980, cit. por DEB, 1998) acrescenta que os alunos sobredotados necessitam de oportunidades educativas que lhes permitam pensar a níveis conceptuais elevados, desenvolver atividades e tarefas diferenciadas das comuns, trabalhar em grupo, discutir questões éticas e morais, desenvolver atividades das suas áreas de excelência e interesses, trabalhar assuntos novos incluídos ou não no programa regular e aplicar as suas competências na resolução de problemas em contexto de situações concretas e reais.

3.3.2 – Organização geral da intervenção educativa

3.3.2.1 – Aceleração

A aceleração consiste no aumento do nível ou do ritmo de ensino, adequando-os às capacidades e ritmo de aprendizagem do aluno (cf. Feldhusen, 1991 cit. por Bernardo, 2008), sem alteração dos conteúdos ou métodos do currículo regular (cf. GEP, 1990).

Esta medida educativa tem como objetivos enquadrar os alunos com capacidades de aprendizagem excepcionais em turmas de alunos com competências idênticas, de forma a tornar a aprendizagem estimulante e reduzir o tempo de permanência do aluno no sistema educativo (cf. Gallagher, 1996 cit. por Bernardo, 2008).

Montgomery (1996 cit. por Freeman e Guenther, 2000) definiu dez modalidades de aceleração possíveis:

Quadro 5 – Modalidades de aceleração

Forma de Aceleração	Descrição
Entrada mais cedo na fase seguinte do processo educativo	Aplicável desde a educação pré-escolar.
Saltar anos de escolaridade	Passagem direta para um ou mais anos acima do previsto para a faixa etária.
Aceleração por disciplina	Frequência de anos mais adiantados

	apenas em determinadas disciplinas.
Agrupamento vertical	Classes mistas, com ampla variedade de idades e de anos de escolaridade, de modo a proporcionar trabalho conjunto entre alunos de diferentes faixas etárias.
Cursos especiais fora da escola	Oferta de conhecimentos em áreas curriculares específicas.
Estudos paralelos	Frequência em simultâneo do ensino básico e do ensino secundário.
Estudos compactados	Quando o currículo normal é completado em metade ou terça parte do tempo previsto.
Planos de estudo auto-organizados	Planos para os sobredotados cumprirem quando o resto da turma se encontra a terminar ou a aprender o que eles já fizeram ou sabem.
Mentoria	Trabalhar com um mentor, especialista numa determinada área de interesse da criança, na escola ou fora dela.
Cursos paralelos	Através de ensino à distância.

O sistema educativo português prevê a aceleração no quadro normativo estabelecido conjuntamente pelo D.L. nº 319/91, de 23 de Agosto e pelo Despacho nº 173/ME/91 de 23 de Outubro, que preveem a entrada antecipada de crianças para o 1º ciclo e o cumprimento

deste ciclo em tempo inferior ao previsto (quatro anos), em situações devidamente avaliadas e comprovadas (cf. DEB, 1998).

Diversos autores apontam vantagens e desvantagens na aplicação desta medida educativa. Se, por um lado, proporciona aos alunos maior eficácia e efetividade nas aprendizagens, mais opções de exploração académica e consequente aumento da sua produtividade assim como mais motivação e sofisticação académica (cf. Stanley e Benbow, s/data cit. por Fonseca, 2010) por outro lado provoca um desfasamento entre conhecimento e experiência prática impedindo o trabalho com conceitos e assuntos que exigem mais maturidade (cf. Kirk e Gallagher, 1991).

Martins (2010) apresenta uma listagem de vantagens e desvantagens da aceleração as quais apresentamos no seguinte quadro:

Quadro 6 - Vantagens e desvantagens da aceleração

Vantagens	Positivo no domínio da aprendizagem, técnica e formação do aluno; Permite avançar a um ritmo mais rápido; Pode ser usada em qualquer escola; Evita resultados negativos e potencia o bom desenvolvimento das competências do aluno; Promove a motivação do aluno; Permite adaptar a produtividade do aluno às suas capacidades efetivas; É rápido e económico; Permite ao aluno terminar a escolaridade antes do período obrigatório estipulado ao nível nacional e iniciar a sua vida profissional mais cedo.
Desvantagens	Inibe o aluno de acompanhar os alunos da mesma idade; O desenvolvimento afetivo do aluno pode não estar tão desenvolvido e gerar distúrbios que poderão refletir-se nas relações dentro da escola e no seio familiar; O aluno que acelera o seu percurso deixará de aprender alguns

conhecimentos importantes e necessários que são adquiridos através das próprias vivências entre pares;
Esta modalidade não ocorre de uma forma adequada em todas as áreas de desenvolvimento.

3.3.2.2 – Agrupamento

O agrupamento consiste na criação de grupos, turmas ou mesmo escolas para alunos sobredotados, agrupando-os de acordo com as suas competências e com um programa adequado a cada grupo, de modo a desenvolver um trabalho equilibrado e idêntico com todo o grupo (cf. Martins, 2010).

De acordo com Valle (2001), esta medida educativa é incompatível com as políticas educativas portuguesas pois não promove a inclusão.

Martins (2010) determina as seguintes vantagens e desvantagens deste programa:

Quadro 7 - Vantagens e desvantagens do agrupamento

Vantagens	<p>Promove programas especializados, adequados às necessidades dos alunos sobredotados;</p> <p>O aluno sobredotado tem oportunidades de se relacionar com outros alunos com a mesma problemática;</p> <p>Alto grau de motivação e rendimento.</p>
Desvantagens	<p>Pode conduzir a um elitismo por parte dos alunos em relação aos pares;</p> <p>Elimina-se a ideia de que todos os alunos devem educar-se e estar integrados com alunos do mesmo grupo etário, gerando um aumento das assimetrias intelectuais e sociais;</p>

Os aspetos inerentes à socialização, cooperação e colaboração podem ser negligenciados.

3.3.2.3. – Enriquecimento

O enriquecimento consiste na integração do aluno no contexto de sala de aula regular, fazendo modificações nas oportunidades educativas de acordo com as necessidades educativas do mesmo, nomeadamente no que concerne à adaptação dos conteúdos curriculares e recursos educativos (cf. DEB, 1998).

Esta é a medida educativa mais usada, promovendo a inclusão e oferecendo ao aluno oportunidades de desenvolvimento e concretização do seu potencial e promovendo a motivação pela aprendizagem (cf. Miranda, 2003; Pereira, 1998).

Este programa é, por vezes, aplicado em regime extracurricular atendendo ao elevado números de alunos por turma e à dificuldade acrescida para o professor lidar com a heterogeneidade (cf. Miranda, 2005 cit. por Fonseca, 2010).

Freeman e Guenther (2000) sugerem algumas formas de organizar e desenvolver o enriquecimento: (i) promoção de formação continuada e cursos para professores; (ii) produção de material extra para enriquecimento a ser disponibilizado num centro partilhado pelas escolas; (iii) protocolos com sistemas de apoio ao enriquecimento como clubes, sociedades e associações que recebam crianças sobredotadas; (iv) protocolos com universidades e institutos de ensino superior para a frequência de alunos nas suas instalações ou em aulas de cursos superiores; (v) flexibilização do ensino formal e, se necessário, alteração da rotina; (vi) contacto com profissionais bem sucedidos, de modo a beneficiar pela interação com outros; (vii) competições; (viii) alteração do currículo escolar aumentando o nível de complexidade e desafio, tanto nos temas como nos materiais; (ix) aumentar a profundidade da aprendizagem, trabalhando para ampliar a consciência social; (x) desenvolver atividades fora do horário escolar com acompanhamento especializado.

Valle (2001) considera que esta é a melhor estratégia de intervenção educativa com crianças sobredotadas, apresentando algumas vantagens e desvantagens do programa:

Quadro 8 - Vantagens e desvantagens do enriquecimento

Vantagens	Considera os aspetos de desenvolvimento pessoal dos alunos em todos os domínios; Permite ao aluno a escolha do seu ritmo de trabalho; Promove a motivação; É aplicável a todo o tipo de alunos sobredotados.
Desvantagens	É mais dispendioso que o agrupamento; Requer infraestruturas mais complexas; Carece que os professores tenham formação especializada; Obriga a um trabalho mais elaborado e complexo no âmbito do currículo do aluno.

3.4 – O papel do professor do ensino regular

A organização de uma intervenção educativa eficaz pressupõe que o professor seja capaz de identificar e sinalizar alunos potencialmente sobredotados, conheça as suas necessidades educativas, adapte as suas práticas às necessidades desses alunos e avalie se as estratégias adotadas contribuíram para o desenvolvimento integral dos mesmos (cf. DEB, 1998).

3.4.1 – A formação/perfil do professor

Os professores do ensino regular, mesmo não tendo que ser especialistas, devem estar sensibilizados para a diferença e preparados para lidar com crianças com necessidades educativas especiais em contexto de sala de aula do ensino regular. No caso das crianças sobredotadas é importante que o professor seja criativo na planificação das atividades, tanto ao nível dos conteúdos como dos materiais, espaços e das dinâmicas;

conheça as características psicológicas dos sobredotados; e apresente empatia e interação na relação educativa (cf. Neves, 2008).

O meio com o qual a criança interage, nomeadamente a escola, influencia o desenvolvimento das suas capacidades, podendo funcionar como desencadeador e estimulador de desenvolvimento ou como inibidor desse mesmo desenvolvimento (cf. DEB, 1998).

3.4.2 – Diagnóstico, identificação e sinais observáveis em contexto de sala de aula

Qualquer professor pode ter, na sua turma, um aluno sobredotado ainda não sinalizado, sendo necessário, portanto, conhecer e estar atento aos sinais observáveis que possibilitem a identificação deste aluno.

DEB (1998) define sete indicadores que poderão ser observados pelos professores em contexto de sala de aula com o objetivo de identificar crianças sobredotadas: (i) utilização da linguagem (amplitude do vocabulário, precisão na sua utilização, complexidade da estrutura das frases) observada em contexto atividades de participação espontânea de vivências, interesses e experiências; (ii) natureza das perguntas em contexto de clima favorável à participação espontânea com questões relativas à expressão da curiosidade sobre os múltiplos objetos de conhecimento; (iii) utilização de materiais diversificados com o objetivo de solucionar tarefas propostas pelo professor de forma criativa e eficaz; (iv) demonstração de conhecimentos profundos em diversas áreas, nomeadamente áreas de interesse exteriores ao contexto escolar; (v) persistência demonstrada na resolução de atividades, a qual só poderá ser observada quando o professor não impõem um prazo temporal que inviabilize a criatividade e persistência por motivo falta de tempo; (vi) auto-juízo crítico acentuado e exigente, o qual poderá ser observado em atividades de autoavaliação, por exemplo; (vii) complexidade das atividades escolhidas, só passíveis de observação perante metodologias que permitam a livre escolha de atividades.

3.4.3 – Intervenção através do desenho e aplicação de planos de estudo adequados

As dinâmicas de ação educativa e pedagógica do professor do ensino regular no que concerne a metodologias e estratégias, à diferenciação pedagógica e ao desenvolvimento de atividades de enriquecimento curricular, representam, para o aluno sobredotado, o suporte estruturante da sua educação. A cada professor em particular e ao conselho de turma em geral compete: construir um projeto curricular de turma que contemple todos e cada um dos alunos; estabelecer finalidades e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento; promover experiências significativas de aprendizagem; ajustar os métodos e as estratégias à turma e a cada aluno; ajustar as aprendizagens; avaliar e reorganizar o percurso do processo de ensino-aprendizagem; introduzir as alterações consequentes; propor atividades de enriquecimento curricular; utilizar espaços e equipamentos pedagógicos complementares; desenvolver, de forma progressiva, programas de aprofundamento sobre determinados conteúdos curriculares e/ou de aceleração para contextos mais avançados, recorrendo a adaptações curriculares nas disciplinas ou áreas disciplinares em que tal seja conveniente.

Diversos autores apresentam um vasto leque de estratégias educativas que visam facilitar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos sobredotados, potenciar o sucesso escolar e promover a sua integração e bem-estar.

Assim, analisando Martins (2010), Neves (2008), Pocinho (2008), Serra (s/data) e Van Tassel (1980 cit. por Serra (s/data)), apresentam-se algumas sugestões de estratégias e atividades possíveis de desenvolver com alunos sobredotados ao longo de todo o seu percurso escolar, agrupadas por diferentes níveis:

Quadro 9 – Estratégias e atividades a desenvolver com alunos sobredotados no contexto escolar

Aprendizagem	- respeitar o ritmo de aprendizagem do aluno;
	- facultar informação variada sobre temas do seu interesse, promovendo o pensamento divergente e encorajando a pesquisa e a busca de mais

informação;

- estimular o prazer pela observação, recorrendo, por exemplo, a livros, imagens, filmes, visitas de estudo;
- oferecer liberdade de escolha nos temas a abordar;
- promover experiências diversificadas tanto ao nível das vivências como da experimentação de materiais e técnicas;
- estimular a aquisição de novas competências;
- estimular o espírito crítico e criativo;
- criar situações problema que impliquem a investigação e a procura de soluções;
- enriquecer o seu vocabulário.

Motivação

- explorar temas do interesse do aluno;
- reconhecer e elogiar o trabalho do aluno;
- estimular a procura de mais conhecimentos;
- ajudar a gerir o insucesso;
- encorajar e permitir o trabalho autónomo ajudando apenas quando solicitado;
- evitar rotinas e repetições;
- permitir a definição de objetivos e a tomada de decisões;
- promover o desenvolvimento do espírito autocrítico de forma a que procure evoluir.

Criatividade

- estimular a criatividade na produção artística, facultando os meios necessários para tal;
 - respeitar o ritmo de trabalho;
-

	<ul style="list-style-type: none"> - promover o uso de diferentes materiais e técnicas; - estimular a sua sensibilidade pela harmonia, beleza, estética e originalidade; - promover situações que lhe permitam fantasiar e imaginar.
Liderança	<ul style="list-style-type: none"> - promover o desenvolvimento da capacidade de liderança; - aumentar o grau de responsabilidade face ao cumprimento de objetivos; - promover a partilha de saberes e o intercâmbio de opiniões; - promover a relação com os pares; - permitir e favorecer o contato com pessoas de diversos contextos sociais, económicos e culturais; - promover atividades que lhe permitam assumir o papel de liderança.
Atividades artísticas	<ul style="list-style-type: none"> - incentivar o desenvolvimento de uma atitude autocrítica face aos trabalhos realizados; - incentivar o espírito crítico; - promover o interesse pelo trabalho dos colegas e vice-versa; - incentivar à criação de trabalhos originais; - facultar e promover a utilização de diferentes técnicas e materiais; - respeitar o seu ritmo na execução dos projetos; - diversificar os temas apresentados, incentivando a originalidade.
Atividades musicais e dramáticas	<ul style="list-style-type: none"> - proporcionar o uso de instrumentos musicais diversificados; - promover a expressão corporal associada aos sons e ritmos; - promover a dramatização de diferentes peças de teatro e incentivar a interpretação de diferentes personagens.

-
- Comunicação**
- promover debates sobre temáticas de interesse geral;
 - incentivar ao relato oral de acontecimentos em grande grupo;
 - promover a autoestima e a autoconfiança;
 - promover a interação entre pares;
 - promover o enriquecimento do vocabulário com recurso à leitura, invenção e recontagem de histórias;
 - desenvolver atividades criativas que permitam o desenvolvimento de capacidades orais.

-
- Planeamento**
- incentivar à planificação autónoma de trabalhos desde o início à conclusão do mesmos;
 - incentivar a procura de vários métodos e materiais alternativos para atingir objetivos e realizar tarefas;
 - estimular a superação de limites de uma determinada tarefa;
 - promover a responsabilidade.
-

De acordo com Silva (1992), numa perspetiva sócio-emocional, o professor, na sala de aula, deve estimular a curiosidade, evitar críticas destrutivas, promover a ausência do sentimento de medo, manter o contacto físico, ouvir e responder sem julgar, encorajar a individualidade, ajudar a estabelecer prioridades de tempo e energia e permitir a partilha.

3.5 - Inadaptação do aluno à escola Versus inadaptação da escola ao aluno: Consequências da falta de atendimento adequado

Na sociedade em geral ainda existe o mito de que o sobredotado é alguém que capacidades excecionais em todos os domínios, alguém com um talento especial numa área

das artes ou com capacidades e desempenho acadêmico extraordinário sem necessidade de estudar, sem dificuldades de socialização ou integração no meio escolar (cf. DEB, 1998).

Porém, é necessário entender que estas crianças vivenciam muitas dificuldades durante o seu percurso escolar e, muitas delas passam mesmo despercebidas durante este percurso ou são mesmo identificadas como problemáticas pelos professores (cf. DEB, 1998).

A falta de atendimento ou um atendimento inadequado aos sobredotados pode originar comportamentos negativos perante a escola e uma conseqüente inadaptação (cf. Bastos, 2009) afetando, inclusive, o seu desenvolvimento sócio emocional e impedindo-o de explorar o seu potencial (cf. Bernardo, 2008).

Kirk e Gallagher (1991) defendem que se as capacidades da criança sobredotada não forem desenvolvidas de forma harmoniosa, ao nível sócio emocional, podem gerar comportamentos como agressividade, hostilidade, isolamento, culpabilização dos outros, sentimentos de inferioridade, baixa autoestima, atitudes insultuosas, passividade, falta de autoconfiança, rejeição de valores, marginalidade e até tendências suicidas.

Silva (1992) acrescenta alguns comportamentos verificáveis na sala de aula como baixos resultados escolares, falta de hábitos de trabalho, de motivação e empenho, atitudes negativas em relação à escola, falta de atenção, atitudes perturbadoras e de falta de educação; e comportamentos verificáveis no seio familiar como agressividade, instabilidade emocional, arrogância, intolerância, isolamento e sentimento de rejeição.

“As crianças sobredotadas, com desequilíbrio de desenvolvimento nas suas capacidades, podem ter de enfrentar situações de não aceitação que podem degenerar muitas vezes em frustração, desmotivação e, não raro, em problemas do foro psicológico e/ou fisiológico, o que significa uma perda irreversível de talentos que poderiam ter sido uma mais valia para a humanidade.” (Serra, s/data: 76)

Perante estes sintomas coloca-se a questão: Será a criança sobredotada que não se adapta à escola ou a escola que não se adapta ao aluno sobredotado?

Segundo Prieto e Martínéz (2000 cit. por Neves, 2008) são necessários vários passos para projetar e implementar medidas educativas num contexto de escola inclusiva, implicando sensibilidade e comprometimento no atendimento a alunos com necessidades educativas especiais, nomeadamente a definição de políticas educativas relativas ao atendimento de sobredotados no sistema de ensino regular e a formação de professores.

Na realidade a legislação portuguesa contempla especificamente o atendimento à criança deficiente, mas apresenta lacunas no atendimento à criança sobredotada (cf. Bastos, 2009). Nem sempre é dado o atendimento adequado no sistema educativo, estando este mais direcionado para as crianças com dificuldades de aprendizagem (cf. Miranda e Almeida, 2002).

O sistema educativo deve ser flexível e possibilitar adequações ao currículo de forma a adaptá-lo às necessidades educativas dos sobredotados devendo este considere um amplo projeto educativo levado a cabo por uma equipa multidisciplinar. (cf. Sánchez Manzano e Sanchez Cuenca, 1990 cit. por Neves, 2008).

Comumente, as crianças sobredotadas deparam-se na escola com tarefas demasiado fáceis para as suas capacidades e falta de estímulo e motivação por inadaptação (cf. Falcão, 1992).

Parte II – Enquadramento empírico

Capítulo 1 – Metodologia de investigação

1.1 – Introdução

A investigação na área da sobredotação tem mostrado, em termos gerais, uma falta de articulação entre a definição considerada em determinado momento, as metodologias adotadas na identificação de indivíduos considerados sobredotados e as medidas de intervenção e práticas educativas proporcionadas. Constatamos que em Portugal pouco se conhece acerca do acompanhamento educativo dado a estes alunos e seus reais efeitos no percurso escolar e desenvolvimental. Assim, o tema da sobredotação encontra-se bastante carenciado de investigação, seja a nível internacional seja, e mais ainda, ao nível do nosso País.

Face às dificuldades apresentadas e após reflexão sobre a análise bibliográfica realizada, levantaram-se questões (hipóteses), para as quais se pretende obter resposta.

Neste capítulo apresentam-se as hipóteses formuladas, definem-se os objetivos principais deste projeto de investigação e expõe-se a metodologia geral seguida na sua prossecução.

Segundo Almeida e Freire (1997) os resultados de uma investigação, e logicamente as conclusões daí decorrentes, dependem de quem é avaliado (amostra), dos meios usados na avaliação (instrumento) e do contexto em que ocorre essa avaliação (procedimentos). Assim, procede-se, de forma justificada, à caracterização da amostra considerada, apresenta-se o instrumento de investigação utilizado e, finalmente, desenvolvem-se os procedimentos de aplicação do mesmo, de recolha dos resultados e do seu tratamento como forma de melhorar o enquadramento dos resultados obtidos, a sua análise, discussão, bem como as conclusões daí retiradas.

1.2 – Hipóteses

Num contexto de escola inclusiva, os professores do ensino regular deparam-se com frequência com crianças com necessidades educativas especiais, as quais, sempre que possível, estão integradas nas turmas do ensino regular. Neste âmbito pretendemos estudar o que sentem e fazem os professores perante um aluno sobredotado, partindo da questão problema: Quais as perceções e práticas pedagógicas dos professores do primeiro ciclo

perante o atendimento aos alunos sobredotados no ensino regular? Diante a questão problema aqui apresentada propusemo-nos concluir acerca de quatro hipóteses:

H1: Os professores do 1º ciclo consideram ter formação para a prática docente no âmbito da educação especial.

Variável independente: formação dos professores do 1º ciclo no âmbito da educação especial

Variável dependente: Auto-percepção sobre a formação no âmbito da educação especial

H2: Os professores do 1º ciclo consideram a legislação relativa à prática docente com alunos sobredotados adequada.

Variável independente: adequação da legislação relativa à prática docente com alunos sobredotados

Variável dependente: percepção da adequação da legislação relativa à prática docente com alunos sobredotados.

H3: A formação em educação especial dos professores do 1º ciclo influencia as suas práticas educativas inclusivas com alunos sobredotados.

Variável independente: formação em educação especial

Variável dependente: práticas educativas inclusivas com alunos sobredotados

H4: Quanto maior for o conhecimento dos professores do 1º ciclo sobre a problemática da sobredotação melhores são as suas práticas educativas inclusivas.

Variável independente: conhecimento sobre a problemática da sobredotação

Variável dependente: práticas educativas inclusivas

3 – Objetivos

Partindo da temática em estudo “A sobredotação como necessidade educativa no ensino regular: Conhecer, identificar e intervir no ensino regular – Perspetivas e práticas

pedagógicas dos docentes do 1º ciclo do ensino básico”, e da questão problema acima referida, estabeleceu-se como objetivo geral conhecer as perspetivas e práticas pedagógicas dos docentes do 1º ciclo face à problemática da sobredotação e da que forma como a criança sobredotada é atendida no contexto de escola inclusiva: (i) Estará a legislação adequada para atender a estas crianças? (ii) Estarão as escolas preparadas para responder às NEEs destas crianças? (iii) Será que os professores sabem o que é a sobredotação? (iv) Serão os professores capazes de diagnosticar e definir estratégias de intervenção com crianças sobredotadas?

Assim, definiram-se como objetivos específicos: (i) compreender a temática da sobredotação; (ii) conhecer as características das crianças sobredotadas; (iii) conhecer o papel da escola no atendimento às crianças sobredotadas; (iv) conhecer o papel do professor na inclusão das crianças sobredotadas; (v) sensibilizar a comunidade educativa para a problemática da sobredotação.

1.4 – Instrumentos de Investigação

Segundo Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (2000) em ciências humanas existem três grandes grupos de técnicas de recolha de dados, são eles: (i) o inquérito que pode tomar a forma de entrevista (oral) ou de questionário (escrito); (ii) a observação que pode ser direta ou participante; (iii) a análise documental que tem como principal objetivo recolher informação necessária para a base da análise de estudo.

Aquando da decisão sobre o instrumento a adotar para a obtenção dos dados de forma a concluir acerca das hipóteses inicialmente formuladas e a atingir os objetivos previamente definidos, e tendo em consideração a natureza do estudo e a população, optou-se por usar o inquérito por questionário como instrumento de recolha de dados.

A opção de inquérito por questionário prendeu-se, em parte, com o facto de este instrumento de investigação permitir maior sistematização, maior simplicidade e clareza de análise e maior rapidez na recolha e análise dos dados de uma amostra relativamente numerosa, pese embora a sua dificuldade de conceção (cf. Carmo e Ferreira, 2008).

De acordo com Quivy & Campenhoudt (1998) um questionário consiste num guião previamente elaborado que se aplica a um conjunto de sujeitos (amostra). Segundo os mesmos autores, esta técnica de recolha de dados consiste em colocar a uma amostra

representativa de uma população, um conjunto de perguntas relativas à sua situação social, profissional e/ou familiar; às suas opiniões e atitudes em relação a opções ou questões humanas e sociais; às suas expectativas; ao seu grau de conhecimento ou de consciência de um acontecimento ou problemática; ou sobre qualquer outro ponto que interesse do investigador. Segundo estes autores, este tipo de técnica tem como objetivo a verificação de hipóteses teóricas e o estudo das correlações que essas hipóteses indicam. Esta técnica tem a vantagem de não obrigar a uma interação direta com os sujeitos que respondem, uma vez que são os próprios que o preenchem, o que lhes permite que permaneçam anónimos. Esta garantia de anonimato pode ser importante no sentido de se conseguirem respostas o mais honestas possíveis. Porém, o sujeito, quando responde na ausência do investigador, não tem com quem dissipar eventuais dúvidas e podendo dar a sua opinião de forma subjetiva e por vezes até de certo modo tendenciosa. Assim as questões foram formuladas da forma simples e compreensível por todos, de modo a permitir obter respostas com informação utilizável.

O questionário foi acompanhado por um cabeçalho onde se procede à sua apresentação indicando a finalidade do mesmo, e onde se alerta para o anonimato do questionário, a fim de permitir aos inquiridos o seu preenchimento sem receios, de forma objetiva e sincera.

O questionário elaborado para este estudo é constituído por 38 perguntas fechadas e organizadas em três grupos: (i) caracterização da amostra (dados pessoais e profissionais); (ii) características da criança sobredotada; (iii) atendimento à criança sobredotada em contexto escolar. O primeiro grupo de questões requer respostas relativas à identificação dos inquiridos; o segundo grupo pressupõe respostas afirmativas ou negativas visando aferir o conhecimento dos inquiridos sobre as características da sobredotação e o terceiro está estruturado em forma de escala de Lickert visando aferir a opinião dos inquiridos relativamente à inclusão e intervenção com alunos sobredotados.

Todo o questionário é composto por perguntas fechadas, baseadas na fundamentação teórica, estando as respostas limitadas a uma lista pré-estabelecida de modo a uniformizar as respostas e permitir a sua comparação com a fundamentação teórica previamente elaborada.

Para chegar à versão final foi necessário aplicar um pré-teste com os objetivos de aferir a relevância, adequação, precisão, dimensão, clareza e objetividade das questões do

mesmo, reduzindo ao máximo o fator de ambiguidade. O questionário foi testado numa pequena amostra de dez professores. De um modo geral, todos consideraram as questões claras, precisas e adequadas, os assuntos relevantes e suficientes, embora tenham considerado não estarem preparados para se pronunciarem sobre a temática em estudo. Quanto ao tempo gasto no preenchimento variou entre os dez e os quinze minutos, não tendo provocado aborrecimento e desinteresse por parte dos inquiridos.

O questionário foi elaborado através da ferramenta GoogleDocs que permite delimitar as áreas específicas de preenchimento e facilitar não só o preenchimento por parte dos inquiridos, como também o próprio envio e receção por e-mail.

1.5 – Amostra

Tendo como população os professores do 1º ciclo do ensino básico que exercem ou exerceram funções em escolas públicas ou privadas, e perante a impossibilidade de o estudo incidir sobre a mesma devido à sua elevada dimensão, utilizou-se como amostra um grupo de 178 elementos dessa população.

Para este efeito, foi utilizada a técnica de amostragem não probabilística, amostragem em bola de neve. Esta técnica foi selecionada devido à impossibilidade de obter uma listagem completa dos elementos da população a estudar (cf. Carmo e Ferreira, 2008). Assim sendo, o grupo de inquiridos foi escolhido aleatoriamente e, posteriormente, foi pedido a cada elemento da amostra inicial que reenviasse, via e-mail, o questionário a outros que pertencem à mesma população.

1.6 – Procedimentos Estatísticos

Tendo em conta que o instrumento de medida da investigação assenta numa metodologia quantitativa (questionário de perguntas fechadas), os dados recolhidos foram exportados numa folha de cálculo do GoogleDocs, ferramenta usada na elaboração e aplicação do questionário, e tratados estatisticamente recorrendo ao programa Microsoft Office Excel 2007.

De acordo com os objetivos previamente definidos optou-se por apresentar os dados em Gráficos de frequência absoluta e relativa e tabelas com a análise estatística de medidas

de tendência central (média, moda, mediana) e de medidas de dispersão (desvio padrão) nas questões em que estas medidas estatísticas se justificaram de forma a testar as hipóteses inicialmente estabelecidas.

Capítulo 2 - Apresentação dos Resultados

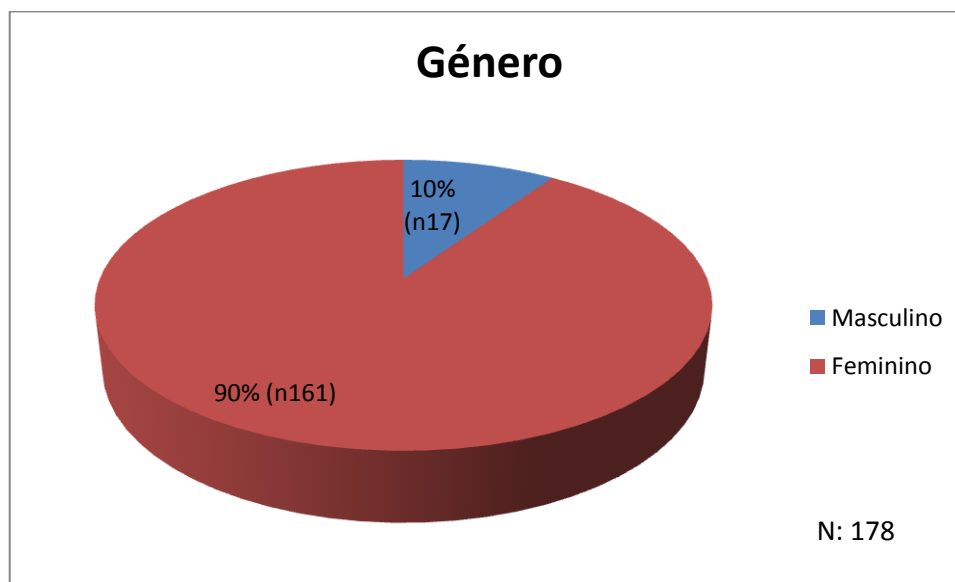
2.1 – Introdução

Neste capítulo apresenta-se estatisticamente os dados recolhidos com a aplicação dos questionários à amostra. Esta apresentação incide, numa primeira parte, na quantificação relativa das principais características dos inquiridos, sendo que a dispersão e frequência de resultados, está representada através de gráficos de circulares. Numa segunda fase, o tratamento de quantificação relativa da escala de Lickert é representado através de gráficos de colunas, que evidenciam a dispersão e frequência dos resultados obtidos. Para cada uma das questões é apresentada uma tabela com a análise estatística dos resultados.

2.2 - Caracterização da amostra

Questão: Género

Gráfico 1- Distribuição dos sujeitos da amostra em função do género



Dos 178 sujeitos que compõe a amostra 90% são do género feminino e apenas 10% do género masculino.

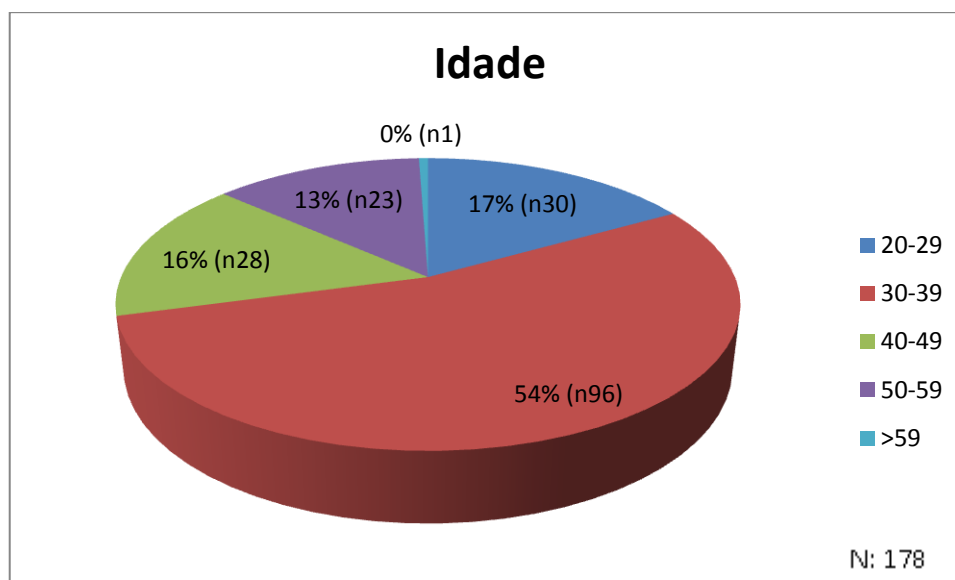
Tabela 1- Análise estatística da amostra em função do género dos inquiridos

Análise Estatística	
Moda	Feminino

Da análise estatística realizada às respostas a esta questão verifica-se que a moda situa-se claramente no género feminino.

Questão: Idade

Gráfico 2- Distribuição dos sujeitos da amostra em função da idade



A amostra é constituída maioritariamente por sujeitos com idades compreendidas entre os 30 e os 39 anos (54%), seguindo-se o escalão de idades entre os 20 e os 29 anos (17%) e o escalão entre os 40 e os 49 anos (16%), sendo que apenas treze 13% dos inquiridos (n 24) possuem mais de 49 anos de idade.

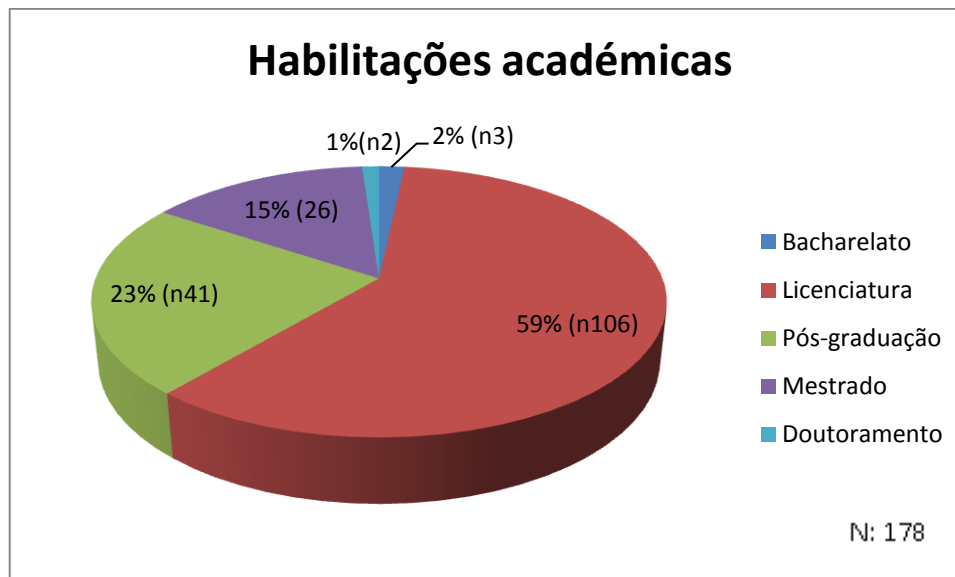
Tabela 2- Análise estatística da amostra em função da idade dos inquiridos

Análise Estatística	
Classe Modal	30-39
Média	37,640
Classe Mediana	30-39
Desvio Padrão	9,075

Da análise estatística realizada à amostra de respostas a esta questão, podemos verificar que a média de idade dos inquiridos se situa entre os 37 e os 38 anos, sendo a classes modal e a classe mediana a que engloba os inquiridos entre os 30 e os 39 anos. O desvio padrão evidencia pouca dispersão etária entre os inquiridos, uma vez que a classe modal engloba uma percentagem elevada de indivíduos.

Questão: Habilitações académicas

Gráfico 3- Distribuição dos sujeitos da amostra em função das habilitações académicas



Relativamente às habilitações académicas, a amostra em estudo revela uma maior percentagem de sujeitos licenciados (59%), seguindo-se os pós-graduados (23%) e os mestres (15%). As percentagens de bacharéis e doutorados acumuladas são de apenas 3% (n 5).

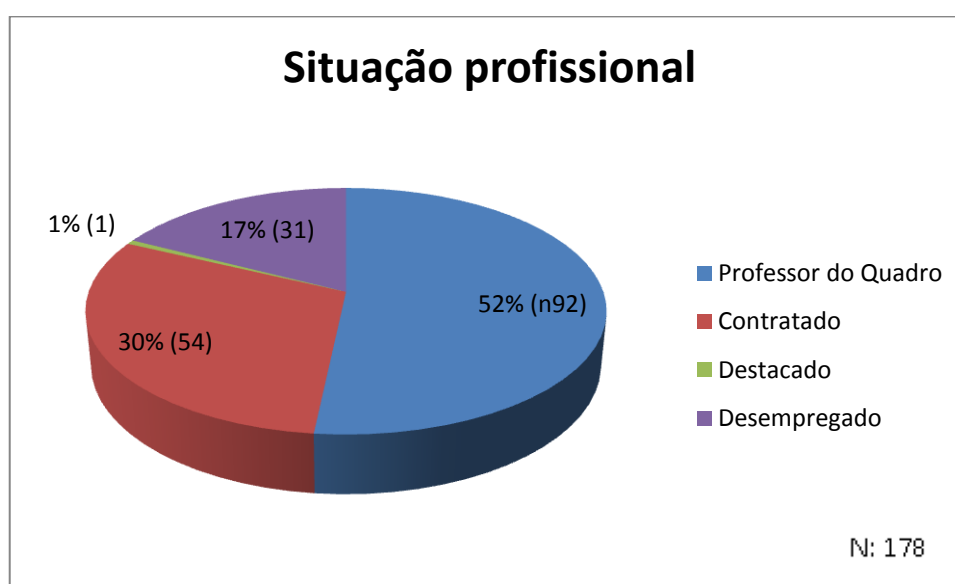
Tabela 3- Análise estatística da amostra em função das habilitações académicas dos inquiridos

Análise Estatística	
Moda	Licenciatura

Analisando estatisticamente as respostas a esta questão verifica-se que a moda situa-se na Licenciatura.

Questão: Situação profissional

Gráfico 4- Distribuição dos sujeitos da amostra em função da situação profissional



No que concerne à situação profissional, 52% (n 92) dos inquiridos são professores do quadro, 30% (n 54) são contratados, 1% (n 1) estão destacados e 17% (n 31) encontram-se desempregados.

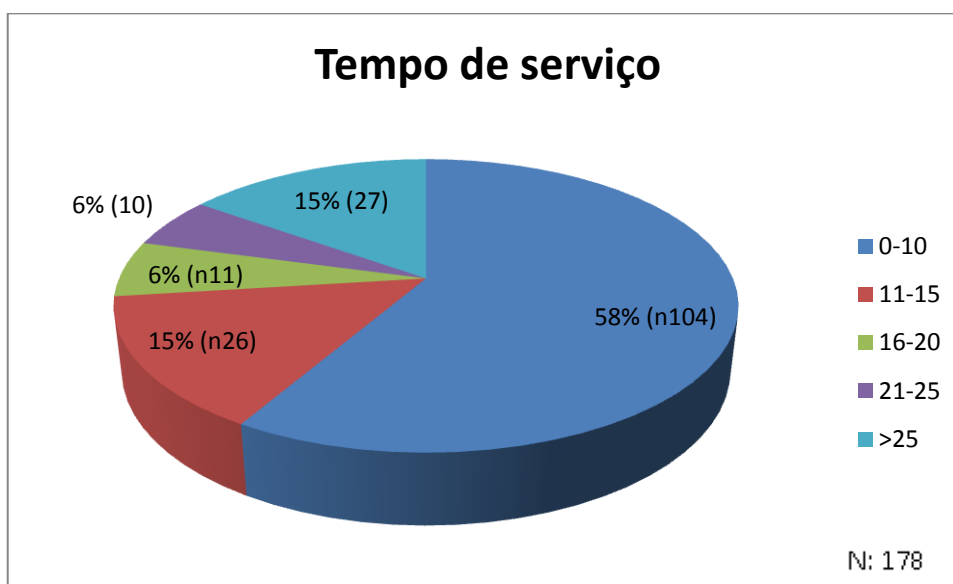
Tabela 4- Análise estatística da amostra em função da situação profissional dos inquiridos

Análise Estatística	
Moda	Professor do Quadro

Na análise estatística realizada às respostas a esta questão, podemos verificar que a moda situa-se nos professores do quadro.

Questão: Tempo de serviço

Gráfico 5- Distribuição dos sujeitos da amostra em função do tempo de serviço



Na sua maioria (58%) os sujeitos da amostra têm entre 0 e 10 anos de serviço, seguidos percentualmente pelos escalões situados entre os 11 e os 15 anos de serviço (15%) e mais de 25 anos de tempo de serviço (15%).

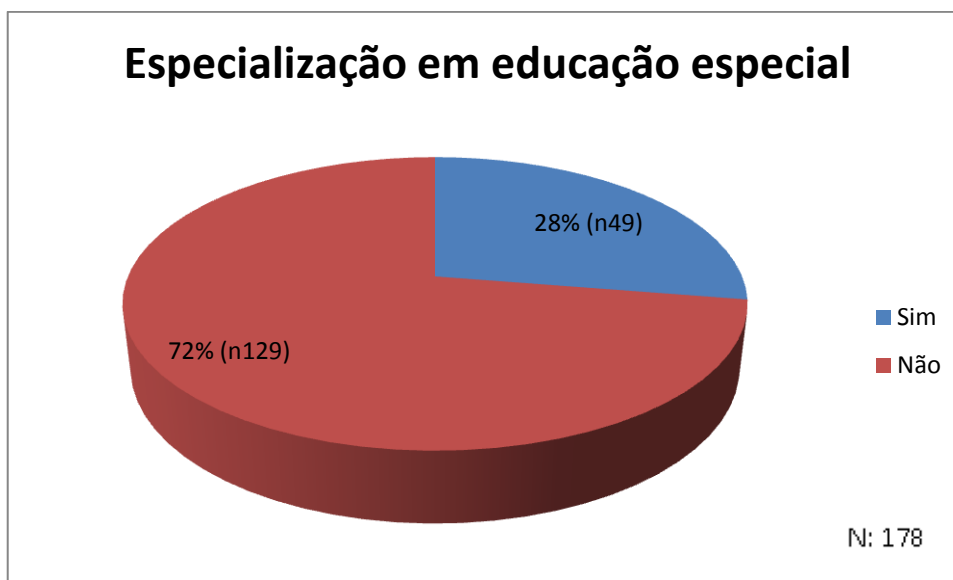
Tabela 5- Análise estatística da amostra em função do tempo de serviço dos inquiridos

Análise Estatística	
Classe Modal	0-10
Média	11,472
Classe Mediana	0-10
Desvio Padrão	8,738

Da análise estatística realizada às respostas à questão relativa ao tempo de serviço, podemos verificar que a média de tempo de serviço dos inquiridos se situa entre os 11 e os 12 anos, sendo a classes modal e a classe mediana a que engloba os inquiridos com tempo de serviço até 10 anos. O desvio padrão evidencia pouca dispersão etária entre os inquiridos, dado que a classe modal engloba uma elevada percentagem da amostra.

Questão: Especialização em Educação Especial

Gráfico 6- Distribuição dos sujeitos da amostra em função da especialização em educação especial



A maioria dos sujeitos não possui especialização em educação especial (72%).

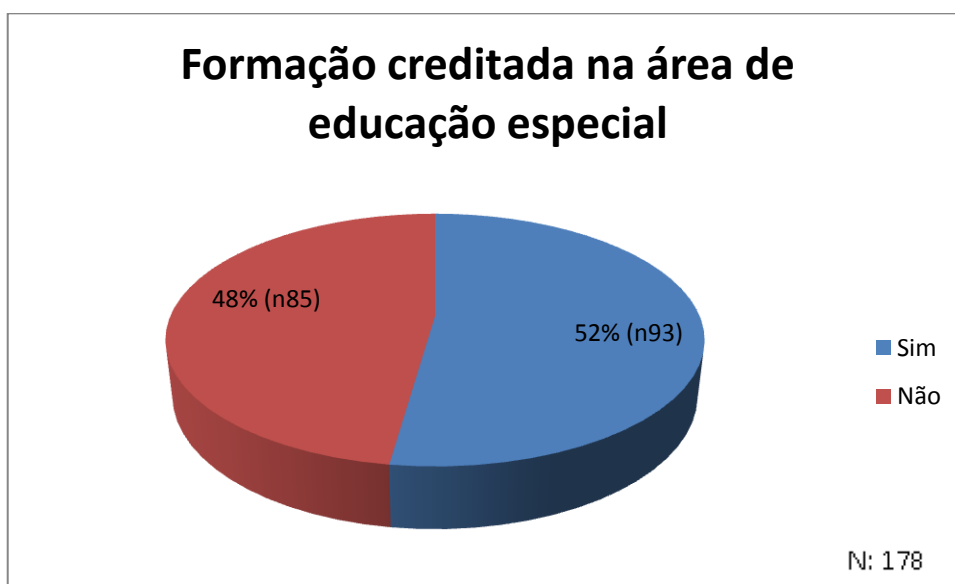
Tabela 6- Análise estatística da amostra em função da formação especializada

Análise Estatística	
Moda	Não

Da análise estatística às respostas dos inquiridos relativamente à formação especializada em educação especial podemos concluir que a moda é “Não”.

Questão: Formação creditada na área de educação especial

Gráfico 7- Distribuição dos sujeitos da amostra em função da formação creditada na área da educação especial



Relativamente à formação creditada em educação especial verifica-se que a quantidade de inquiridos que responde não ter (n 85) é muito próxima da quantidade de inquiridos que revela ter frequentado este tipo de formação (n 93).

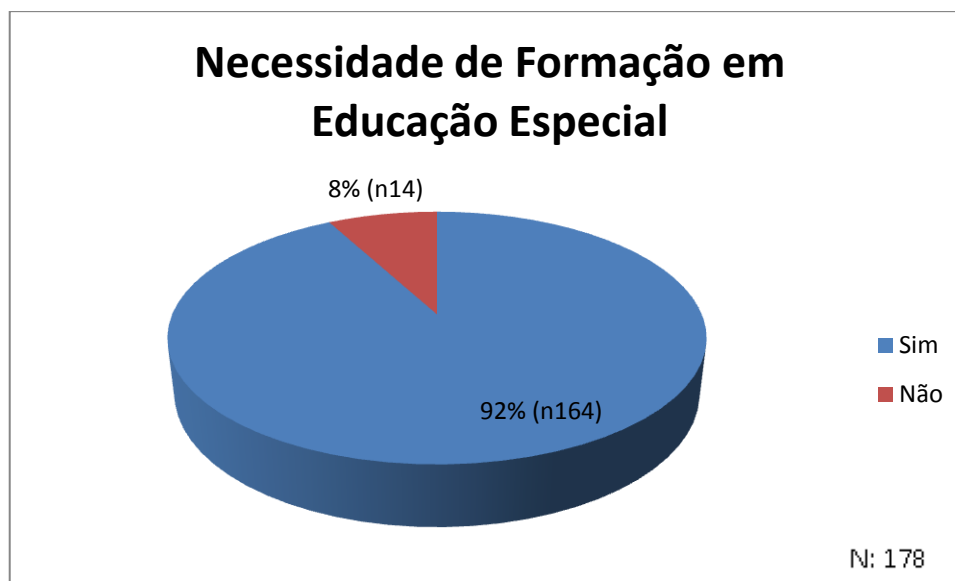
Tabela 7- Análise estatística da amostra em função da formação creditada na área da educação especial

Análise Estatística	
Moda	Sim

Analisando as respostas à questão da formação creditada em educação especial verifica-se que a moda é “Sim”.

Questão: Necessidade de formação em educação especial

Gráfico 8- Distribuição dos sujeitos da amostra em função da necessidade de formação na área da educação especial



Dos 178, 164 (92%) revelam sentir necessidade de formação da área de educação especial e apenas 14 (8%) não sentem essa necessidade.

Tabela 8- Análise estatística da amostra em função da necessidade de formação na área da educação especial

Análise Estatística	
Moda	Sim

Analisando estatisticamente os dados relativos à necessidade de formação na área de educação especial, verifica-se que a moda situa-se claramente na resposta “Sim”.

Questão: Experiência de lecionação com crianças sobredotadas

Gráfico 9- Distribuição dos sujeitos da amostra em função da experiência de lecionação com crianças sobredotadas



Apenas 34 sujeitos (19%) afirmam ter experiência de lecionação com crianças sobredotadas.

Tabela 9- Análise estatística da amostra em função da experiência de lecionação com crianças sobredotadas

Análise Estatística	
Moda	Não

Relativamente à análise estatística desta questão verifica-se que a moda situa-se no “Não”.

Questão: Experiência com planos de desenvolvimento

Gráfico 10- Distribuição dos sujeitos da amostra em função da experiência com planos de desenvolvimento



Dos inquiridos que responderam a esta questão (N 40), 52% (n 21) refere possuir experiência com planos de desenvolvimento.

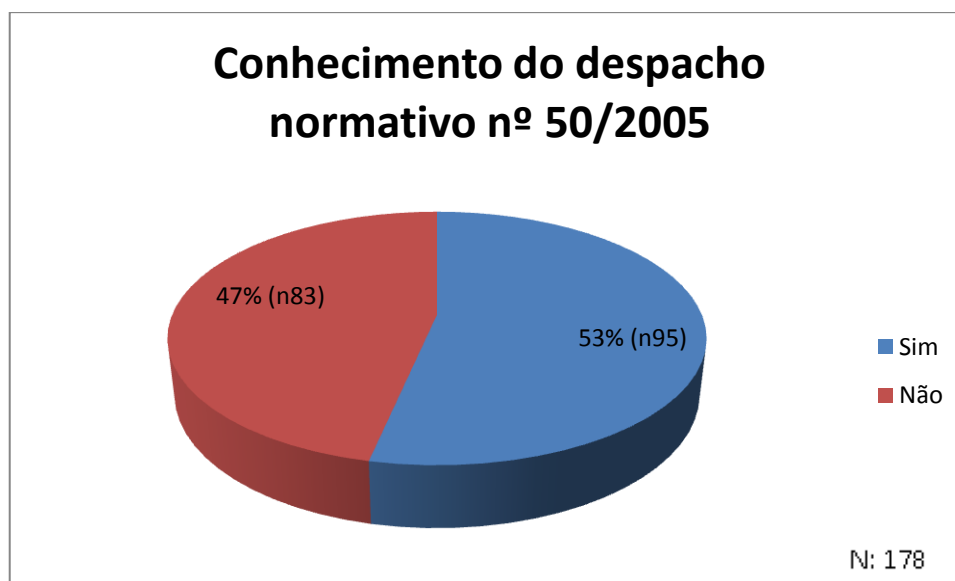
Tabela 10- Análise estatística da amostra em função da experiência com planos de desenvolvimento

Análise Estatística	
Moda	Sim

Analisando estatisticamente as respostas dadas nesta questão, verifica-se que a moda situa-se no “Sim”.

Questão: Conhecimento do despacho normativo nº50/2005

Gráfico 11- Distribuição dos sujeitos da amostra em função do conhecimento do despacho normativo nº 50/2005



O despacho normativo nº 50/2005 é conhecido por pouco mais de metade dos sujeitos (53%).

Tabela 11- Análise estatística da amostra em função do conhecimento do despacho normativo nº 50/2005

Análise Estatística	
Moda	Sim

Da análise estatística realizada às respostas dadas pelos sujeitos da amostra à questão do conhecimento do despacho normativo nº50/2005 podemos concluir que a moda situa-se na opção “Sim”.

3- Dados de opinião

3.1 – A criança sobredotada

Questão: As crianças sobredotadas possuem um potencial global que as tornam sobredotadas em todas as áreas académicas

Gráfico 12 - As crianças sobredotadas possuem um potencial global que as tornam sobredotadas em todas as áreas académicas



Pela distribuição percentual das respostas dadas pelos inquiridos a esta questão, verifica-se que 85% (n 152) dos inquiridos refutam que as crianças sobredotadas possuem um potencial global.

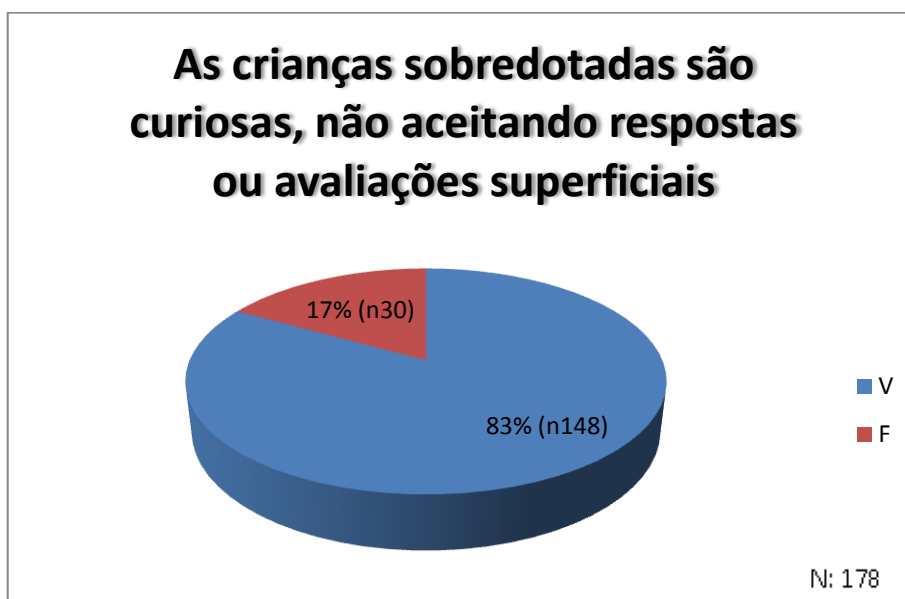
Tabela 12 - As crianças sobredotadas possuem um potencial global que as tornam sobredotadas em todas as áreas académicas

Análise Estatística	
Moda	Falso

Pela análise estatística das respostas dadas pelos inquiridos a esta questão verifica-se que a moda situa-se na opção “Falso”.

Questão: As crianças sobredotadas são curiosas, não aceitando respostas ou avaliações superficiais

Gráfico 13 - As crianças sobredotadas são curiosas, não aceitando respostas ou avaliações superficiais



Relativamente à curiosidade destas crianças verifica-se que 83% dos inquiridos acreditam que as crianças sobredotadas são curiosas requerendo respostas e avaliações aprofundadas.

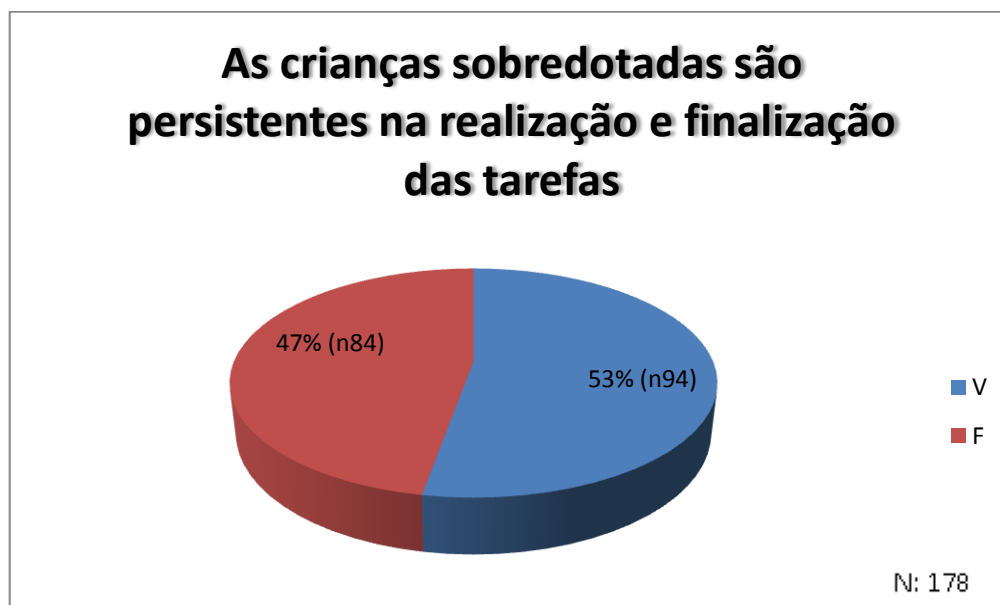
Tabela 13 - As crianças sobredotadas são curiosas, não aceitando respostas ou avaliações superficiais

Análise Estatística	
Moda	Verdadeiro

A análise estatística das respostas a esta questão mostra-nos que a moda situa-se na opção “Verdadeiro”

Questão: As crianças sobredotadas são persistentes na realização e finalização das tarefas

Gráfico 14 - As crianças sobredotadas são persistentes na realização e finalização das tarefas



Mais de metade dos inquiridos (53%) afirma que as crianças sobredotadas são persistentes na realização e finalização das tarefas.

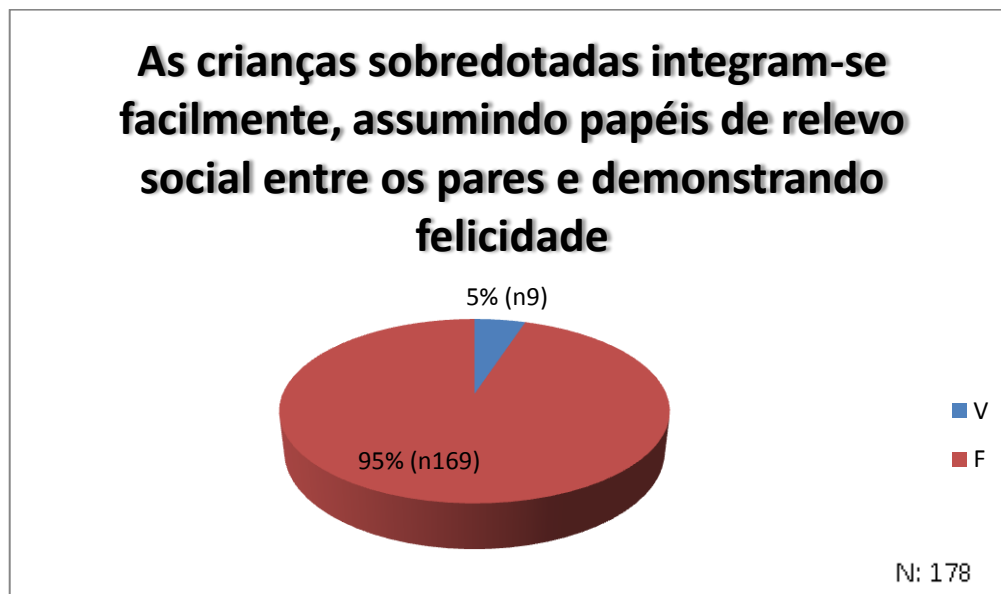
Tabela 14 - As crianças sobredotadas são persistentes na realização e finalização das tarefas

Análise Estatística	
Moda	Verdadeiro

Perante a análise das respostas das pelos inquiridos a esta questão verifica-se que a moda situa-se na opção “Verdadeiro”.

Questão: As crianças sobredotadas integram-se facilmente, assumindo papéis de relevo social entre os pares e demonstrando felicidade

Gráfico 15 - As crianças sobredotadas integram-se facilmente, assumindo papéis de relevo social entre os pares e demonstrando felicidade



Relativamente à integração social das crianças sobredotadas 95% da amostra é de opinião que estas crianças têm dificuldades de integração, em assumir papéis de relevo social e em demonstrar felicidade.

Tabela 15 - As crianças sobredotadas integram-se facilmente, assumindo papéis de relevo social entre os pares e demonstrando felicidade

Análise Estatística	
Moda	Falso

A análise estatística às respostas dadas a esta questão mostra que a moda situa-se claramente na opção “Falso”.

Questão: As crianças sobredotadas aborrecem-se perante a realização de tarefas de rotina

Gráfico 16 - As crianças sobredotadas aborrecem-se perante a realização de tarefas de rotina



Verifica-se uma opinião quase consensual entre os inquiridos de que as crianças sobredotadas aborrecem-se perante atividades rotineiras (92%).

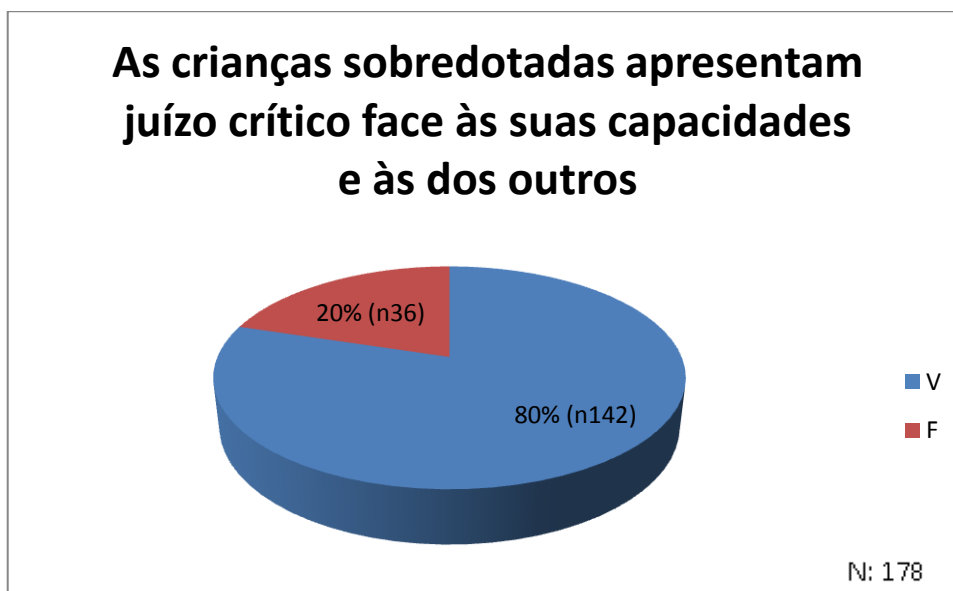
Tabela 16 - As crianças sobredotadas aborrecem-se perante a realização de tarefas de rotina

Análise Estatística	
Moda	Verdadeiro

A moda das respostas dadas a esta questão situa-se na opção “Verdadeiro”.

Questão: As crianças sobredotadas apresentam juízo crítico face às suas capacidades e às dos outros

Gráfico 17 - As crianças sobredotadas apresentam juízo crítico face às suas capacidades e às dos outros



Quanto ao juízo crítico dos sobredotados verifica-se que 80% da amostra defende que estas crianças têm um juízo crítico apurado em relação a si e aos outros.

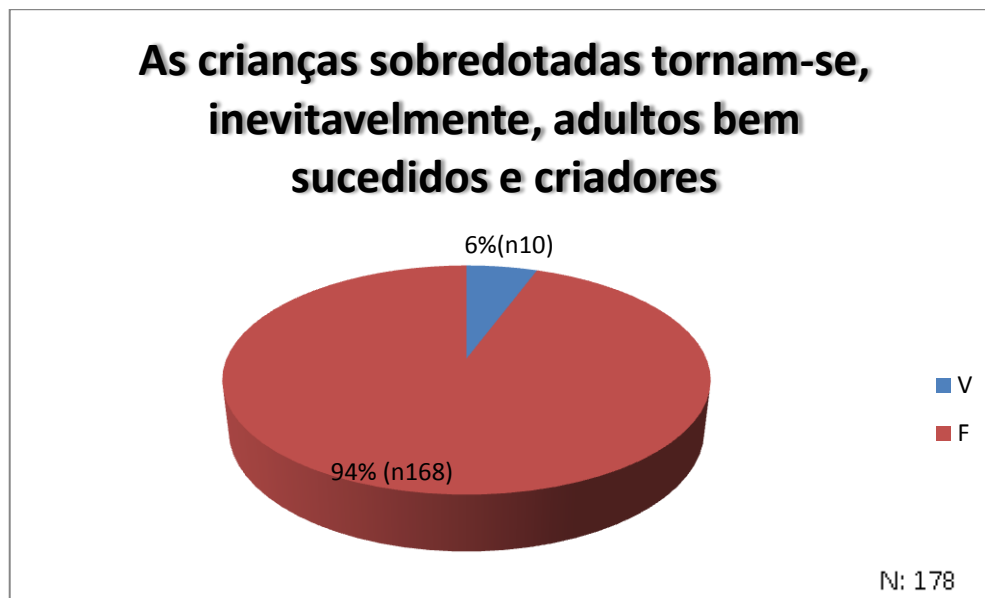
Tabela 17 - As crianças sobredotadas apresentam juízo crítico face às suas capacidades e às dos outros

Análise Estatística	
Moda	Verdadeiro

A moda das respostas dadas a esta questão situa-se na opção “Verdadeiro”

Questão: As crianças sobredotadas tornam-se, inevitavelmente, adultos bem sucedidos e criadores

Gráfico 18 - As crianças sobredotadas tornam-se, inevitavelmente, adultos bem sucedidos e criadores



Verifica-se que quase todos os inquiridos (94%) defendem ser falso que as crianças sobredotadas se tornam, inevitavelmente, adultos bem sucedidos.

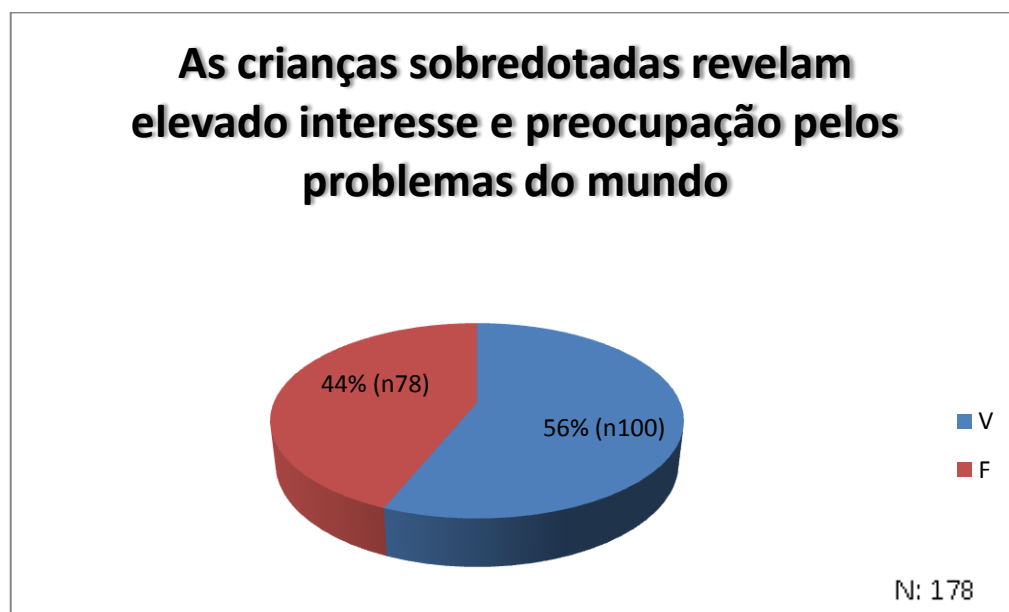
Tabela 18 - As crianças sobredotadas tornam-se, inevitavelmente, adultos bem sucedidos e criadores

Análise Estatística	
Moda	Falso

Analisando estatisticamente as respostas dos sujeitos da amostra a esta questão constata-se que a moda situa-se na opção “Falso”.

Questão: As crianças sobredotadas revelam elevado interesse e preocupação pelos problemas do mundo

Gráfico 19 - As crianças sobredotadas revelam elevado interesse e preocupação pelos problemas do mundo



Verifica-se que a maioria dos inquiridos (56%) concorda que as crianças sobredotadas revelam elevado interesse e preocupação pelos problemas do mundo.

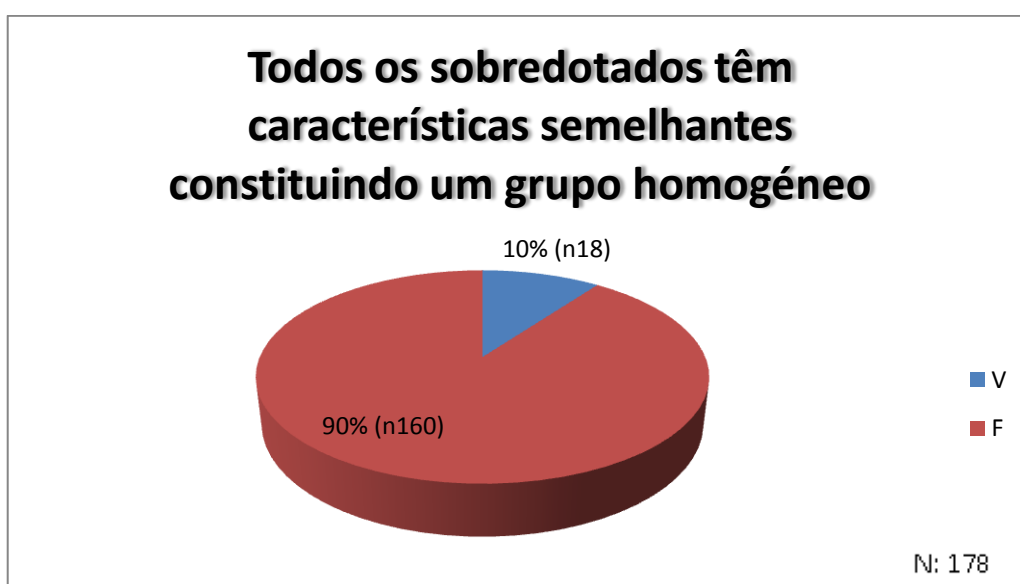
Tabela 19 - As crianças sobredotadas revelam elevado interesse e preocupação pelos problemas do mundo

Análise Estatística	
Moda	Verdadeiro

A análise estatística às respostas dadas a esta questão mostra que a moda situa-se na opção “Verdadeiro”.

Questão: Todos os sobredotados têm características semelhantes constituindo um grupo homogéneo

Gráfico 20 - Todos os sobredotados têm características semelhantes constituindo um grupo homogéneo



A grande maioria da amostra (90%) considera que as características dos sobredotados não são comuns a todos, pelo que este não é um grupo homogéneo.

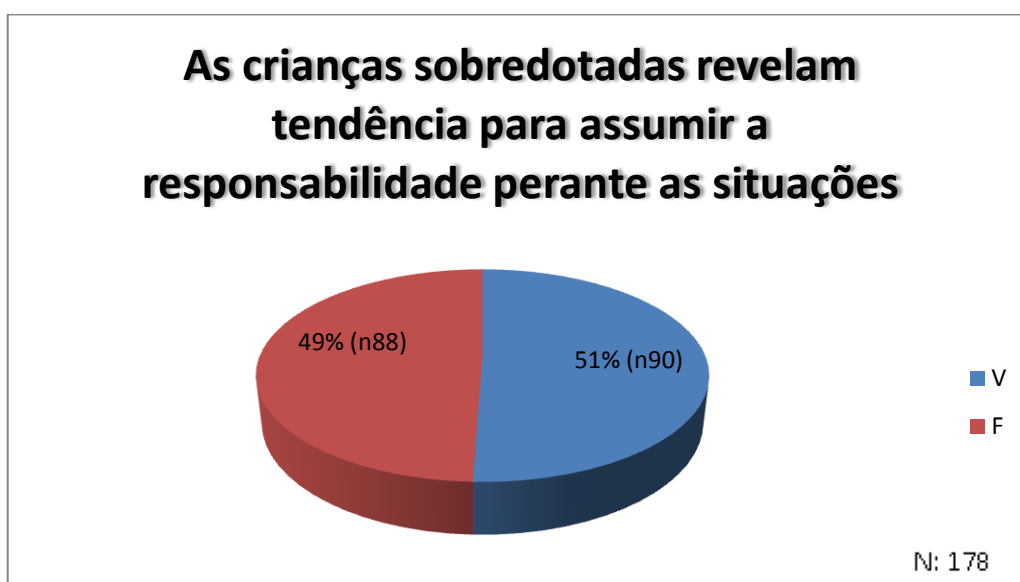
Tabela 20 - Todos os sobredotados têm características semelhantes constituindo um grupo homogéneo

Análise Estatística	
Moda	Falso

Analisando estatisticamente as respostas dos sujeitos da amostra a esta questão constata-se que a moda situa-se claramente na opção “Falso”.

Questão: As crianças sobredotadas revelam tendência para assumir a responsabilidade perante as situações

Gráfico 21 - As crianças sobredotadas revelam tendência para assumir a responsabilidade perante as situações



Mais de metade da amostra (51%) considera que as crianças sobredotadas não tendem a assumir a responsabilidade perante as situações.

Tabela 21 - As crianças sobredotadas revelam tendência para assumir a responsabilidade perante as situações

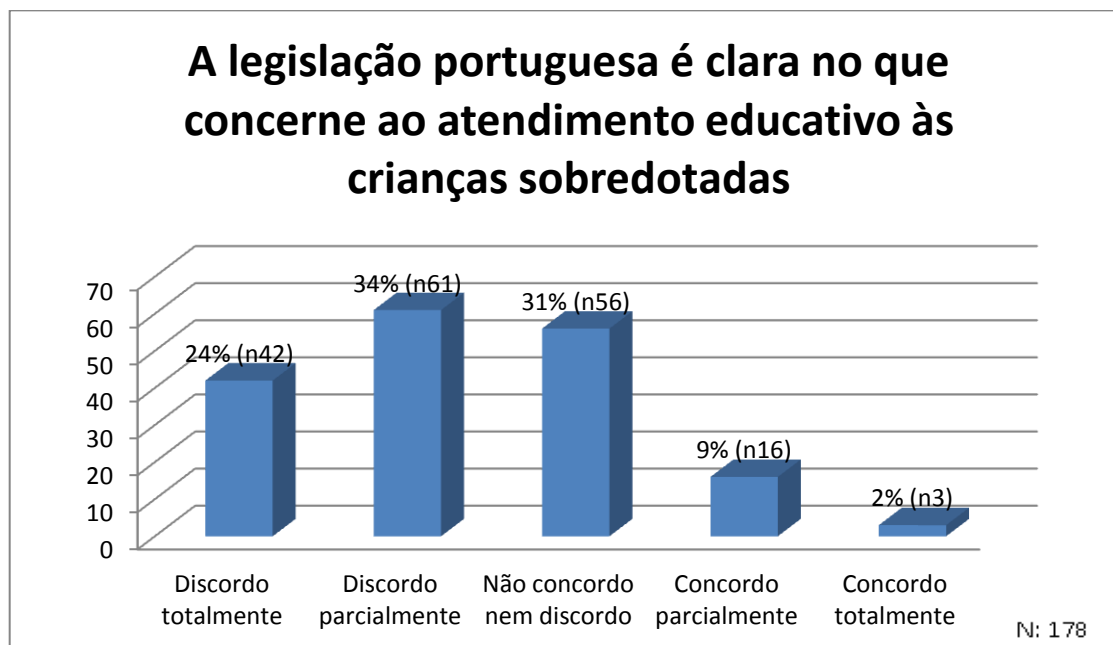
Análise Estatística	
Moda	Verdadeiro

Analisando estatisticamente as respostas dadas pelos inquiridos a esta questão verifica-se que a moda situa-se na opção “Verdadeiro”.

3.2 – A criança sobredotada em contexto de escola inclusiva

Questão: A legislação portuguesa é clara no que concerne ao atendimento educativo às crianças sobredotadas

Gráfico 22 - A legislação portuguesa é clara no que concerne ao atendimento educativo às crianças sobredotadas



Relativamente à clareza da legislação portuguesa no que concerne ao atendimento dos alunos sobredotados verifica-se que as respostas dos inquiridos foram diversas, incidindo mais sobre a discordância parcial (34%) e sobre a opção não concordo nem discordo (31%). Apenas 2% dos inquiridos (n 3) referiram concordar completamente.

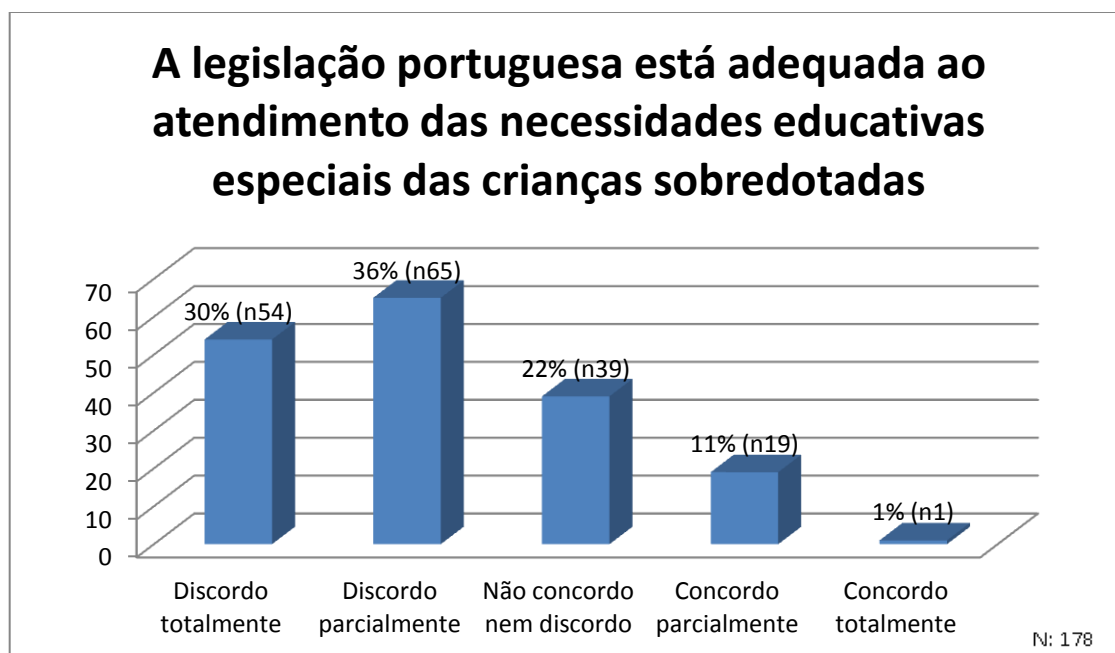
Tabela 22 - A legislação portuguesa é clara no que concerne ao atendimento educativo às crianças sobredotadas

Análise Estatística	
Moda	Discordo parcialmente

Na análise estatística realizada às respostas a esta questão, pode verificar-se a moda situa-se na resposta “Concordo parcialmente”.

Questão: A legislação portuguesa está adequada ao atendimento das necessidades educativas especiais das crianças sobredotadas

Gráfico 23 - A legislação portuguesa está adequada ao atendimento das necessidades educativas especiais das crianças sobredotadas



Relativamente à adequação da legislação portuguesa ao atendimento das crianças sobredotadas a maioria dos inquiridos discorda parcialmente (36%) ou totalmente (30%). Apenas um dos inquiridos (n 1) respondeu concordar totalmente com adequação da legislação portuguesa no atendimento educativo a esta problemática.

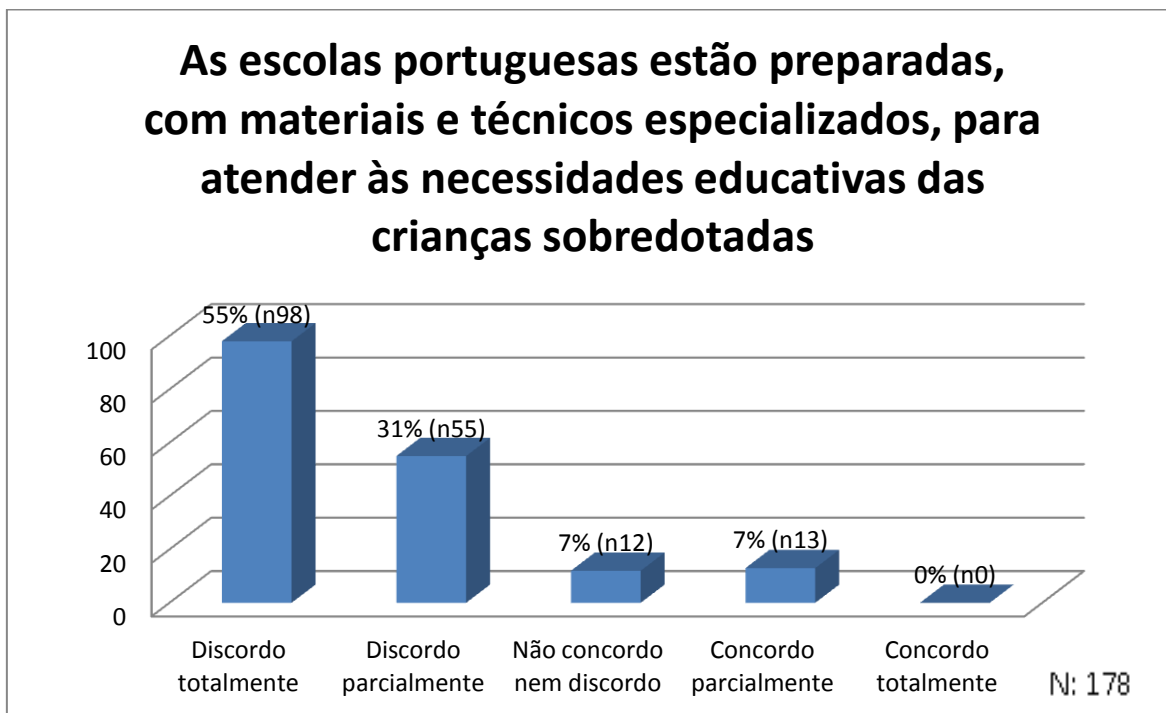
Tabela 23 - A legislação portuguesa está adequada ao atendimento das necessidades educativas especiais das crianças sobredotadas

Análise Estatística	
Moda	Discordo parcialmente

Na análise estatística realizada às respostas a esta questão, pode verificar-se que a moda situa-se na resposta “Discordo parcialmente”.

Questão: As escolas portuguesas estão preparadas, com materiais e técnicos especializados, para atender às necessidades educativas das crianças sobredotadas

Gráfico 24 - As escolas portuguesas estão preparadas, com materiais e técnicos especializados, para atender às necessidades educativas das crianças sobredotadas



Constata-se que os sujeitos da amostra discordam com a afirmação de que as escolas portuguesas estão preparadas, com materiais e técnicos especializados, para atender às necessidades educativas das crianças sobredotadas (55% discordam totalmente e 31% discordam parcialmente). Nenhum dos inquiridos (n 0) concorda totalmente com esta afirmação.

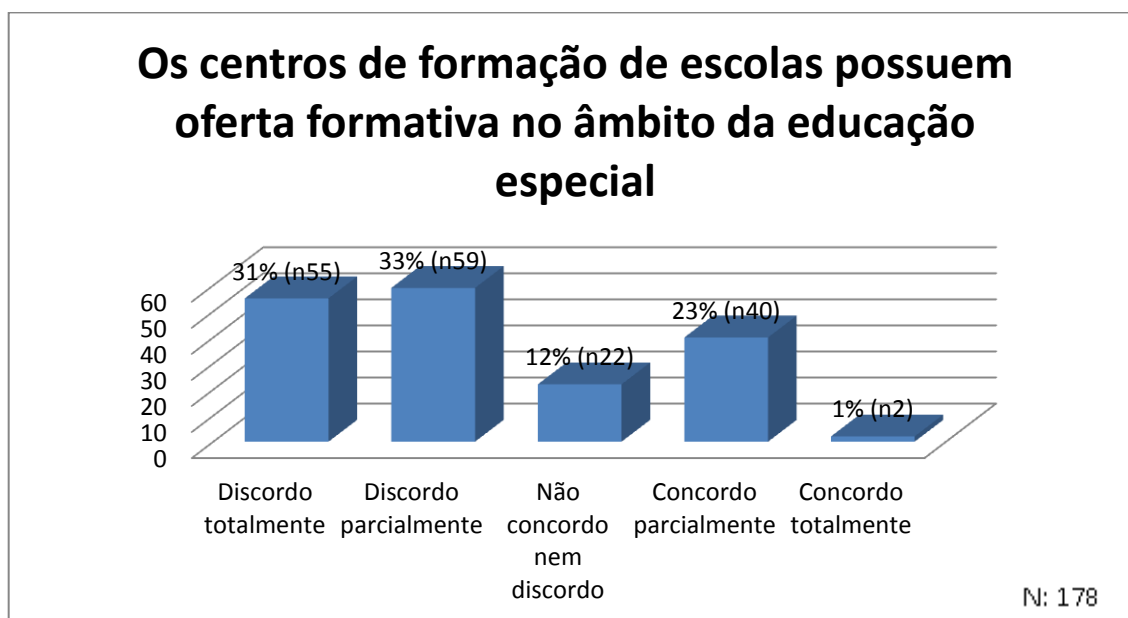
Tabela 24 - As escolas portuguesas estão preparadas, com materiais e técnicos especializados, para atender às necessidades educativas das crianças sobredotadas

Análise Estatística	
Moda	Discordo completamente

Na análise estatística realizada às respostas a esta questão, verifica-se que a moda situa-se na resposta “Discordo completamente”.

Questão: Os centros de formação de escolas possuem oferta formativa no âmbito da educação especial

Gráfico 25 - Os centros de formação de escolas possuem oferta formativa no âmbito da educação especial



A maioria dos inquiridos discorda que os centros de formação possuem oferta formativa na área da educação especial (33% discordam parcialmente e 31% discorda totalmente). Apenas 1% da amostra concorda totalmente com a afirmação.

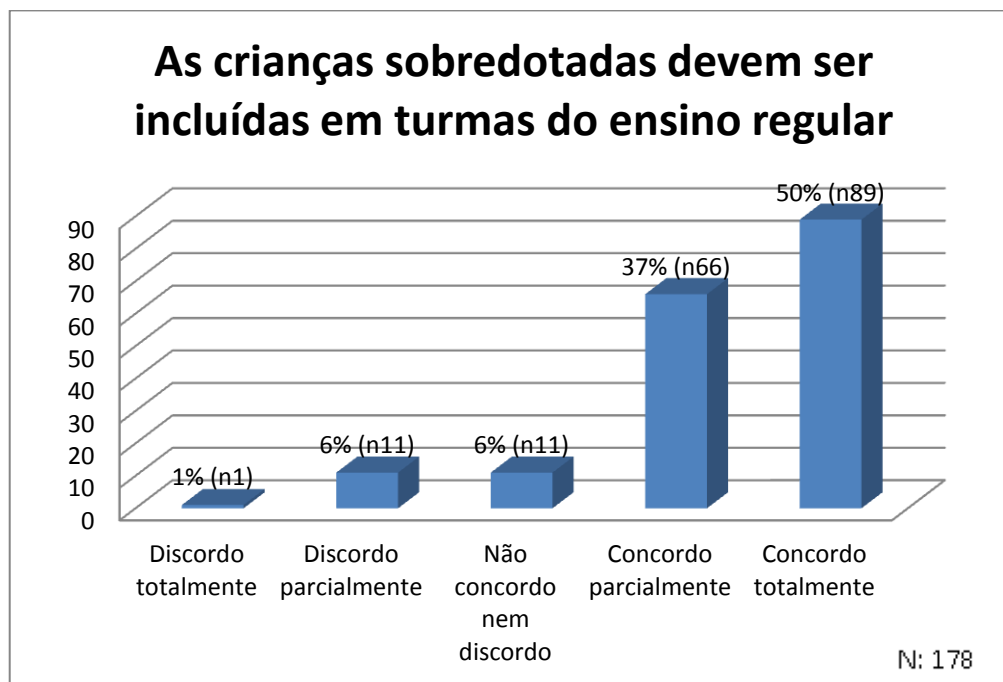
Tabela 25 - Os centros de formação de escolas possuem oferta formativa no âmbito da educação especial

Análise Estatística	
Moda	Discordo parcialmente

Analisando estatisticamente as respostas a esta questão, pode verificar-se que a moda situa-se na resposta “Discordo parcialmente”.

Questão: As crianças sobredotadas devem ser incluídas em turmas do ensino regular

Gráfico 26 - As crianças sobredotadas devem ser incluídas em turmas do ensino regular



Os inquiridos mostram uma clara concordância com a inclusão das crianças sobredotadas no ensino regular, dado que 50% afirma concordar totalmente e 37% refere concordar parcialmente. Verifica-se que 1% da amostra discorda completamente com a inclusão destas crianças no ensino regular.

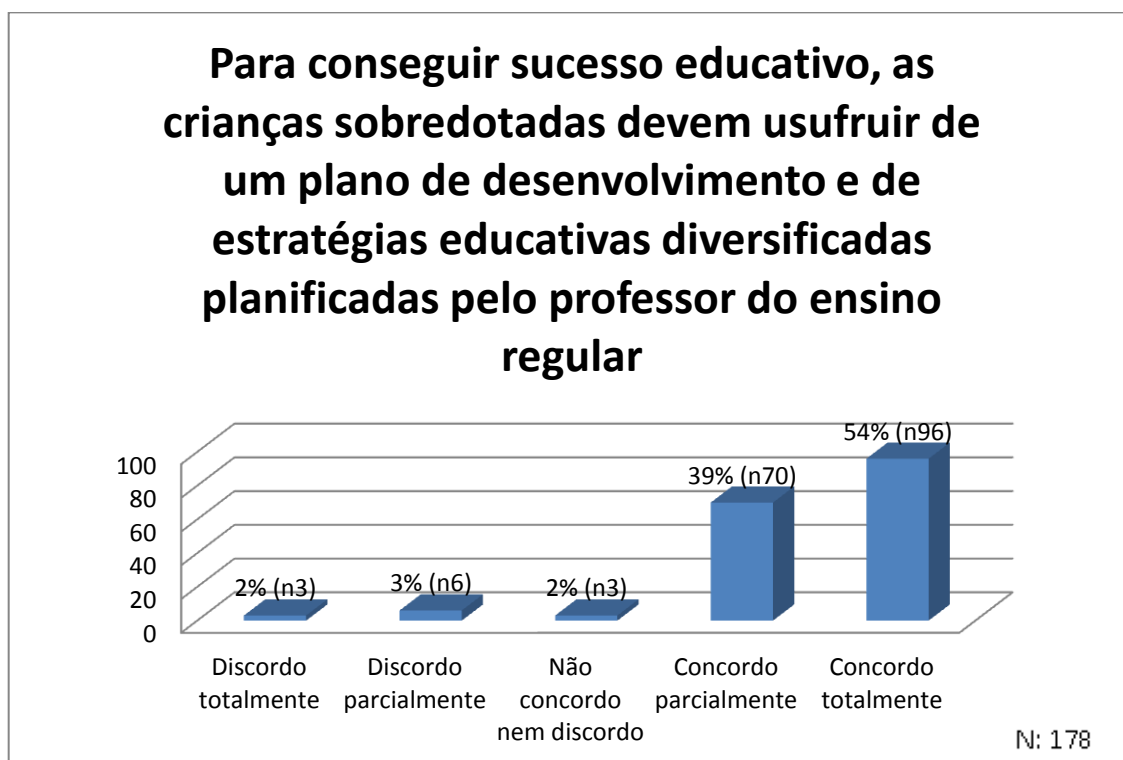
Tabela 26 - As crianças sobredotadas devem ser incluídas em turmas do ensino regular

Análise Estatística	
Moda	Concordo totalmente

Na análise estatística realizada às respostas a esta questão, pode verificar-se que a moda situa-se claramente na resposta “Concordo totalmente”.

Questão: Para conseguir sucesso educativo, as crianças sobredotadas devem usufruir de um plano de desenvolvimento e de estratégias educativas diversificadas planificadas pelo professor do ensino regular

Gráfico 27 - Para conseguir sucesso educativo, as crianças sobredotadas devem usufruir de um plano de desenvolvimento e de estratégias educativas diversificadas planificadas pelo professor do ensino regular



A maioria dos professores concorda totalmente (54%) ou parcialmente (39%) com os planos de desenvolvimento e estratégias adequadas a aplicar pelo professor do ensino regular com vista ao sucesso educativo das crianças sobredotadas. Verifica-se que a percentagem de sujeitos que discordantes é muito reduzida (2% discordam totalmente e 3% discordam parcialmente).

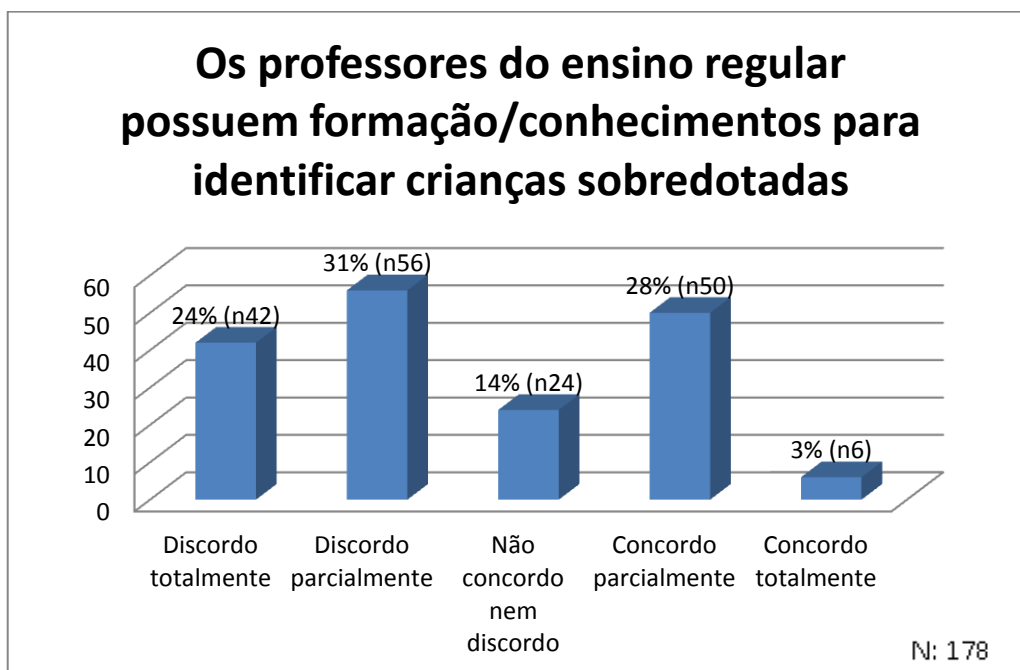
Tabela 27 - Para conseguir sucesso educativo, as crianças sobredotadas devem usufruir de um plano de desenvolvimento e de estratégias educativas diversificadas planificadas pelo professor do ensino regular

Análise Estatística	
Moda	Concordo totalmente

Na análise estatística realizada às respostas a esta questão, verifica-se que a moda situa-se na resposta “Concordo totalmente”.

Questão: Os professores do ensino regular possuem formação/conhecimentos para identificar crianças sobredotadas

Gráfico 28 - Os professores do ensino regular possuem formação/conhecimentos para identificar crianças sobredotadas



No que concerne à formação dos professores do ensino regular para identificar crianças sobredotadas as respostas dividem-se por todas as opções disponíveis, sendo as que apresentam mais percentagem as opções discordo totalmente (24%) e discordo parcialmente (31%).

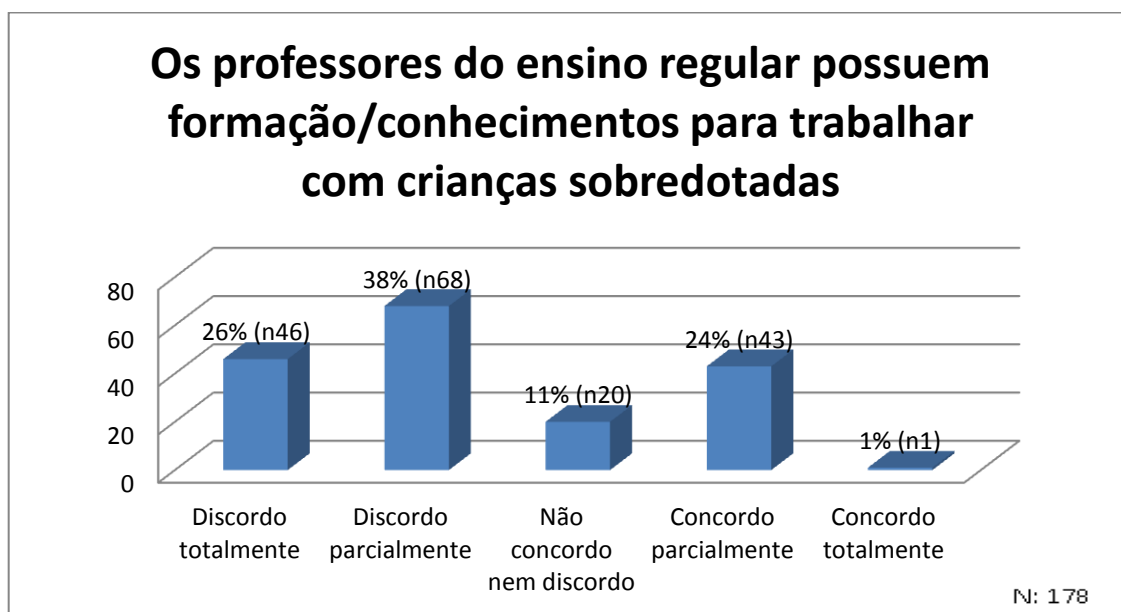
Tabela 28 - Os professores do ensino regular possuem formação/conhecimentos para identificar crianças sobredotadas

Análise Estatística	
Moda	Discordo parcialmente

A análise estatística realizada às respostas a esta questão, demonstra que a moda situa-se na resposta “Concordo parcialmente”.

Questão: Os professores do ensino regular possuem formação/conhecimentos para trabalhar com crianças sobredotadas

Gráfico 29 - Os professores do ensino regular possuem formação/conhecimentos para trabalhar com crianças sobredotadas



Relativamente à questão da formação dos professores do ensino regular para trabalhar com crianças sobredotadas as opiniões dividem-se mas concentrando-se mais na discordância, sendo que 26% dos inquiridos discordam totalmente, 38% discordam parcialmente. Por outro lado, verifica-se que 24% da amostra concorda parcialmente e apenas 1% (n 1) concorda totalmente.

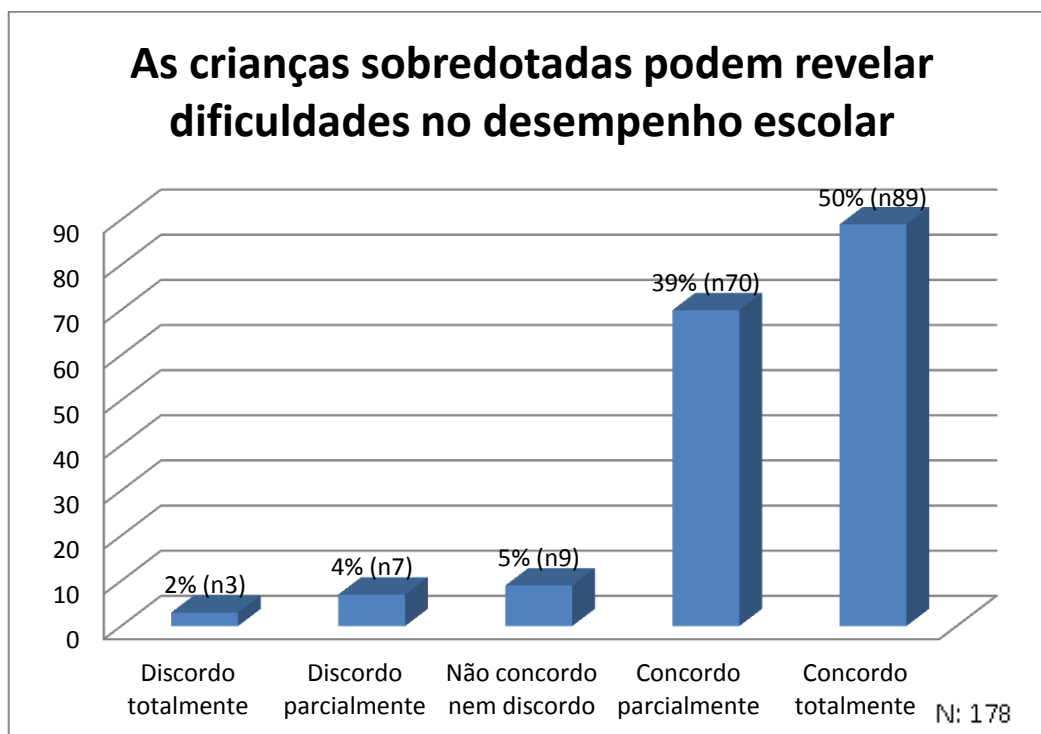
Tabela 29 - Os professores do ensino regular possuem formação/conhecimentos para trabalhar com crianças sobredotadas

Análise Estatística	
Moda	Discordo parcialmente

Na análise estatística relativa a esta questão, verifica-se que a moda situa-se na resposta “Discordo parcialmente”.

Questão: As crianças sobredotadas podem revelar dificuldades no desempenho escolar

Gráfico 30 - As crianças sobredotadas podem revelar dificuldades no desempenho escolar



Os inquiridos da amostra demonstram claramente que concordam que as crianças sobredotadas podem revelar dificuldades no desempenho escolar (39% concordam parcialmente e 50% concordam totalmente). Apenas uma pequena percentagem dos inquiridos (2%) discorda totalmente da afirmação anterior.

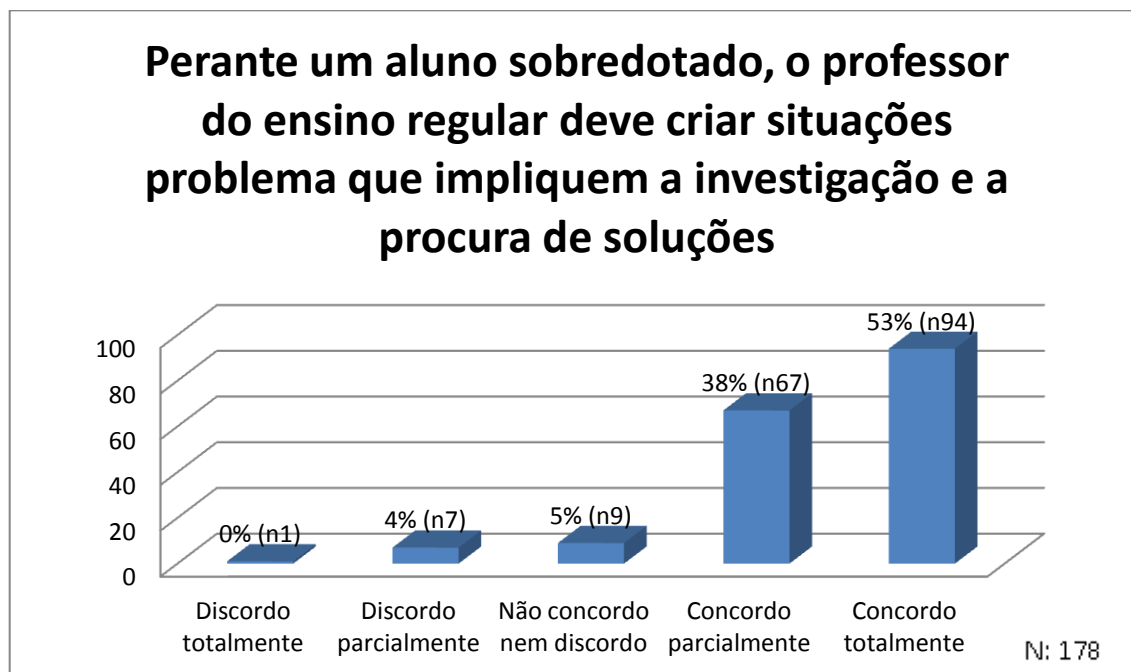
Tabela 30 - As crianças sobredotadas podem revelar dificuldades no desempenho escolar

Análise Estatística	
Moda	Concordo totalmente

A análise estatística realizada às respostas a esta questão, revela que a moda situa-se claramente na resposta “Concordo totalmente”.

Questão: Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve criar situações problema que impliquem a investigação e a procura de soluções

Gráfico 31 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve criar situações problema que impliquem a investigação e a procura de soluções



Quase todos os inquiridos concordam que, perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve criar situações problema que impliquem a investigação e a procura de soluções, dos quais 53% concorda totalmente e 38% concorda parcialmente. Apenas um dos inquiridos (n 1) discorda totalmente com a afirmação e 4% da amostra discorda parcialmente. Verifica-se que 5% dos inquiridos não concorda nem discorda.

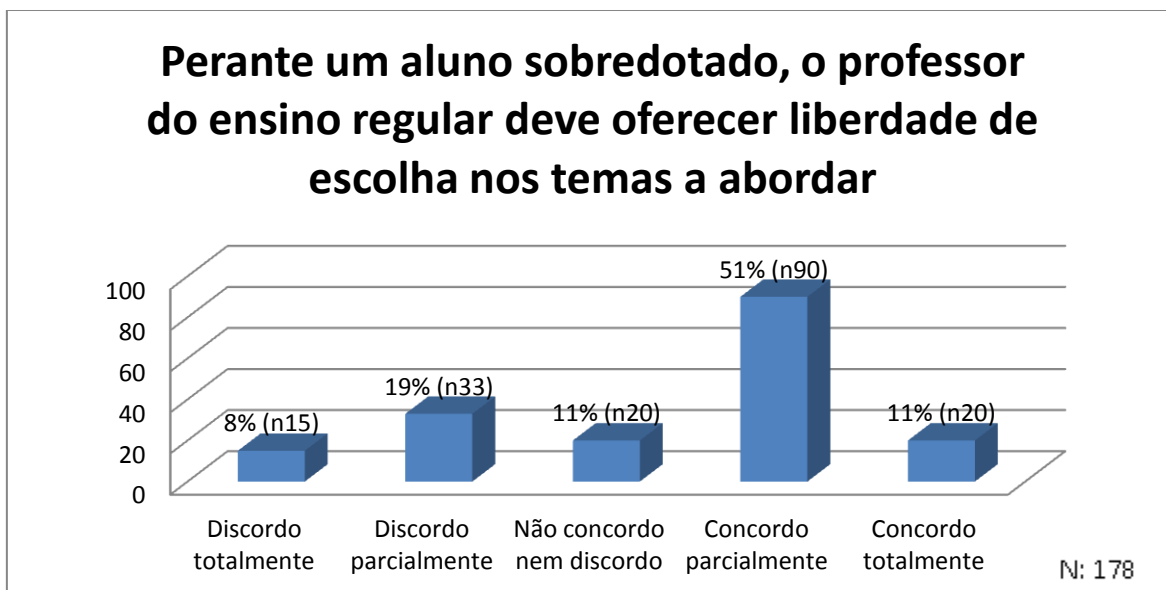
Tabela 31 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve criar situações problema que impliquem a investigação e a procura de soluções

Análise Estatística	
Moda	Concordo totalmente

Na análise estatística realizada às respostas a esta questão, pode verificar-se que a moda situa-se claramente na resposta “Concordo totalmente”.

Questão: Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve oferecer liberdade de escolha nos temas a abordar

Tabela 32 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve oferecer liberdade de escolha nos temas a abordar



Na questão de o professor, perante um aluno sobredotado, dar liberdade de escolha nos temas a abordar constata-se que 51% dos inquiridos concorda parcialmente e 11% concorda totalmente. Os restantes inquiridos dividem as suas opiniões pelas outras opções disponíveis.

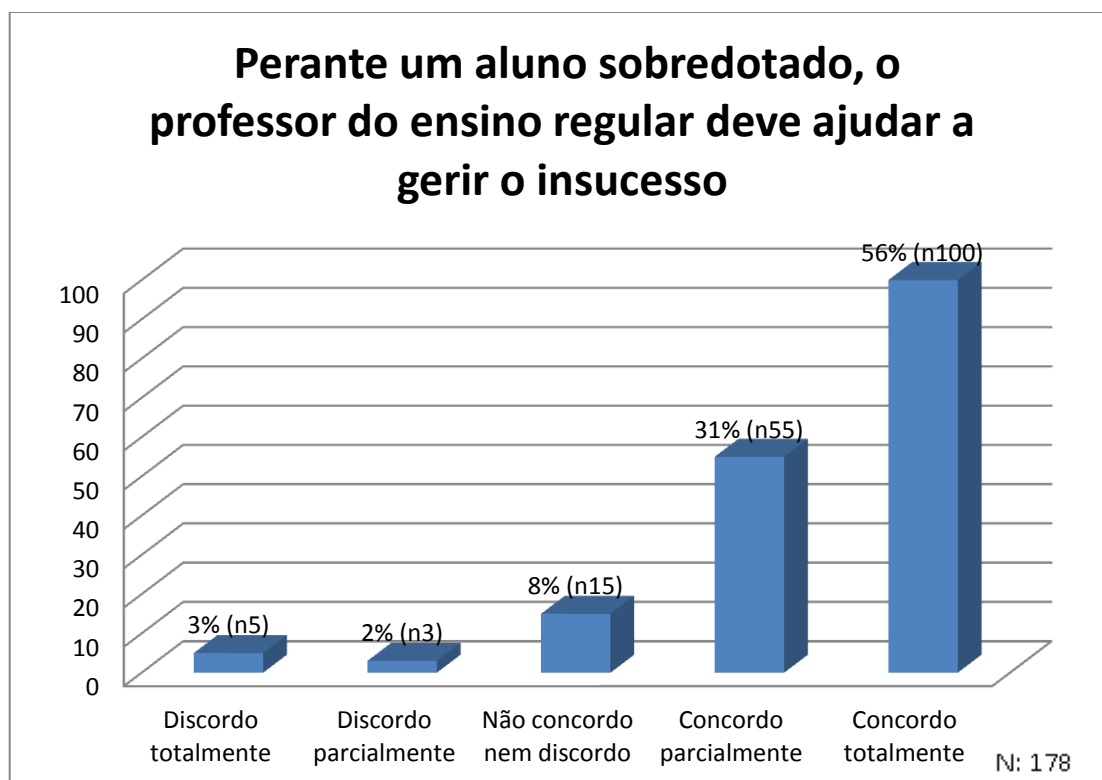
Tabela 32 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve oferecer liberdade de escolha nos temas a abordar

Análise Estatística	
Moda	Concordo parcialmente

A análise estatística realizada às respostas a esta questão, demonstra que a moda situa-se claramente na resposta “Concordo parcialmente”.

Questão: Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve ajudar a gerir o insucesso

Gráfico 33 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve ajudar a gerir o insucesso



Relativamente à ajuda do professor do ensino regular na gestão do insucesso por parte dos alunos sobredotados os inquiridos claramente concordam com a afirmação, sendo que 56% concordam totalmente e 31% concordam parcialmente. Pode-se, porém, constatar que 5 % da amostra discorda da afirmação (3% discorda totalmente e 2% discorda parcialmente).

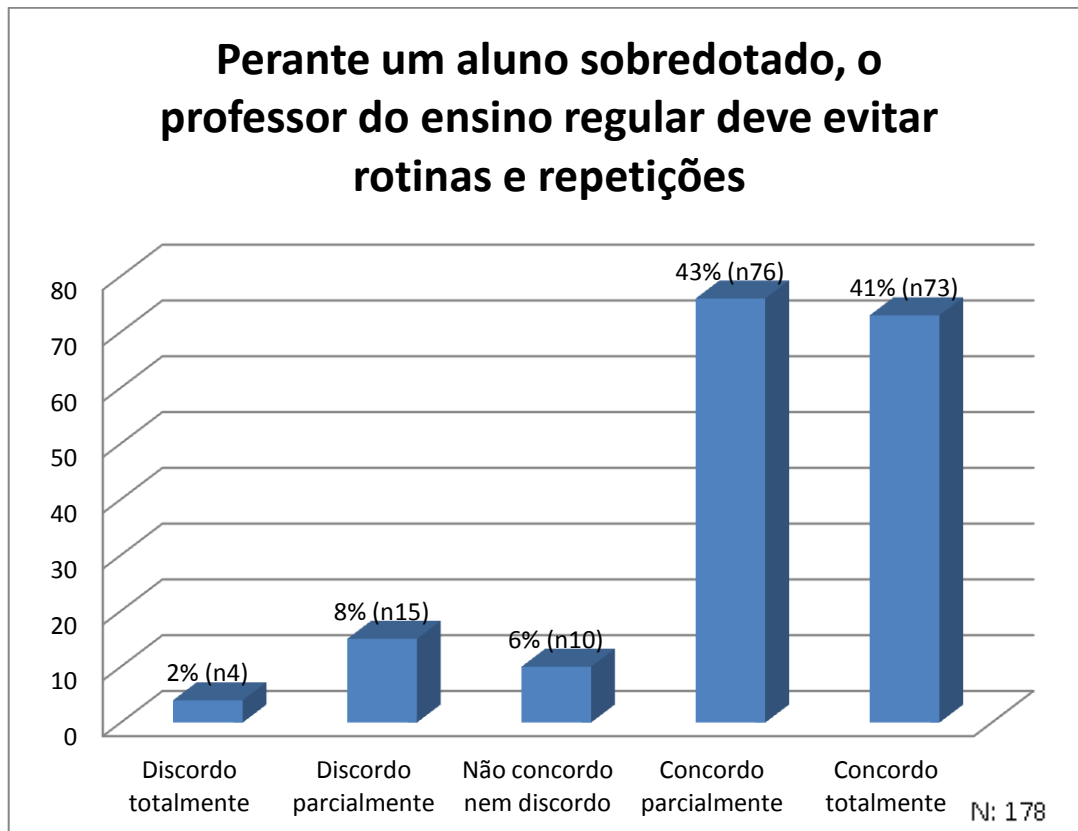
Tabela 33 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve ajudar a gerir o insucesso

Análise Estatística	
Moda	Concordo totalmente

Na análise estatística realizada às respostas a esta questão, pode verificar-se que a moda situa-se claramente na resposta “Concordo totalmente”.

Questão: Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve evitar rotinas e repetições

Gráfico 34 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve evitar rotinas e repetições



Relativamente à afirmação de que, perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve evitar rotinas e repetições, os inquiridos são muito claros, verificando-se que 43% concorda parcialmente e 41% concorda totalmente com a mesma.

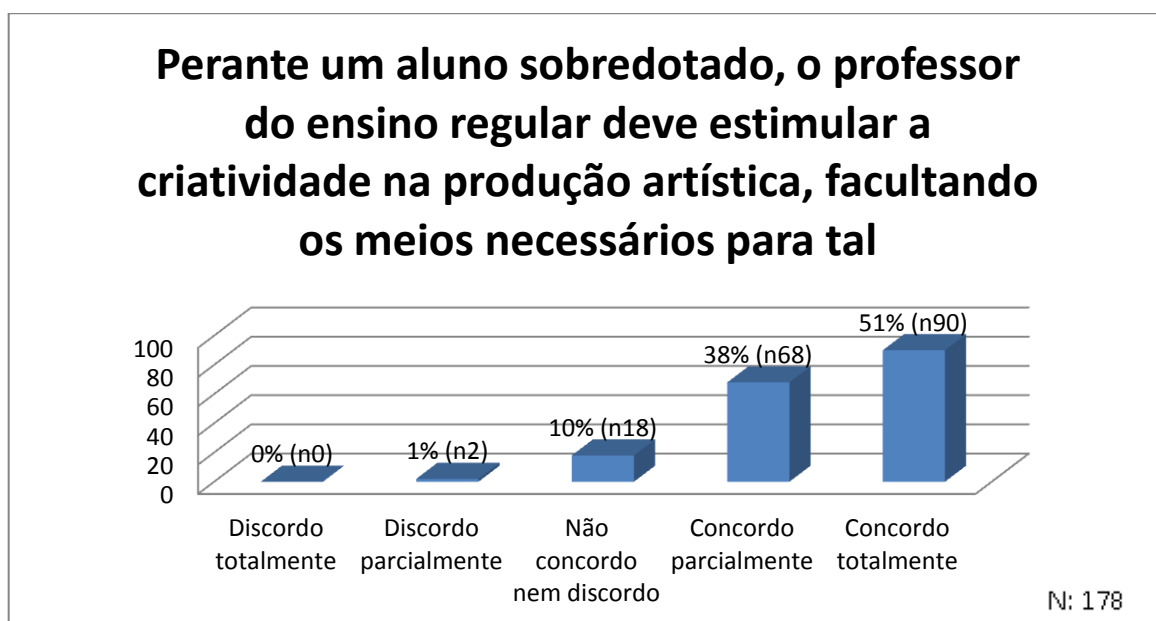
Tabela 34 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve evitar rotinas e repetições

Análise Estatística	
Moda	Concordo parcialmente

Analisando estatística as respostas a esta questão, pode verificar-se que a moda situa-se na resposta “Concordo parcialmente”.

Questão: Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve estimular a criatividade na produção artística, facultando os meios necessários para tal

Gráfico 35 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve estimular a criatividade na produção artística, facultando os meios necessários para tal



Nenhum dos inquiridos (n 0) discorda totalmente da afirmação de que o professor do ensino regular, perante um aluno sobredotado, deve estimular a criatividade na produção artística. Demonstram concordância total com esta afirmação 51% e concordância parcial 38% dos inquiridos.

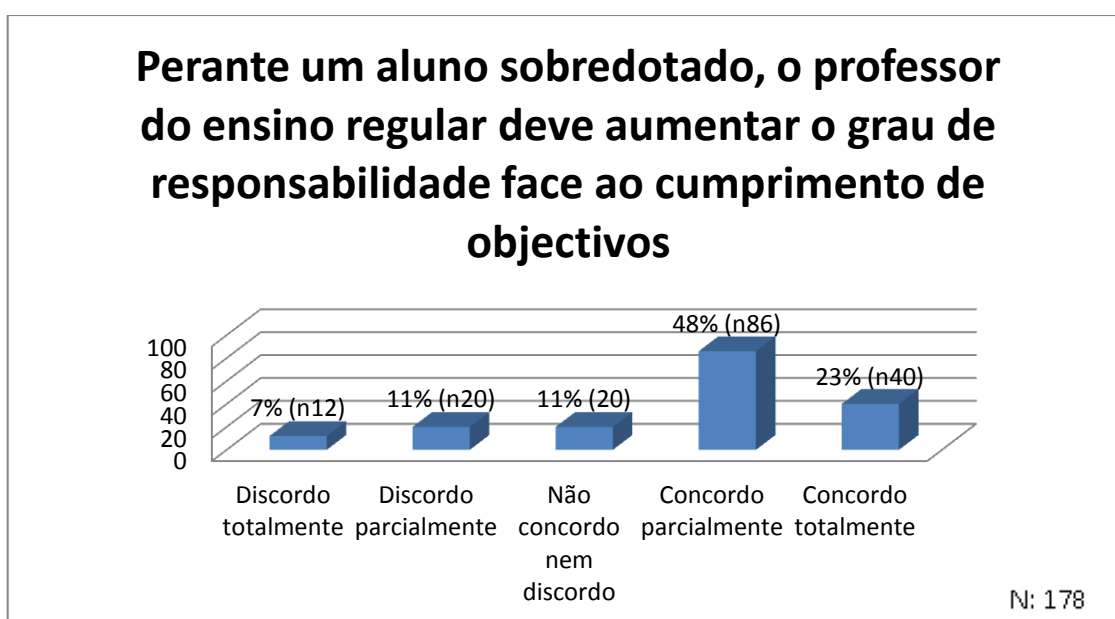
Tabela 35 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve estimular a criatividade na produção artística, facultando os meios necessários para tal

Análise Estatística	
Moda	Concordo totalmente

A análise estatística realizada às respostas a esta questão demonstra que a moda situa-se claramente na resposta “Concordo totalmente”.

Questão: Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve aumentar o grau de responsabilidade face ao cumprimento de objetivos

Gráfico 36 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve aumentar o grau de responsabilidade face ao cumprimento de objetivos



Constata-se que 71% dos inquiridos concordam que, perante o aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve aumentar o grau de responsabilidade face ao cumprimento de objetivos (48% concordam parcialmente e 23% concordam totalmente). Porém, 18% da amostra discorda total ou parcialmente da afirmação. Verifica-se que 11% dos inquiridos não concordam nem discordam da mesma.

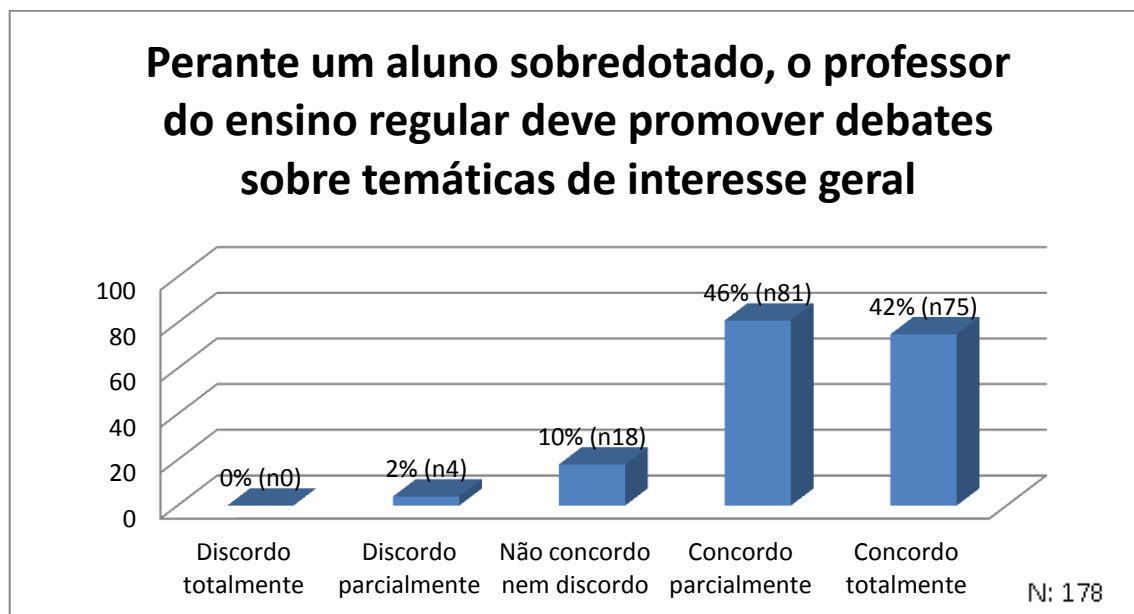
Tabela 36 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve aumentar o grau de responsabilidade face ao cumprimento de objetivos

Análise Estatística	
Moda	Concordo parcialmente

Na análise estatística realizada às respostas a esta questão verifica-se que a moda situa-se na resposta “Concordo parcialmente”.

Questão: Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve promover debates sobre temáticas de interesse geral

Gráfico 37 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve promover debates sobre temáticas de interesse geral



A maioria dos inquiridos (88%) concordam total ou parcialmente que, perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve promover debates sobre temáticas de interesse geral. Apenas 2% dos inquiridos (n4) afirma discordar parcialmente da afirmação.

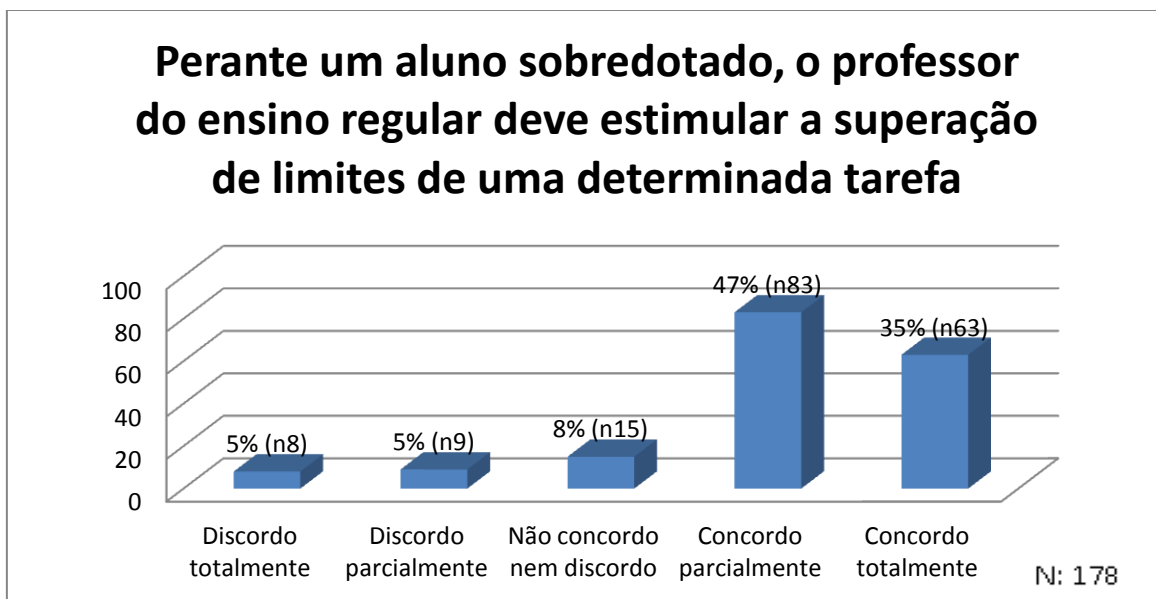
Tabela 37 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve promover debates sobre temáticas de interesse geral

Análise Estatística	
Moda	Concordo parcialmente

A análise estatística realizada às respostas a esta questão revela que a moda situa-se na resposta “Concordo parcialmente”.

Questão: Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve estimular a superação de limites de uma determinada tarefa

Gráfico 38 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve estimular a superação de limites de uma determinada tarefa



Constata-se que 82% da amostra concorda parcial ou totalmente que o professor do ensino regular, perante um aluno sobredotado, deve estimular a superação de limites de uma determinada tarefa. A referir que 10% dos inquiridos discordam total ou parcialmente da afirmação.

Tabela 38 - Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve estimular a superação de limites de uma determinada tarefa

Análise Estatística	
Moda	Concordo parcialmente

Na análise estatística realizada às respostas a esta questão constata-se que a moda situa-se na resposta “Concordo parcialmente”.

Capítulo 3 - Discussão dos Resultados

3.1 - Introdução

Neste capítulo apresenta-se a síntese dos resultados mais significativos recolhidos através da aplicação do questionário à amostra de professores do primeiro ciclo do ensino básico, de acordo com o enquadramento teórico e com as questões de investigação que lhes estão subjacentes. A análise dos resultados será realizada tendo em conta as hipóteses inicialmente formuladas e as quatro dimensões pré-definidas. Pretende-se que esta análise sintética dos resultados obtidos permita responder e tecer considerações sobre as questões de investigação previamente formuladas.

3.2 – Caracterização da amostra

Começa-se por caracterizar a amostra salientando que, em relação ao género, verifica-se que a grande maioria dos inquiridos são do género feminino (Gráfico e Tabela 1); as idades situam-se maioritariamente, no intervalo etário dos trinta aos trinta e nove anos (Gráfico e Tabela 2). Relativamente às habilitações literárias salienta-se a percentagem de licenciados, seguida da de pós-graduados (Gráfico e Tabela 3). Os inquiridos são, maioritariamente, professores do quadro, seguindo-se os contratados (Gráfico e Tabela 4). A maioria dos sujeitos da amostra tem menos de 10 anos de tempo de serviço (Gráfico e Tabela 5) e não possui especialização em educação especial (Gráfico e Tabela 6). Cerca de metade dos inquiridos diz possuir formação creditada em educação especial (Gráfico e Tabela 7) mas quase a totalidade da amostra refere sentir necessidade de formação nessa área (Gráfico e Tabela 8). Poucos inquiridos já tiveram experiência de lecionação com sobredotados (Gráfico e Tabela 9) e cerca de metade têm experiência com planos de desenvolvimento (Gráfico e Tabela 10). Cerca de metade da amostra conhece o Despacho Normativo nº 50/2005, de 20 de Outubro (Gráfico e Tabela 11).

3.3 – Dados de opinião

Com vista a responder à questão problema inicialmente levantada que pretendia aferir qual a perceção dos docentes face às características das crianças sobredotadas e até que ponto estão preparados para o processo de inclusão e atendimento de crianças

sobredotadas no ensino regular, analisaram-se as percepções dos docentes de acordo com quatro dimensões, sendo elas:

i) Formações dos professores - nesta dimensão analisaram-se os dados referentes à formação dos professores no âmbito da educação especial, mais concretamente formação especializada, formação contínua e experiência de lecionação com crianças sobredotadas (questões 2.4 a 2.8, 4.4, 4.7 e 4.8 do questionário);

ii) Legislação aplicável aos alunos sobredotados – nesta dimensão analisaram-se a percepção da amostra relativamente ao conhecimento da legislação aplicável aos alunos sobredotados e o grau de concordância com essa mesma legislação (questões 2.9, 4.1 e 4.2 do questionário);

iii) Conhecimento das características das crianças sobredotadas – nesta dimensão analisaram-se as percepções dos docentes no que concerne às características das crianças sobredotadas à luz das referências bibliográficas estudadas (questões 3.1 a 3.10 e 4.9 do questionário);

iv) Práticas inclusivas dos professores – nesta dimensão analisam-se as percepções dos docentes relativamente às práticas inclusivas a aplicar perante alunos sobredotados (questões 4.3, 4.5, 4.6 e 4.10 a 4.17 do questionário). Partindo do estudo destas dimensões proceder-se-á à análise das hipóteses inicialmente formuladas.

Relativamente à dimensão que aborda a formação dos professores pode constatar-se que a maioria dos sujeitos da amostra não possui especialização em educação especial (Gráfico e Tabela 6), porém cerca de metade dos inquiridos diz possuir formação creditada em educação especial (Gráfico e Tabela 7). Pese embora o facto de cinquenta e dois por cento dos inquiridos afirmar ter frequentado formação creditada na área, mais de metade da amostra demonstra estar em consonância com Neves (2008) ao defenderem que os centros de formação de escolas não possuem oferta formativa no âmbito da educação especial (Gráfico Tabela 25) e com Neves (2008) e Freeman e Guenther (2000) ao considerarem que os professores do ensino regular não possuem formação nem conhecimentos para identificar crianças sobredotadas. Na verdade quase a totalidade da amostra refere sentir necessidade de formação nessa área (Gráfico e Tabela 8). Poucos inquiridos já tiveram experiência de lecionação com sobredotados (Gráfico e Tabela 9) e cerca de metade têm experiência com planos de desenvolvimento (Gráfico e Tabela 10), verificando-se que mais de metade da amostra considera que os professores do ensino regular não têm

formação e conhecimentos para identificar e trabalhar com crianças sobredotadas (gráficos e tabelas 28 e 29). Em suma, relativamente a esta dimensão podemos concluir que, de acordo com as perceções dos professores do 1º ciclo, os professores do ensino regular não possuem formação no âmbito da educação especial.

No que concerne à dimensão relativa à legislação aplicável aos alunos sobredotados verifica-se que 53 % da amostra conhece o despacho normativo nº 50/2005 (Gráfico e Tabela 11), porém a grande maioria dos inquiridos, reitera a opinião de Pereira (2004) discordando que a legislação portuguesa seja clara no que concerne ao atendimento educativo às crianças sobredotadas. A amostra deste estudo é, também, perentória ao admitir, como Miranda e Almeida (2002) e Bastos (2009), que discorda que a legislação portuguesa esteja adequada ao atendimento das necessidades educativas especial das crianças sobredotadas (Gráfico e Tabela 23). Assim, podemos afirmar, no que concerne à dimensão da legislação, que, de acordo com a percepção dos docentes do 1º ciclo, a legislação relativa à prática docente com alunos sobredotados não é adequada.

Analisando os dados relativos à dimensão que aborda o conhecimento das características das crianças sobredotadas constata-se que os inquiridos demonstram-se em consonância com os referenciais teóricos estudados. Das onze questões que abordaram esta dimensão, em oito as frequências acumuladas das opções de resposta defendidas pelos referenciais teóricos ultrapassaram os 80%. Desta forma, podemos concluir que os docentes do 1º ciclo demonstram conhecer as características das crianças sobredotadas.

Relativamente à dimensão respeitante às práticas inclusivas dos professores do primeiro ciclo pode-se constatar que, apesar da opinião explícita de que as escolas não estão devidamente preparadas para receber crianças sobredotadas no ensino regular (Gráfico e Tabela 24), os inquiridos são perentórios na concordância com a sua integração em turmas do ensino regular (Gráfico e Tabela 26), assim como com a elaboração de um plano de desenvolvimento e de estratégias educativas diversificadas elaboradas pelo professor do ensino regular (Gráfico e Tabela 27).

Quanto às estratégias e atividades possíveis de desenvolver com alunos sobredotados no contexto escolar, e da análise a todas as respostas ao questionário relativas a esta temática, pode-se concluir que os inquiridos corroboram as opiniões de Martins (2010), Neves (2008), Pocinho (2008), Serra (s/data) e Van Tassel (1980) cit. por Serra (s/data) como se pode verificar pelas respostas (Gráficos e Tabelas 31 a 38).

Transferindo a análise das dimensões acima exploradas para a testagem das hipóteses formuladas podemos concluir que:

i) A hipótese 1 (**H1**: Os professores do 1º ciclo consideram ter formação para a prática docente no âmbito da educação especial.) foi rejeitada, validando-se a hipótese alternativa (Os professores do 1º ciclo consideram não ter formação para a prática docente no âmbito da educação especial.)

ii) A hipótese 2 (**H2**: Os professores do 1º ciclo consideram a legislação relativa à prática docente com alunos sobredotados adequada.) também foi rejeitada validando-se a hipótese contrária (Os professores do 1º ciclo consideram a legislação relativa à prática docente com alunos sobredotados inadequada.).

iii) A hipótese 3 (**H3**: A formação em educação especial dos professores do 1º ciclo influencia as suas práticas educativas inclusivas com alunos sobredotados.) não foi validada pois verifica-se que, apesar dos inquiridos, na sua maioria, não terem especialização em educação especial, de grande parte deles não terem formação creditada na área, de poucos terem experiência de lecionação com sobredotados, de quase a totalidade da amostra sentir necessidade de formação em educação especial e dos inquiridos considerarem que os docentes do ensino regular não têm formação e conhecimentos para trabalhar com crianças sobredotadas e que os centros de formação não possuem oferta formativa no âmbito da educação especial, estes mesmos inquiridos demonstram um elevado nível de conhecimento das práticas inclusivas a aplicar com alunos sobredotados.

iv) A hipótese 4 (**H4**: Quanto maior for o conhecimento dos professores do 1º ciclo sobre a problemática da sobredotação melhores são as suas práticas educativas inclusivas.) foi validada, verificando-se que os professores do 1º ciclo apresentam um conhecimento bastante aprofundado das características dos sobredotados o qual se reflete no conhecimento igualmente aprofundado das práticas educativas inclusivas a aplicar com alunos com esta problemática.

Conclusão

A sociedade em geral e a comunidade escolar em particular são constituídas por uma elevada diversidade de indivíduos, a qual é necessário aceitar, respeitar e integrar, com todas as suas capacidades e limitações.

De acordo com Nielsen (1999), ao abrigo da legislação atual devem ser feitos todos os esforços no sentido de integrar os alunos com necessidades educativas especiais em turmas do ensino regular. Este princípio apresenta-se como um desafio acrescido para os docentes do ensino regular, os quais terão que desenvolver estratégias e promover atividades e experiências de aprendizagem diferenciadas e adequadas a cada aluno.

Correia (1994 cit. por Correia, 1999) defende que a formação inicial de professores deveria incluir módulos de educação especial de avaliação, programação e adaptações curriculares em educação especial, as quais permitissem ao professor do ensino regular identificar e intervir adequadamente, com ou sem apoio do professor de educação especial. Este autor salienta, também, que a necessidade de formação contínua nesta área.

A criação de escolas inclusivas requer grandes mudanças organizacionais e funcionais ao nível da articulação dos diferentes agentes educativos, da organização da sala de aula do ensino regular e do próprio processo de ensino-aprendizagem e, por isso mesmo, pode também originar resistências e receios potencialmente inibidores da ocorrência de verdadeiras mudanças culturais, impedindo a transformação escola num espaço realmente inclusivo.

A organização de uma intervenção educativa eficaz pressupõe que o professor seja capaz de identificar e sinalizar alunos potencialmente sobredotados, que conheça as suas necessidades educativas, que adapte as suas práticas às necessidades desses alunos e que avalie se as estratégias adotadas contribuíram para o desenvolvimento integral dos mesmos (cf. DEB, 1998).

Segundo Prieto e Martínéz (2000 cit. por Neves, 2008) são necessários vários passos para projetar e implementar medidas educativas num contexto de escola inclusiva, implicando sensibilidade e comprometimento no atendimento a alunos com necessidades educativas especiais, nomeadamente a definição de políticas educativas relativas ao atendimento de sobredotados no sistema de ensino regular e a formação de professores.

De acordo com Bastos (2010) a legislação portuguesa contempla especificamente o atendimento à criança deficiente, mas apresenta lacunas no atendimento à criança sobredotada. Nem sempre é dado o atendimento adequado no sistema educativo, estando este mais direcionado para as crianças com dificuldades de aprendizagem (cf. Miranda e Almeida, 2002).

Perante a questão problema que serviu de base para a elaboração desta dissertação “Quais as perceções e práticas pedagógicas dos professores do primeiro ciclo perante o atendimento aos alunos sobredotados no ensino regular?”, e após a análise dos dados recolhidos neste estudo que podemos concluir sucintamente que, segundo as perceções dos docentes, (i) os professores do ensino regular sentem ter falta de formação e conhecimentos para identificar e intervir com crianças sobredotadas; (ii) a oferta formativa no âmbito da educação especial nos centros de formação de escolas é escassa; (iii) a legislação é pouco clara e pouco adequada à real integração das crianças sobredotadas nas escolas portuguesas; (iv) assiste-se a uma falta de materiais e técnicos especializados para atender às necessidades educativas destas crianças; (v) os professores do ensino regular estão conscientes da importância da integração das crianças sobredotadas, nomeadamente através da implementação de planos de desenvolvimento e estratégias a desenvolver pelo professor do ensino regular; (vi) os professores do ensino regular sentem ter falta de formação e conhecimentos para identificar e intervir com crianças sobredotadas, embora demonstrem bons conhecimentos sobre a problemática e sobre estratégias de intervenção educativa com alunos sobredotados.

Relativamente às hipóteses inicialmente formuladas verifica-se que os professores do 1º ciclo consideram não ter formação para a prática docente no âmbito da educação especial e consideram a legislação relativa à prática docente com alunos sobredotados inadequada. Não foi validado que a formação em educação especial dos professores do 1º ciclo influencia as suas práticas educativas inclusivas com alunos sobredotados, pois verifica-se que, apesar da baixa formação sentida e revelada pelos inquiridos, estes demonstram um elevado nível de conhecimento das práticas inclusivas a aplicar com alunos sobredotados. A hipótese relativa à influência do conhecimento dos professores do 1º ciclo sobre a problemática da sobredotação sobre as suas práticas educativas inclusivas foi validada, verificando-se que os professores do 1º ciclo apresentam um conhecimento bastante aprofundado das características dos sobredotados o qual se reflete no

conhecimento igualmente alagado das práticas educativas inclusivas a aplicar com alunos com esta problemática.

Pensa-se que o objetivo de conhecer as perspetivas e práticas pedagógicas dos docentes do 1º ciclo face à problemática da sobredotação e da que forma como a criança sobredotada é atendida no contexto de escola inclusiva: (i) Estará a legislação adequada para atender a estas crianças? (ii) Estarão as escolas preparadas para responder às NEEs destas crianças? (iii) Será que os professores sabem o que é a sobredotação? (iv) Serão os professores capazes de diagnosticar e definir estratégias de intervenção com crianças sobredotadas? foi atingido, pese embora as limitações inerentes à reduzida amostra que pode não espelhar a realidade das escolas e docentes portugueses.

É, também, objetivo deste trabalho suscitar a reflexão crítica dos profissionais da educação sobre a problemática da integração e da intervenção educativa adequada às crianças sobredotadas no ensino regular.

Linhas Futuras de Investigação

A inclusão e integração efetivas dos alunos sobredotados nas escolas e nas turmas do ensino regular dependem, como podemos verificar tanto no enquadramento bibliográfico desta dissertação como nos resultados obtidos no estudo empírico, das atitudes, formação e consequentes conhecimentos dos professores do ensino regular. Este estudo, em particular, foi realizado com base numa amostra da população de professores do primeiro ciclo do ensino básico que exercem ou exerceram funções em escolas públicas ou privadas. Futuramente, e num primeiro passo para alargar o estudo, poder-se-ia aplicar o questionário a docentes de todos os níveis de ensino de forma a testar as mesmas hipóteses numa população mais vasta.

Porém, a comunidade educativa é uma realidade muito mais abrangente, não se restringindo ao contexto de sala de aula. Assim, urge estudar as atitudes e conhecimentos dos restantes agentes e comunidade educativa no geral face à inclusão destes alunos. Deste modo, seria fundamental aplicar questionários a outros elementos da comunidade educativa como assistentes operacionais, pais, encarregados de educação, outros alunos e aos próprios alunos sobredotados. Com um estudo mais abrangente que conseguisse articular as opiniões, atitudes e conhecimentos de todos estes elementos presentes nas escolas e que interagem com os alunos poder-se-ia atingir o objetivo maior de perceber como se processa realmente a inclusão dos alunos sobredotados e definir estratégias para melhorar efetivamente essa inclusão.

Referências bibliográficas

- Almeida, L. S. e Oliveira, E. P. (2000). Os professores na identificação dos alunos sobredotados. In L. S. Almeida, E. P. Oliveira e A. S. Melo (Orgs.), *Alunos sobredotados: Contributos para a sua identificação e apoio*. Braga: ANEIS.
- Almeida, L. S., Pereira, M. A., Miranda, L. e Oliveira, E. P. (2003). A investigação na área da sobredotação em Portugal: Projectos e resultados. *Sobredotação*, 4 (1), pp. 7 – 27.
- Antunes, A. M. P. (2008). *O apoio psico-educativo a alunos com altas habilidades: Um programa de enriquecimento numa escola inclusiva*. Tese de Doutoramento. Área de Especialização em Psicologia da Educação. Instituto de educação e psicologia. Universidade do Minho, Braga. pp. 252.
- Bastos, A. M. O. S. G. (2009). *A percepção dos professores sobre os alunos sobredotados versus o alheamento da escola*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Especialização em Educação Especial. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Porto. pp. 228.
- Bernardo, C. A. A. (2008) *Projecto de investigação*. Trabalho Final de Pós-Graduação em Educação Especial. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Porto. pp. 79.
- Carmo, H. e Ferreira, M. (2008). *Metodologia da investigação: Guia para a auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Correia, L. M. (1999). *Alunos com necessidades educativas especiais nas classes regulares*. Porto: Porto Editora.
- Declaração de Salamanca (1994). Princípios, Política e Prática na área das Necessidades Educativas Especiais. Espanha.
- Decreto-lei nº 319/91, de 23 de Agosto. *Diário da República* nº 193 – I Série – A. Ministério da Educação. Lisboa.
- Decreto-lei nº 3/2008, de 7 de Janeiro. *Diário da República* nº 4 – I Série. Ministério da Educação. Lisboa.
- Departamento de Educação Básica. (1998). *Crianças e jovens sobredotados: Intervenção educativa*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Despacho Conjunto nº 36/88, de 17 de Agosto do Gabinete do Secretário de Estado Adjunto do Ministro da Educação e Secretaria de Estado da Reforma Educativa. Lisboa
- Despacho nº 173/ME/91 de 23 de Outubro. *Diário da República* nº 244 – II Série. Ministério da Educação. Lisboa.

- Despacho Normativo nº 1/2005, de 5 de Janeiro. *Diário da República* nº 3 – I Série – B. Ministério da Educação. Lisboa.
- Despacho Normativo nº 50/2005, de 20 de Outubro. *Diário da República* nº 215 – I Série – B. Ministério da Educação. Lisboa.
- Falcão, I. J. C. (1992). *Crianças sobredotadas: Que sucesso escolar?* Porto: Edições Asa.
- Fonseca, A. A. F. (2010) *Influência dos factores ambientais e intrapessoais no desenvolvimento de talentos de uma criança sobredotada*. Trabalho Final de Especialização em Educação Especial. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Porto. pp.70
- Freeman, J. e Guenther, Z. (2000). *Educando os mais capazes. Ideias e acções comprovadas*. São Paulo: EPU.
- Freeman, L. (1985). *Los niños superdotados: Aspectos psicológicos y pedagógicos*. Madrid: AulaXXI/Santillana.
- Gabinete de Estudos e Planeamento (1990). *A criança diferente Manual de apoio aos educadores de Infância e aos professores do ensino básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Kirk, S. A. e Gallagher, J. J. (1991). *Educação da criança excepcional*. São Paulo: Martins Fontes.
- Landau, E. (1990). *A coragem de ser superdotado*. São Paulo: CEREC.
- Lei nº 46/86, de 14 de Agosto. *Diário da República* nº 237 – I Série. Ministério da Educação. Lisboa.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G. e Boutin, G. (2000). *Investigação qualitativa: Fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Martins, T. V. M. (2010). *A escola face ao aluno Sobredotado*. Trabalho Final de Pós-Graduação em Educação Especial. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Porto. pp.82
- Miranda, L. (2003). *Sinalização de alunos sobredotados e talentosos: O confronto entre sinalizações dos professores e dos psicólogos*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra. 184 pp.
- Miranda, L. e Almeida, L. S. (2002). Sobredotação em Portugal: contributos das associações portuguesas para a divulgação do tema. *Sobredotação*, 2 (3), pp. 43-54.
- Miranda, L. e Almeida, L. S. (2005). “Odisséia” Um programa de enriquecimento escolar para alunos do 2º ciclo do ensino básico. *Sobredotação*, 6, pp. 221-236.

- Neves I. P. M. B. (2008). *Os Professores Conhecem e Utilizam Estratégias Educativas Diferenciadas, no intuito de Promover a Inclusão dos Alunos Sobredotados, em Contexto de Sala de Aula*. Trabalho Final de Pós-Graduação em Educação Especial. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Porto. S/paginação
- Nielsen, L. B. (1999). *Necessidades educativas especiais na sala de aula: Um guia para professores*. Porto: Porto Editora.
- Oliveira, E. P. L. (2007). *Alunos sobredotados: A aceleração escolar como resposta educativa*. Tese de Doutoramento em Psicologia, Área de Especialização em Psicologia da Educação. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga. 264 pp.
- Paasche, C. L., Gorriil, L, Strom, B. (2010). *Crianças com necessidades especiais em contextos de educação de infância: Identificação, intervenção, inclusão*. Porto: Porto Editora.
- Pereira, M. (1998). *Crianças Sobredotadas: Estudos de caracterização*. Tese de Doutoramento em Psicologia, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra. 236 pp
- Pereira, M. A. M. (2000). Sobredotação: A pluralidade do conceito. *Sobredotação*, 1 (1 e 2), pp.147-178.
- Pereira, M. A. M. (2004). Análise do anteprojecto do Dec. Lei da Reforma da Educação Especial e do Apoio Sócio-Educativo: Avanços e Retrocessos. *Sobredotação*, 5, pp.171-178.
- Pocinho, M. (2008). Definição, características e educação de alunos sobredotados. *Diversidades*. V. 19, pp.9-13.
- Quivy, R. e Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais: Trajectos*. Lisboa. Gradiva.
- Rodrigues, N. C. M. (2010), *Pais de crianças sobredotadas: Representações e dimensões parentais*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa. 193 pp
- Silva, M. E. (1992). *Sobredotados suas necessidades educativas específicas*. Porto: Porto Editora.
- Tourón, J e Reyero, M. (2000). Mitos e realidades en tornam a la superdotación. In L. S. Almeida, E. P. Oliveira e A. S. Melo (Org.). *Alunos Sobredotados: Contributos para a sua Identificação e Apoio*. (pp. 19-27). Braga: ANEIS.
- Valle, M. C. B. (2001). *Guia para la identificación y seguimiento de alumnos superdotados*. Valencia: CISSPRAXIS, S.A. Educación.

Winner, E. (1996). *Crianças sobredotadas: Mitos e realidades*. Lisboa: Instituto Piaget.

Referências Webgráficas

ANEIS, acessado a 1 de Junho de 2011 em <http://www.aneis.org>

Correia, C. (2007). *A criança sobredotada*. Acessado em 23 de Setembro de 2011 em: <http://pt.scribd.com/doc/48810883/2-ANEIS>

Antunes, A. e Almeida, L. (2008). O atendimento educativo dos sobredotados: Ritmos diferentes nos Estados Unidos, na Europa e em Portugal. *Diversidades O fascinante Mundo dos Talentos* 1,2,3/2008 Ano 5 n° 19 p. 4-8 Acessado em 3 de Junho de 2011 em: http://www.madeira-edu.pt/Portals/7/pdf/revista_diversidades/revistadiversidades_19.pdf

Fernandes, H.S., Mamede, M. C. C., Sousa, T. M. F. B. (2004) Sobredotação: Uma realidade/um desafio. *Cadernos de Estudo*,1: 51-56. Acessado em 1 de Junho de 2011, em:http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/90/Cad_1Sobredotacao.pdf?sequence=1

Pocinho, M. (2009). Superdotação: Conceitos e modelos de diagnóstico e intervenção psicoeducativa. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 15(1):3-14. Acessado em 22 de Junho de 2011, em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382009000100002

Serra, H (s/data) Alunos sobredotados: Respostas educativas/dinâmicas de acção educativa. Acessado em 23 de Julho de 2011, em http://www.esepf.pt/u/apcs/publicacoes/artigo_alunos_sobredotados.pdf

Anexos

A - Questionário

Link de acesso direto ao questionário no GoogleDocs:

<https://spreadsheets.google.com/spreadsheet/viewform?formkey=dHJoQ3ExM0loU25nV0JDNzFPdU95T0E6MQ>

Caro(a) colega,

No âmbito do Mestrado em Educação Especial que estou a frequentar na Escola Superior de Educação João de Deus encontro-me a realizar uma dissertação sobre o tema: "A sobredotação como necessidade educativa especial: Conhecer, identificar e intervir no ensino regular."

Para a recolha de dados elaborei um questionário que se destina a ser preenchido por professores do 1º ciclo do ensino básico.

Obviamente que quanto maior for a amostra mais credíveis serão os resultados do estudo. Assim peço-lhe, também, o favor de reencaminhar este mail para outros colegas (Professores do 1º Ciclo).

O preenchimento do questionário demora apenas uns minutos e depois basta submetê-lo.

Para aceder ao questionário basta pressionar o seguinte Link:

<https://spreadsheets.google.com/spreadsheet/viewform?formkey=dHJoQ3ExM0loU25nV0JDNzFPdU95T0E6MQ>

Agradeço, desde já, a sua disponibilidade para responder e reenviar o questionário.

Com os melhores cumprimentos,

Patrícia Brandão

Patricia-brandao@sapo.pt

A sobredotação como necessidade educativa especial: Conhecer, identificar e intervir no ensino regular

Exmo(a). Senhor (a) Professor (a), caro (a) colega

Sou aluna de mestrado em Ciências da Educação (Educação Especial: Domínio cognitivo e motor) da Escola Superior de Educação João de Deus. Este trabalho de investigação, realiza-se no âmbito da dissertação de mestrado, sob a orientação da Professora Doutora Cristina Pires Gonçalves Ferreira Saraiva.

Tem em mãos um questionário que se insere numa investigação com a seguinte temática "A sobredotação como necessidade educativa especial: Conhecer, identificar e intervir no ensino regular". O presente questionário destina-se a ser preenchido por Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico que exercem ou exerceram funções em escolas públicas ou privadas. Lembro-lhe que não existem nem boas nem más respostas. Para mim, apenas a sua opinião é importante. Para que a possa levar a bom termo, careço da sua prestimosa colaboração. Para o efeito basta que assinale a opção de resposta que melhor corresponde à sua opinião.

Obrigada pela sua colaboração!

Patrícia Brandão
questionarioisclia@gmail.com

* Required



1. Dados Pessoais

1.1. Género *

- Masculino
- Feminino

1.2. Idade *

- 20-29
- 30-39
- 40-49
- 50-59
- Mais de 59

2. Dados Profissionais

2.1. Habilitações Académicas *

- Bacharelato
- Licenciatura
- Pós-graduação
- Mestrado
- Doutoramento

2.2. Situação Profissional *

- Professor do Quadro
- Contratado
- Destacado
- Desempregado

2.3. Tempo de serviço (em anos completos até 31 de Agosto de 2010) *

- 0-10
- 11-15
- 16-20
- 21-25
- > 25

2.4. Possui Especialização em Educação Especial? *

- Sim
- Não

2.5. Frequentou alguma formação creditada na área da educação especial? *

- Sim
- Não

2.6. Sente necessidade de ter formação na área da educação especial? *

- Sim
- Não

2.7. Já leccionou com crianças sobredotadas? *

- Sim
- Não (por favor passe directamente para a questão n 2.9)

2.8. Se respondeu afirmativamente à questão anterior: estas tiveram algum plano de desenvolvimento?

- Sim
- Não

2.9. Conhece o Despacho Normativo n° 50/2005? *

- Sim
- Não

3. A criança sobredotada

3.1. As crianças sobredotadas possuem um potencial global que as tornam sobredotadas em todas as áreas académicas. *

- Verdadeiro
- Falso

3.2. As crianças sobredotadas são curiosas, não aceitando respostas ou avaliações superficiais. *

- Verdadeiro
- Falso

3.3. As crianças sobredotadas são persistentes na realização e finalização de tarefas. *

- Verdadeiro
- Falso

3.4. As crianças sobredotadas integram-se facilmente, assumindo papéis de relevo social entre os pares e demonstrando felicidade. *

- Verdadeiro
- Falso

3.5. as crianças sobredotadas aborrecem-se perante a realização de tarefas de rotina. *

- Verdadeiro
- Falso

3.6. As crianças sobredotadas apresentam juízo crítico face às suas capacidades e às dos outros. *

- Verdadeiro
- Falso

3.7. As crianças sobredotadas tornam-se, inevitavelmente, adultos bem sucedidos e criadores. *

- Verdadeiro
- Falso

3.8. As crianças sobredotadas revelam elevado interesse e preocupação pelos problemas do mundo. *

- Verdadeiro
- Falso

3.9. Todos os sobredotados têm características semelhantes constituindo um grupo homogéneo. *

- Verdadeiro
- Falso

3.10. As crianças sobredotadas revelam tendência para assumir a responsabilidade perante as situações. *

- Verdadeiro
- Falso

4. A criança sobredotada em contexto de escola inclusiva

4.1. A legislação portuguesa é clara no que concerne ao atendimento educativo às crianças sobredotadas. *

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

4.2. A legislação portuguesa está adequada ao atendimento das necessidades educativas especiais das crianças sobredotadas. *

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

4.3 As escolas portuguesas estão preparadas, com materiais e técnicos especializados, para atender às necessidades educativas das crianças sobredotadas. *

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

4.4 Os centros de formação de escolas possuem oferta formativa no âmbito da educação especial. *

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

4.5 As crianças sobredotadas devem ser incluídas em turmas do ensino regular. *

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

4.6 Para conseguir sucesso educativo, as crianças sobredotadas devem usufruir de um plano de desenvolvimento e de estratégias educativas diversificadas pelo professor do ensino regular. *

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

4.7 Os professores do ensino regular possuem formação/conhecimentos para identificar crianças sobredotadas. *

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

4.8 Os professores do ensino regular possuem formação/conhecimentos para trabalhar com crianças sobredotadas. *

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

4.9 As crianças sobredotadas podem revelar dificuldades no desempenho escolar. *

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

4.10. Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve criar situações problema que impliquem a investigação e a procura de soluções. *

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo nem discordo
- Concordo parcialmente

4.11. Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve oferecer liberdade de escolha nos temas a abordar. *

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

4.12. Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve ajudar a gerir o insucesso. *

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

4.13. Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve evitar rotinas e repetições. *

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

4.14. Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve estimular a criatividade na produção artística, facultando os meios necessários para tal. *

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

4.15. Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve aumentar o grau de responsabilidade face ao cumprimento de objectivos. *

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

4.16. Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve promover debates sobre temáticas de interesse geral. *

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

4.17. Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve estimular a superação de limites de uma determinada tarefa. *

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

[Enviar](#)

Tecnologia do [Google Docs](#)

[Denunciar abuso](#) - [Termos de utilização](#) - [Termos adicionais](#)

B - Quadro 10 – Referências bibliográficas do questionário

3- A criança sobredotada	
3.1- As crianças sobredotadas possuem um potencial global que as tornam sobredotadas em todas as áreas acadêmicas.	Winner (1996)
3.2- As crianças sobredotadas são curiosas, não aceitando respostas ou avaliações superficiais.	Tuttle e Becker (1993 cit. por Falcão 1992)
3.3- As crianças sobredotadas são persistentes na realização e finalização das tarefas.	Quadro 1 – Características das crianças sobredotadas Renzulli (1984 cit. por Serra, s/data, Freeman e Guenther, 2000, DEB, 1998)
3.4- As crianças sobredotadas integram-se facilmente, assumindo papéis de relevo social entre os pares e demonstrando felicidade.	Winner (1996)
3.5- As crianças sobredotadas aborrecem-se perante a realização de tarefas de rotina.	Quadro 1 – Características das crianças sobredotadas Renzulli (1984 cit. por Serra, s/data, Freeman e Guenther, 2000, DEB, 1998)
3.6- As crianças sobredotadas apresentam juízo crítico face às suas capacidades e às dos outros.	Quadro 1 – Características das crianças sobredotadas Renzulli (1984 cit. por Serra, s/data, Freeman e Guenther, 2000, DEB, 1998)
3.7- As crianças sobredotadas tornam-se, inevitavelmente, adultos bem sucedidos e criadores.	Winner (1996)
3.8- As crianças sobredotadas revelam elevado interesse e preocupação pelos problemas do mundo.	Quadro 1 – Características das crianças sobredotadas Renzulli (1984 cit. por Serra, s/data, Freeman e Guenther, 2000, DEB, 1998)
3.9- Todos os sobredotados têm características semelhantes constituindo um grupo homogêneo.	DEB (1998); GEP (1990)

3.10- As crianças sobredotadas revelam tendência para assumir a responsabilidade perante as situações.	Quadro 1 – Características das crianças sobredotadas Renzulli (1984 cit. por Serra, s/data, Freeman e Guenther, 2000, DEB, 1998)
4- A criança sobredotada em contexto de escola inclusiva	
4.1- A legislação portuguesa é clara no que concerne ao atendimento educativo às crianças sobredotadas.	Pereira (2004) D.L. 3/2008
4.2- A legislação portuguesa está adequada ao atendimento das necessidades educativas especiais das crianças sobredotadas.	Miranda e Almeida (2002) Bastos (2009)
4.3- As escolas portuguesas estão preparadas, com materiais e técnicos especializados, para atender às necessidades educativas das crianças sobredotadas.	Miranda e Almeida (2002)
4.4- Os centros de formação de escolas possuem oferta formativa no âmbito da educação especial.	Neves (2008)
4.5- As crianças sobredotadas devem ser incluídas em turmas do ensino regular.	Despacho 36/88
4.6- Para conseguir sucesso educativo, as crianças sobredotadas devem usufruir de um plano de desenvolvimento e de estratégias educativas diversificadas planificadas pelo professor do ensino regular.	Despacho Normativo 50/2005 Neves (2008)
4.7- Os professores do ensino regular possuem formação/conhecimentos para identificar crianças sobredotadas.	Neves (2008)
4.8- Os professores do ensino regular possuem formação/conhecimentos para trabalhar com crianças sobredotadas.	Freeman e Guenther (2000)
4.9- As crianças sobredotadas podem revelar dificuldades no desempenho escolar.	DEB (2008)
4.10- Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve criar	Pocinho (2008); Serra (s/d); Neves (2008); Martins (2010); Van Tassel

situações problema que impliquem a investigação e a procura de soluções.	(1980) cit. por Serra (s/d)
4.11- Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve oferecer liberdade de escolha nos temas a abordar.	Pocinho (2008); Serra (s/d); Neves (2008); Martins (2010); Van Tassel (1980) cit. por Serra (s/d)
4.12- Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve ajudar a gerir o insucesso.	Pocinho (2008); Serra (s/d); Neves (2008); Martins (2010); Van Tassel (1980) cit. por Serra (s/d)
4.13- Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve evitar rotinas e repetições.	Pocinho (2008); Serra (s/d); Neves (2008); Martins (2010); Van Tassel (1980) cit. por Serra (s/d)
4.14- Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve estimular a criatividade na produção artística, facultando os meios necessários para tal.	Pocinho (2008); Serra (s/d); Neves (2008); Martins (2010); Van Tassel (1980) cit. por Serra (s/d)
4.15- Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve aumentar o grau de responsabilidade face ao cumprimento de objetivos.	Pocinho (2008); Serra (s/d); Neves (2008); Martins (2010); Van Tassel (1980) cit. por Serra (s/d)
4.16- Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve promover debates sobre temáticas de interesse geral.	Pocinho (2008); Serra (s/d); Neves (2008); Martins (2010); Van Tassel (1980) cit. por Serra (s/d)
4.17- Perante um aluno sobredotado, o professor do ensino regular deve estimular a superação de limites de uma determinada tarefa.	Pocinho (2008); Serra (s/d); Neves (2008); Martins (2010); Van Tassel (1980) cit. por Serra (s/d)